

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS**

**O EVENTO DE 11 DE SETEMBRO NOS EUA E O DISCURSO DA
INTERNET**

Sidney de Campos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Deusa Maria de Souza-Pinheiro Passos

**São Paulo
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS**

**O EVENTO DE 11 DE SETEMBRO NOS EUA E O
DISCURSO DA INTERNET**

Sidney de Campos

**São Paulo
2006**

DEDICATÓRIA

Para minha filha, Beatriz, fonte de inspiração e esperança.
Aos meus pais, pelo apoio e valores que me fazem ir adiante.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Deusa Maria de Souza Pinheiro Passos, pelo privilégio de uma orientação precisa e dedicada, pela atitude compreensiva, paciente, bem humorada e incentivadora nos momentos de maior dificuldade.

Ao Professor Doutor Lynn Mario T. Menezes de Souza e à Professora Doutora Walkyria M. Monte Mór, pelas contribuições durante o Exame de Qualificação.

À Professora Doutora Maria José R. F. Coracini, pela avaliação e incentivo durante o seminário, “Da Letra ao Píxel”, Unicamp, Agosto de 2005.

A todos os docentes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pelo meu desenvolvimento em uma nova maneira de interpretar a realidade.

A todos os colegas e amigos, pelo incentivo e interesse.

RESUMO

Este trabalho é uma análise do hipertexto veiculado pela Internet sob a ótica da Análise do Discurso e da Semântica Histórica da Enunciação. Temos como ponto de partida uma discussão sobre os aspectos do suporte digital de textos e as mudanças que podem causar no processo de construção do significado. O objetivo é estudar os movimentos efetuados durante a navegação pela Internet e verificar se o processo de abertura e fechamento de páginas pode afetar a construção de sentidos.

O corpus foi coletado de um Website jornalístico (CNN.com), o qual cobriu as primeiras horas posteriores ao ataque de 11 de Setembro nos EUA. Esse ato inédito contra o território americano inspirou um grande volume de produção de textos, além de a Internet ter sua primeira chance de cobrir um evento dessa proporção. Assim, tanto o ataque quanto a cobertura dessa mídia podem ter gerado elementos novos que contribuíram para a formação de outros métodos de se escrever e ler a notícia.

Em nossa análise, observamos elementos verbais e não-verbais, bem como a importância desses componentes que não apenas dão forma à identidade do hipertexto, mas também contribuem para o processo de apreensão de sentidos. A ativação desses elementos proporciona à Internet um sistema de operação intertextual que pode demonstrar algumas mudanças na maneira em que as informações são processadas por aqueles que as produzem e pelos outros que as lêem.

PALAVRAS-CHAVE: link(s), home page, hipertexto, Web Jornal, discurso, navegação.

ABSTRACT

This is an analysis of the hypertext in the Internet using principles of Discourse Analysis and Historic Semantics which starts from a discussion about some features of the digital text support and the changes it may be causing in the process of signification. The objective is to study the movements made during the navigation of the Internet and verify if the process of opening and closing pages may affect the meaning formation.

The corpus has been collected from a journalistic Website (CNN.com) that covered the first hours after the attack of September 11th in the USA. This unprecedented act against the American territory inspired an enormous amount of text production and the Internet had the first chance of covering an event of such a magnitude. Therefore both the attack and this media coverage may have provided firsthand elements that may have helped to found different methods of writing and reading the news.

In the analysis we have observed verbal and non-verbal elements and the importance of these components that not only format the identity of the hypertext but also contribute to the process of meaning apprehension. The activation of these elements gives the Internet a system to operate inter-textual relations that may show some changes in the way information is processed by ones who produce it and the ones who read it.

KEY WORDS: link(s), home page, hypertext, Web Journal, discourse, navigation.

SUMÁRIO

Resumo	05
Abstract	06
Introdução	08
Capítulo I	
AIGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	30
1.1 O virtual e o real	30
1.2 A discursividade	34
Capítulo II	
OS ITENS DA MATERIALIDADE HIPERTEXTUAL	42
2.1 Efeitos da materialidade do <i>.com</i>	42
2.2 Semelhanças e diferenças entre o jornal digital e o jornal em papel	45
2.3 A coletivização das informações.....	58
2.4. Deslocamentos de sentido no domínio da Internet	61
Capítulo III	
ELEMENTOS COESIVOS DO HIPERTEXTO	67
3.1. A importância dos links na construção do sentido.....	67
3.2. Características de cada página.....	72
3.3. Combinações hipertextuais	83
3.4. Mudanças na home page	93
3.5. Simplificação das formulações	99
Considerações finais	104
Referências Bibliográficas	108
Anexos	113

INTRODUÇÃO

Em nossa experiência de vinte e três anos como professor de língua estrangeira, de dezesseis anos como professor de língua estrangeira e língua portuguesa em cursos de graduação em uma universidade privada e de um ano como professor de língua portuguesa no ensino fundamental de uma escola particular, observamos uma grande mudança no hábito de leitura dos alunos. A popularização da utilização da Internet, tanto como material para fonte de pesquisa como para leitura, está aumentando cada vez mais.

Até o fim dos anos 80, a Internet era um obscuro brinquedo tecnológico, usado basicamente por pequenos grupos de fanáticos por computadores. Desde então, ela se transformou na maior rede de computadores com maior crescimento no mundo inteiro com cerca de 300 milhões de PCs, em mais de 150 países, que estarão conectados à Internet na virada do século, de acordo com uma pesquisa da Merrill Lynch¹. A rede se expandiu 50% a cada ano durante a década de 90, impulsionada pelo interesse dos usuários comuns de computadores na World Wide Web e nas demais ferramentas da Internet. (DIZARD, 2005, p. 24)

Pouco a pouco, as instituições de ensino contribuíram para esse processo de difusão e aumento de interesse. Para tanto, disponibilizaram computadores aos alunos em laboratórios de informática; começaram a fazer a divulgação de si mesmas por meio de páginas na *Web*, promovendo o processo de admissão nas universidades por meio de recursos como “exames virtuais” e, mais recentemente, adotando a geração de atividades que complementam a carga horária, as quais devem ser cumpridas *on-line*.

Durante esse processo, temos também observado a adoção de posições antagônicas. De um lado, há aqueles que defendem a utilização de textos da Internet como fonte de pesquisa e meio de produção, e do outro, há aqueles que chegam a proibi-la. Alguns também caem em generalismos como “mais da metade do que está lá na Internet é bobagem”, ou que ela é “uma ferramenta democrática de acesso à informação”. A partir desses posicionamentos extremos, observamos a necessidade

¹ Empresa internacional de consultoria que oferece serviços a governos, empresas e instituições. (Disponível em <[http:// www.ml.com](http://www.ml.com).> Acesso em: 03/07/2006).

de um estudo cada vez mais aprofundado para compreender melhor os desdobramentos desse nosso contato cada vez mais intenso com o hipertexto². Sobre esse contato, Kerckhove (1993, p. 57) postula o seguinte:

Quase da forma que o alfabeto reduziu a nossa experiência sensorial a uma única linha de sentido, a digitalização reduz hoje a nossa experiência mental e orgânica a uma seqüência de informações codificadas. Mas entre os livros e a hipermídia³ de hoje, a diferença fundamental reside em que a hipermídia permite a re-tradução desse código comum fora do espaço do espírito e dos sentidos humanos. Não é difícil se dar conta de que os livros podem nos fazer interiorizar (e o fazem com efeito) a maior parte, e mesmo toda a nossa experiência externa da vida real potencial, os computadores, por sua vez, coletam o material interno – nossos processos mentais mais preciosos – para levá-los para o exterior, nas telas.

Se as experiências sensorial, mental, orgânica e humana estão em parte sendo transformadas em uma seqüência de informações codificadas pelos computadores, talvez haja uma fração desse efeito ocorrendo no espaço da Internet, que utiliza a tecnologia de informação como suporte para a realização dos textos. Portanto, o nosso interesse é investigar de que forma isso acontece para melhor procurarmos entender alguns dos fenômenos decorrentes do processo de leitura do público que utiliza a Internet como fonte de leitura ou como material de pesquisa bibliográfica.

Anteriormente, quando as leituras e as pesquisas de caráter escolar eram dominadas pela utilização de livros ou artigos impressos em suporte de papel, o contato com esse material propiciava uma experiência contida no espaço dos sentidos humanos, numa espécie de relação individual e de intimidade com o texto, favorecendo a construção de uma imagem mental na qual nos inseríamos e fazíamos analogias, num “conjunto de enunciados que se atualizavam em relações recíprocas e que davam origem a uma estrutura finalizada da construção de um sentido”. (Bettetini, 1993, p. 66)

² “Texto eletrônico que fornece acesso instantâneo, por meio de *links*, a outro hipertexto dentro de um documento ou em outro documento”. (cf. Pinho, 2003, p. 241)

³ “Todos os métodos de transmissão de informações baseadas em computadores, incluindo texto, imagens, vídeo, animação e som”. (cf. Ferrari, 2004, p. 99)

Com o advento do hipertexto, o cenário pode ter recebido o acréscimo de uma nova dimensão, uma tecnologia que provoca o surgimento de uma nova linguagem, a qual afeta as condições do exercício do pensamento (Luz, 1993, p. 50). A imagem analógica composta interiormente, num processo em que o leitor era o coletor de uma materialidade textual para construir o sentido, passa a ter uma outra opção em que a formação de imagens internas é substituída pelas imagens da tela do computador. A construção das imagens analógicas deixa de ser a única, pois outras já estão previamente concebidas no ciberespaço. O processo interno, em que o leitor podia conceber as próprias imagens a respeito do texto que lia, passa a sofrer a concorrência de uma interferência externa, destacada por uma iconografia planejada para chamar a atenção do leitor.

Com isso chegamos até mesmo a nos indagar se a própria essência do sujeito – essa famosa essência atrás da qual a filosofia ocidental corre há séculos – não estaria ameaçada por esta nova “maquino-dependência” da subjetividade. Sabemos da curiosa mistura de enriquecimento e empobrecimento que resultou disso tudo até agora: uma aparente democratização do acesso aos dados e aos saberes associada a um fechamento segregativo de suas instâncias de elaboração. (...) Mas ao invés de se associar às cruzadas tão em voga contra os malefícios do modernismo, ao invés de pregar a reabilitação dos valores transcendentais em ruína ou de entregar-se, como o pós-modernismo às delícias da desilusão, pode-se tentar recusar o dilema de ter que optar entre uma rejeição crispada ou de uma aceitação cínica da situação. (GUATTARI, 1993, p. 177)

Se a relação do leitor com o texto tem uma nova opção por meio do hipertexto, e assumindo que o hipertexto tenha características diferentes dos demais tipos de texto, podemos estar diante de um momento de mudanças na construção da subjetividade. Segundo Lévy (1996, p. 37), “as linguagens e os sistemas de signos induzem nossos funcionamentos intelectuais, e isso pode significar que não estamos passando ilesos às influências de toda essa nova hipertextualidade maquino-dependente, criando um novo suporte para o desenvolvimento do raciocínio e da expressão que merece estudos e reflexão”.

Tanto a democratização quanto a segregação da informação, tanto o enriquecimento quanto o empobrecimento trazidos pela Internet são objetos merecedores de reflexão, pois são parte de uma nova realidade que ainda está

gerando fenômenos cujos estudos podem ajudar a compreender melhor as possíveis construções de sentido geradas a partir da utilização desse suporte informacional de textos. Segundo Silva (2003, p. 14), “essa nova realidade também recoloca a importância do domínio da escrita ‘num mundo que até recentemente tendia à hegemonia das imagens da televisão’”; em outras palavras, o texto escrito volta a ocupar uma posição que parecia ter perdido com o advento de outros meios que priorizavam o som e a imagem. Portanto, a discussão da Internet sob parâmetros dicotômicos precisa avançar para um âmbito mais científico, promovendo uma evolução na maneira de analisar algo que parece ser novo, o resgate do texto escrito sob um novo suporte que pode afetar o processo de leitura.

“Há uma chance de que a Internet seja uma nova maneira de obter informações e de fazer uma sociedade inteligentemente” (Lévy op. cit.), mas não é possível que os educadores simplesmente assistam à emergência desse fenômeno sem fazer a reflexão necessária a uma visão crítica. É necessário compreender as formas alternativas de subjetivação que estão surgindo nesse processo para que novas formas de interpretação fiquem a nossa disposição, favorecendo uma postura mais analítica a respeito do hipertexto e contribuindo para a compreensão do funcionamento desse domínio. “Por isso, é muito importante a compreensão da publicação de conteúdo na *Web*. Não é uma versão eletrônica do papel, mas uma maneira nova de construção.” (Silva, 2003, p. 43)

Em nosso estudo, esperamos contribuir para a desmistificação do hipertexto da Internet, sem rejeitá-lo cinicamente ou aceitá-lo placidamente, mas buscando compreender o caráter epistemológico do fenômeno, a fim de obter uma postura mais crítica sobre a utilização do hipertexto como material de leitura ou de referência para as leituras e pesquisas de nossos alunos. Tencionamos desenvolver um modo de olhar que nos permita compreender melhor a influência e os efeitos que tais textos podem causar na construção do processo de leitura. Para isso, à medida que avançarmos em nossa análise, procuraremos concentrar nossa atenção em algumas questões que nos servirão de orientação para manter o foco de nossos estudos. São elas:

- Quais as características da leitura hipertextual?

- Quais outros fatores diferenciam a leitura do texto de suporte eletrônico da leitura de suporte em papel, além da questão tecnológica?
- Com base no *corpus* selecionado, quais efeitos podem ser originados no processo de abertura e manuseio de páginas e *links*?

Isso posto, passamos à discussão e reflexão do nosso objeto de estudo.

UMA LEITURA MULTIFACETADA

A Internet coloca ao nosso dispor uma amplitude multifacetada de leitura, apresentando imagens e textos dinâmicos sobre uma mesma tela de computador. Diferentemente do texto sobre papel, no hipertexto, cada imagem e cada *link*⁴ é uma porta para outra página por meio do uso de um cursor. Esses *links* podem levar-nos a outras telas – ou páginas – que conterão também outros *links* que nos conduzirão a novas aberturas, e assim por diante. Dessa forma, a abertura de páginas parece construir um processo de abertura de muitas faces aparentemente diferentes umas das outras.

A leitura do texto da Internet apresenta algumas semelhanças à do texto em papel, mas em virtude de suas características de acessibilidade e suporte, o hipertexto incorpora elementos distintos que podem provocar uma variação no seu processo de leitura, dotando seus enunciados de uma materialidade que se assemelha à do texto em papel, mas não o reproduz.

Dentre os verbos utilizados para descrever o processo de leitura na Internet, temos *navegar*, *surf*, *passar*, os quais nos remetem à construção de uma imagem mental, a de uma jornada de superfície e aparentemente sem compromissos. Na leitura “tradicional”, encontramos verbos como *digerir*, *incorporar* e *absorver*, verbos estes que nos remetem a uma jornada mais profunda que *surf*. Nessa perspectiva, pode-se inferir que a leitura tradicional é mais profunda ou consistente, enquanto a leitura da Internet é mais superficial ou efêmera. Contudo, ao assumir esse

⁴ “Elemento básico do hipertexto que oferece um método de passar de um ponto do documento para outro ponto do mesmo documento ou de outro”. (cf. Ferrari, 2004, p. 99)

posicionamento dicotômico, pode-se deixar de lado a análise do fenômeno e os efeitos decorrentes da construção hipertextual.

Além das possíveis modificações diárias em cada página inicial da Internet, cada acesso pode seguir uma rota diferente de abertura, rota esta que produz uma leitura de páginas em outras ordens que reformulem as anteriores. Nesse aspecto, a informação estática do texto impresso em papel contrapõe-se à impressão dinâmica do hipertexto. Por um lado, não somente a cada dia, mas também a cada hora que se abrir uma página da Internet, será possível encontrar uma alteração em seu conteúdo, seja ela parcial ou total. Por outro lado, a ordem escolhida para se abrir as páginas pode também ser diferente da anterior. Esses aspectos criam a imagem de um texto "em constante movimento", eternamente "inacabado", não fixo, não definitivo, em outras palavras, que pode ter várias faces.

A MATERIALIDADE DO HIPERTEXTO

Os textos redigidos nas páginas da Internet apresentam uma problematização referente a sua delimitação e definição; são textos que ocupam o universo da Internet e que podem ser acessados de qualquer ponto do planeta por meio da *World Wide Web* (ou "WWW"). Uma primeira hipótese é designá-los "textos virtuais", utilizando-se a nomenclatura que já faz parte do senso comum. Porém, o termo "virtual", e algumas de suas variações morfológicas e desdobramentos semânticos, serão utilizados no decorrer deste trabalho, e isso pode causar alguma interpretação confusa mais adiante. Portanto, empregaremos o termo "hipertexto", apropriando-nos da terminologia utilizada por Lévy (op. cit.) "um hipertexto de suporte informático", que não dependerá do suporte de papel para ser visualizado.

Essa primeira definição resolve um dos impasses para começarmos a circunscrever esse hipertexto. Contudo, ainda permanece a outra problematização referente à delimitação de uma "unidade textual", ou seja, se o hipertexto é somente a página momentaneamente visível numa tela de computador ou se ele somente pode estar completo se forem considerados todos os *links* a ele relacionados. Em

outras palavras, ao abrir uma página inicial - a *home page*⁵ sobre um determinado assunto na Internet -, é possível sabermos por onde começar nossa leitura, ou seja, é possível escolhermos a página inicial como a primeira a ser lida. Todavia, a dúvida encontra-se em definir o ponto em que vamos interrompê-la e a trilha que vamos percorrer.

Quando pensamos em um texto qualquer, sem necessariamente tê-lo em mãos, uma primeira imagem mental possível é a da definição básica de um texto geralmente impresso em papel, ou seja, a de um corpus estático que se inicia por uma introdução, passando por um desenvolvimento e se finalizando numa conclusão. Essa é uma visão tradicional de um texto que causa a sensação de tornar sua delimitação mais fácil. No entanto, se tentarmos aplicar a mesma concepção ao hipertexto, podem se encontrar algumas diferenças.

O hipertexto torna-se visível temporariamente na tela de um computador que não apresenta o mesmo formato descrito acima, uma “unidade textual” comumente verificada nos textos de suporte em papel. Há todo um universo de ícones, *links*, anúncios, *pop-ups* que podem ou não estar diretamente relacionados ao conteúdo daquele texto visível naquele momento. Trata-se de uma “unidade monádica” (Parente, 1993), feita de um fluxo de entrelaçamento de informações que não pára de se constituir e reconstruir a partir da visualização ou do acionamento de toda a iconografia que está ou se torna visível na tela.

Poderemos estar diante de um fenômeno em que “o texto não pode mais ser pensado como algo estático, delimitável ou tangível” (Plaza, 1993, p. 80), mas como algo cujos limites são flexíveis e a materialidade é intangível. Em outras palavras, será preciso considerar se aquela “unidade textual” visualizada momentaneamente na tela compõe um texto, ou se ele é composto pelo número de páginas possíveis de serem mostradas em uma tela de computador à medida que o internauta⁶ abre os acessos por meio dos *links* visualizados ali.

“O meio eletrônico de produção de textos que faz parte de nossas discussões, a Internet, parece também não se contentar com seu papel de meio e avançar para o

⁵ “Página principal de um site na Web. Elas geralmente contém *links* a locais adicionais dentro do *site* ou *sites* externos”. (cf. Pinho, 2003, p. 242)

⁶ Utilizaremos o termo “internauta” para nos referirmos ao usuário da Internet, aquele que lê os textos, manuseia as páginas do hipertexto e “navega” de uma página para a outra.

âmbito da composição do sentido da mensagem” (Santos, 2003, p. 101). Esse meio modifica a escala das relações humanas com o texto, possibilitando o surgimento de algo que é diferente do texto em papel. Um texto com a constante possibilidade de mutação por meio de um processo permanente de construção e reconstrução de sentidos, favorecidos pela possibilidade tecnológica constante de inserção de atualizações e fatos novos e com um número de portas por onde vários leitores podem entrar e sair ao mesmo tempo, saltando para dentro e para fora do mesmo texto e ainda com a possibilidade de deslocarem-se para outros pontos ou páginas por meio dos *links*. A imagem daquele texto em papel tradicionalmente estático contrapõe-se a esse hipertexto dinâmico que pode ser constantemente atualizado, numa velocidade muito maior que a do outro.

A QUESTÃO DA VIRTUALIDADE

À medida que avançamos, começam a ficar mais visíveis as particularidades do processo de leitura e desenvolvimento do texto da Internet e as diferenças que possivelmente afetam a instauração de sentidos. Segundo a ótica de Lévy (1996, p. 15), “o material que o leitor agora tem em mãos não é inicialmente um texto realizado”, ou seja, que saiu do mundo virtual (ou de potenciais de existência) para se alojar no mundo possível (em que passa a ser uma concepção esperando a existência) e finalmente tornando-se um texto realizado (dotado de existência física). Ao ligar um computador e acionar o navegador, o leitor acessa a fonte de textos possíveis⁷ que já estão no *World Wide Web*. Possíveis, mas não virtuais, pois eles não se alojam no nível potencial de existência, e sim no de concepções previamente determinadas em um universo tecnológico. Eles ainda não se apresentam de imediato como um texto reconhecível, pois ainda não estão em linguagem que seja decifrável pela leitura humana, são um conjunto de impulsos elétricos que aguardam um acesso para serem realizados na forma de um texto na tela do computador.

⁷ Lévy usa termos como virtual, possível, realizado e atual. Essa nomenclatura atende nossa necessidade de definir as diferentes fases de elaboração de um hipertexto. Quando ainda não foi concebido e é apenas parte de um repertório do autor; quando a idéia é elaborada; quando passa a ter dotação física; e quando é lido.

Portanto, ao abrirmos uma página na Internet, permitiremos a realização de um *soft copy* monádico, disponível para a atualização do leitor.

Na atualização, temos a participação humana e é ela que permite a abertura de espaço para o sentido. Dessa forma, os dois tipos de texto (papel e eletrônico) permitem isto, a abertura para a interação do espaço mental com o texto. Porém, diferentemente do *hard copy*, o *soft copy* da Internet é não somente atualizado pelo leitor, mas também realizado na frente deste e aparentemente por sua opção. Será a navegação que permitirá que o texto deixe de ser possível para ser real, um fenômeno que adicionará ao leitor o papel de realizador, extrapolando seu papel de atualizador. Ele “desarticula a relação clássica emissor-receptor, revitalizando-a pela interatividade e pela possibilidade de escolher o modo de diálogo” (Plaza, 1993, p. 81). A impressão construída é a de que, por um breve momento, ocorre uma relação do internauta com o hipertexto que revitaliza o processo de leitura pelo poder de escolha para abrir e reorganizar a ordem das páginas do jeito que desejar. “Na Web, os visitantes controlam praticamente tudo. Como internauta, cada leitor pode até transformar-se em narrador”.(Lanson⁸, *apud*, Ferrari, 2004, p. 75). Esta é uma impressão construída pelo ato de “navegar”, que na Internet significa “procurar informação na *Web*”, mas que também poderá fazer parte do processo de construção de sentidos que discutiremos a seguir.

A NAVEGAÇÃO COMO UM PROCESSO DE GERAÇÃO DE MENSAGENS

Os internautas, migrando de uma página para outra e “realizando” textos, deixam pistas que podem ser seguidas por programas de monitoramento. “Quando uma pessoa visita um site e pede um documento, o pedido é gravado pelo servidor em arquivos log, um para cada site hospedado naquele servidor”. (Pinho, 2003, p. 152). Se o percurso do internauta for catalogado, estaremos diante da montagem de um outro texto, possível graças à trilha composta por meio da visitação das páginas da Internet que nosso leitor abriu durante a navegação.

⁸ Jerry Lanson é um jornalista norte-americano responsável por uma coluna no site “On-line Journalism Review”. Para ele, será fundamental se criarem novas maneiras de se contar uma história, e não simplesmente de desenhá-la. (Cf. Ferrari, 2004, p. 75)

Duas novas problematizações emergem então. Em primeiro lugar, há o surgimento de um enunciado a partir do caminho de abertura de *links* percorridos pelo leitor na busca de informação. Esse enunciado tem um receptor, o próprio site onde a informação está hospedada e que irá “interpretar a evolução do usuário dentro do site por meio do clique do mouse, ou seja, o histórico do usuário dentro do Web site e avaliar as preferências intrínsecas do usuário”. (Ferrari, 2004, p. 66). Em segundo lugar, ao fazer tais conexões entre os hipertextos, o internauta promove uma integração de sentidos, sedimentando um percurso entre idéias que podem não ter sido inter-relacionadas anteriormente. Em mais esse ponto, o *soft copy* (o hipertexto) diferencia-se do *hard copy* (o texto de suporte em papel). Várias aberturas de páginas poderão produzir uma interatividade de textos simultaneamente por meio das conexões originadas pela agregação homem-máquina. Conexões hipertextuais serão originadas pelos acionamentos de páginas e *links*, efetuados durante as buscas, compondo percursos que ficam registrados eletronicamente na *Web*. Como resultado da realização desses hipertextos, poderá surgir uma composição monádica que passará a fazer parte do universo possível.

As composições surgidas nesse processo também podem alojar-se no espaço virtual, permanecendo lá como uma potência de existência para ser transformada em um texto possível e para que fique disponível numa próxima busca.

Essa interatividade transforma a leitura em um ato de escrita e a Internet em um espaço virtualizante (Lévy, 1996). Um ato de escrita devido às trilhas que ficam registradas durante a busca e pela necessidade do leitor de completar a pesquisa que iniciou, buscando a satisfação da sua necessidade de “plenitude de leitura⁹” por meio da conexão de *soft copies* que realizou e atualizou.

Nosso objetivo não é dizer que o processo de reintegração ao virtual depois da atualização somente ocorre na Internet. Isso também ocorre na leitura convencional, em que o percurso do leitor entre os vários textos que venha a investigar na busca da completude de informação pode também criar novos textos a partir de uma relação inter-textual. Porém, estes ficarão, num primeiro momento, restritos à experiência individual daquele leitor. Na Internet, o percurso fica registrado pelos dispositivos

⁹ Entendo como plenitude de leitura o momento em que um internauta deixa de navegar, ou de buscar informação na Internet, por considerá-la suficiente ou, por outro lado, insatisfatória.

tecnológicos e passa a incorporar um espaço partilhado pelos internautas. Portanto, ao visitar um centro de propagação de textos e migrar de um centro para outro ou de um texto (mônada) para outro, o internauta também produz e propaga. Esse fato faz emergir um novo desdobramento. Além de leitor e “produtor de texto”, esse internauta torna-se um propagador, pois sua ação ocorre dentro de um espaço partilhado, controlado e acessível a todos que o visitam como também aos próprios organizadores do material visual da Internet, os quais podem utilizar essas trilhas como caminhos de referência para o desenvolvimento de novos textos, alteração de páginas ou a inserção de novos *links*.

Os centros emissores e propagadores desses textos, as páginas da Internet, não estão sozinhos. A relação entre os “emissores” e os “receptores” pode ter alcançado mais uma dimensão, pois o internauta não apenas recebe a informação, mas interage com ela e com seu meio de propagação. Não somente por meio de uma leitura individual do texto, mas também numa relação propagadora de sentidos construídos pelos movimentos de sua navegação simultaneamente à dos outros. Se pensarmos que um considerável número de internautas faz isso, poderemos visualizar a imagem de um fórum em constante movimentação. Textos possíveis sendo realizados, atualizados, inter-relacionados, retornando ao espaço das informações codificadas eletronicamente, para novamente serem reorganizadas pelos centros propagadores, tornadas possíveis, realizadas, atualizadas e assim por diante.

Esse aspecto de constante reorganização por meio das “mensagens” enviadas pelos internautas parece ficar mais visível quando discutimos um Web Jornal¹⁰, uma maneira digital de se praticar o jornalismo, cujo conceito operacional é definido sinteticamente por Gonçalves¹¹ (*apud*, Pinho, 2003, p. 58) como:

Todo produto discursivo que constrói a realidade por meio da singularidade dos eventos, tendo como suporte de circulação as redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia por onde se

¹⁰ Denominação criada para nomear o jornal da mídia eletrônica, ou Internet, por meio de uma metáfora com a mídia impressa. (cf. Pinho, 2003, p. 185)

¹¹ GONÇALVES, Elias Machado. *La estructura de la noticia en las redes digitales; un estudio de las consecuencias de las metamorfosis en el periodismo*. Barcelona, 2000. 51 f. Tese (Doutorado em Jornalismo e Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências da Comunicação, Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona.

transmitam sinais numéricos e que comporte a interação com os usuários ao longo do processo produtivo.

Portanto, a rede digital preserva, por um lado, uma das características do jornalismo, que é a construção da realidade por meio da expressão da singularidade dos eventos, mas tem a rede telemática como suporte, comportando uma relação com os usuários que se integra ao processo produtivo do hipertexto.

Essa integração, segundo a jornalista Pollyana Ferrari (2004) manifesta-se quando, ao promover a troca de chamadas e fotos no texto, observa-se que os acessos crescem e os leitores ficam satisfeitos. Em outras palavras, pode-se dizer que os acessos desempenham o papel de mensagens geradas pelos movimentos do internauta enquanto “folheia” as páginas do Web Jornal, e essa integração pode causar alterações nas páginas, numa velocidade muito maior que a do jornal em papel. Vejamos quais outras conseqüências podem ocorrer a partir da leitura desse meio propagador de informações.

A LEITURA DO JORNAL DA INTERNET

O processo de leitura de um texto em papel não precisa necessariamente ocorrer de forma linear e individual, ou seja, um leitor e um texto de cada vez. No caso de um jornal em suporte de papel, por exemplo, ocorre também uma leitura simultânea por um universo de leitores em várias localidades. Portanto, não é apenas esse processo de leitura coletiva por leitores múltiplos em lugares diferentes, ou de desterritorialização do texto, que torna o hipertexto diferente de seu predecessor em papel. Uma diferença possível pode situar-se no âmbito da acessibilidade. O percurso seguido no hipertexto do Web Jornal pode guardar algumas pistas para entender essas diferenças.

O jornal da Internet permite mudanças e atualizações constantes. Uma página de um jornal na Internet pode ser atualizada e ter seu conteúdo modificado quantas vezes forem necessárias. “Textos e *links* podem ser modificados, adicionados, retirados e corrigidos, causando uma sensação de mudança constante, oferecendo-se ao leitor como um *polvo visual*” (Plaza, 1993, p. 86) de tentáculos compostos pela iconografia da interface gráfica.

“O texto em papel é tangível, estático e preso a um suporte, ou “hard copy”, o outro é intangível e mutável, um “soft copy” (o hipertexto) que pode ser distribuído por muitos meios de maneira mais rápida e fácil” (Plaza, op.cit. p. 77). Essa característica de intangibilidade, determinada pelo suporte eletrônico, permite a distribuição, através da rede de computadores interligados à Internet, e a alteração do conteúdo, pois a plataforma tecnológica do hipertexto permite a abertura constante desse conteúdo para uma permanente mudança e para também alterar a distribuição dos *links* na página, possibilitando diferentes ordens de acesso e talvez disponibilizando outras combinações, construções e formulações, até mesmo se os conteúdos dos textos em si não forem alterados.

Uma outra diferença de um jornal da Internet com relação ao jornal impresso é que vários jornais podem também ser lidos de um modo mais ou menos simultâneo. O suporte digital do computador permite que um mesmo usuário possa abrir várias páginas da Internet ao mesmo tempo, tantas quantas a capacidade de processamento de seu equipamento permitir. Isso favorece o acesso a uma quantidade mais numerosa de páginas de informação. Esta outra característica que afeta o funcionamento do jornal da Internet favorece a criação e mais uma mistificação a respeito dela própria, a de que ela mesma seja uma fonte abundante ou até mesmo “infinita” de informações, “um complexo de informações tão variado, que a simples percepção humana não é mais capaz de elucidar” (Senra, 1993, p. 165).

Discutimos até então as características do hipertexto e de seu processo de leitura. Levantamos também, *grosso modo*, algumas das concepções existentes a respeito do Web Jornal. Todavia, para que nosso trabalho comece a tomar dimensões mais específicas, passaremos a descrever como foi o processo de escolha e delimitação do *corpus* de nossa pesquisa. Nele, investigaremos os pontos que buscamos compreender melhor.

DELIMITAÇÃO DO CORPUS

Para que tenhamos uma rota de investigação, selecionamos como *corpus de análise* textos sobre 11 de Setembro¹² em um *website* americano. Além da sua relevância histórica, esse tema foi e ainda é amplamente discutido na Internet, parecendo ter contribuído para a construção de um terreno fértil para tentarmos entender o processo de formação de sentidos por meio da articulação dos elementos presentes na página de um Web Jornal. Dessa forma, para chegarmos à escolha do corpus, passamos pela trilha basicamente percorrida por um internauta que faz uma busca pela informação na Internet, ou nas palavras de Silva (2003, p. 123), “um ‘leitor’ que ‘escaneia’ a página que aparece na tela iluminada do computador, sem efetuar uma leitura palavra por palavra”.

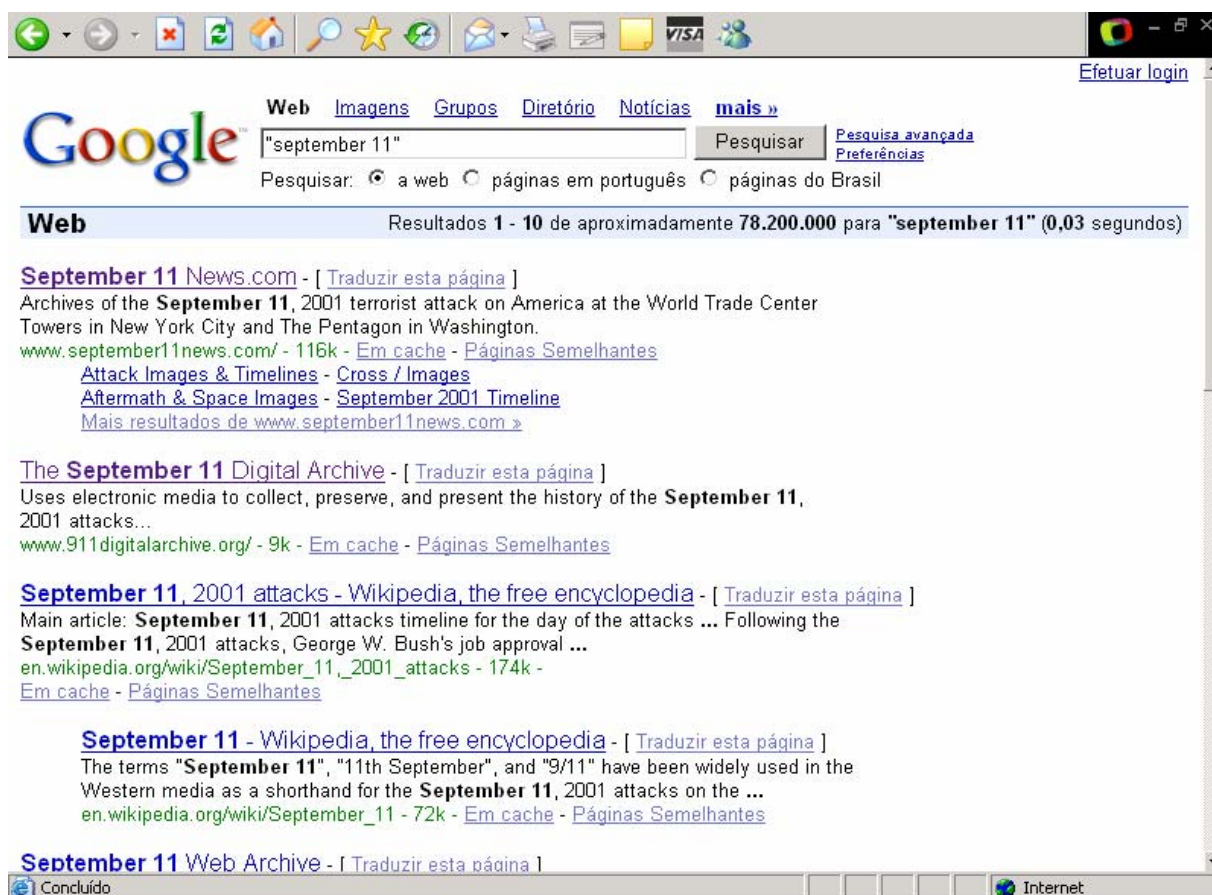


Figura 01.

¹² Onze de setembro de 2001 foi o dia em que ocorreram os atentados terroristas contra os EUA, culminando no desabamento das torres do *World Trade Center*. Nesse dia, vários *websites* colocaram noticiários na rede que eram reabastecidos a cada minuto.

Primeiro, a conexão da linha e a abertura da página inicial do provedor. Depois, o descarte deste e a substituição por uma ferramenta de busca (no nosso caso o “Google”). E então, a digitação das palavras-chave, “September 11”, e o acionamento do dispositivo de busca que finalmente apresentou-nos um grande número de possibilidades. Essas possibilidades eram mostradas na forma de endereços e fragmentos de textos que continham, entre outras, as palavras “September 11”, distribuídas conforme visto na Figura 01.

Começava a se abrir um caminho de busca formado pelas trilhas sugeridas tanto pelos signos que havíamos digitado quanto por outras palavras contidas nos fragmentos de texto dispostos nas informações sobre os *links* demonstrados pela ferramenta de busca. Selecionamos algumas possibilidades de abertura e descartamos outras, principalmente aquelas que não continham as palavras que, de alguma forma, se articulassem com o assunto que estávamos buscando ou que no mínimo causassem essa primeira impressão.

Nesse processo, algumas páginas foram abertas para verificarmos se o conteúdo atendia ou frustrava as expectativas (de se encontrar notícias sobre 11 de setembro), acionadas pelas outras palavras-chave contidas nos *links*, além de “September 11” que era constante em todas.

Finalmente, depois de um considerável intervalo de tempo seguindo esse procedimento, deparamo-nos com a página “*Internet Archive Wayback Machine.htm*”, conforme a Figura 02 a seguir, a qual apresentava uma outra opção de *link* descrita como <http://cnn.com/>. Estávamos, até então, procurando um arquivo de relatos jornalísticos na Internet que contivesse um número de histórias, escritas em inglês, sobre 11 de Setembro e descobrimos que a CNN tinha um.

Nosso primeiro propósito não era necessariamente abrir a página da CNN, não era esse o objetivo de nossa busca, e sim encontrar textos em Inglês sobre 11 de Setembro em *websites* americanos. Todavia, certas palavras-chave instigaram nossa curiosidade e afetaram a nossa tomada de decisões durante o percurso.

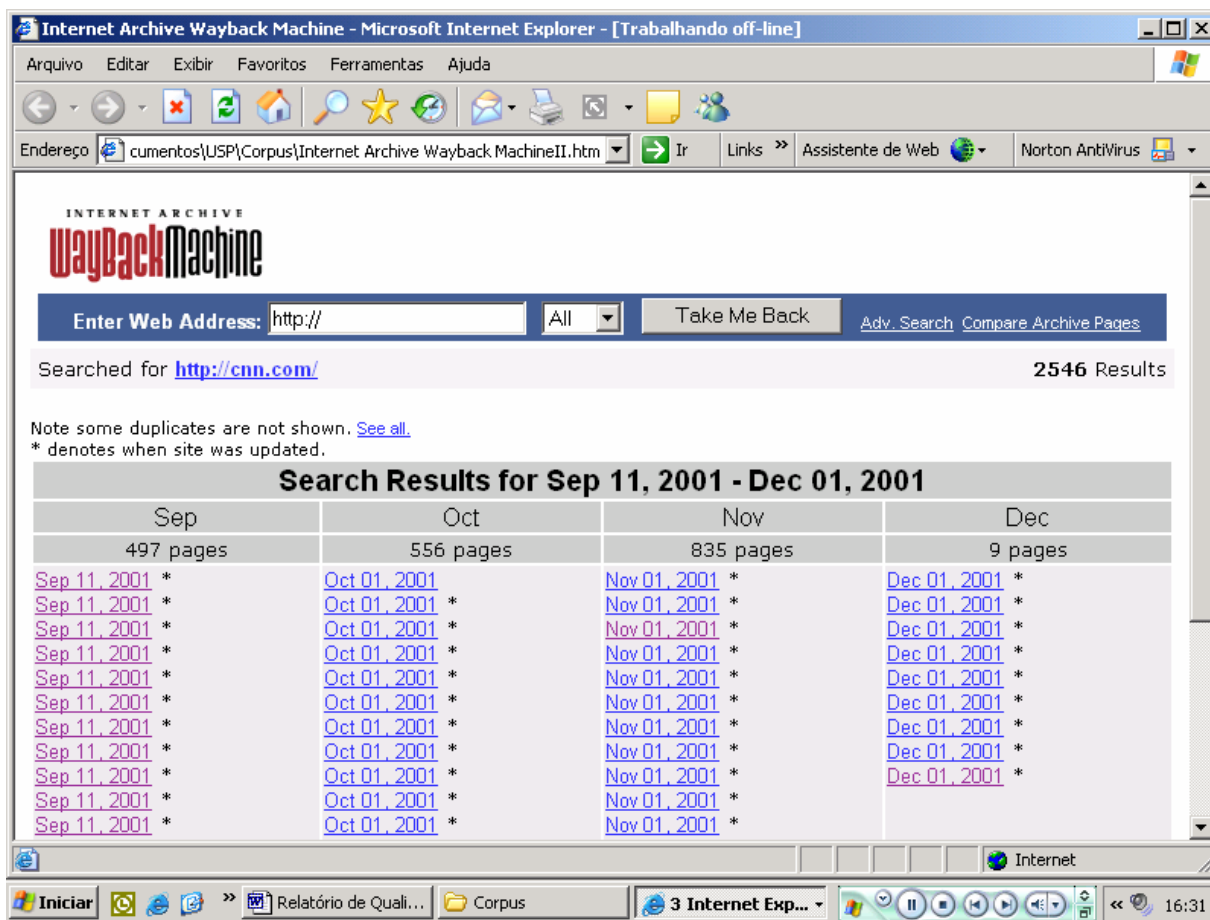


Figura 02.

Segundo Pinho (2003, p. 102), “o recomendável é mostrar séries em listas numeradas (apropriadas para aumentar a efetividade de uma lista de instruções) ou em listas com marcadores”. Em outras palavras, os signos utilizados para identificar os acessos de um *site* são criteriosamente escolhidos pelos organizadores do próprio para figurarem nas bases de dados dos mecanismos de busca, aumentando a possibilidade de a página ser encontrada mais facilmente e chamando a atenção do internauta. Palavras como “*Archive*” sugerem a disponibilidade de uma abundância de textos sobre um assunto e o nome “CNN” sugere a disponibilidade de um acervo sob a responsabilidade de uma organização jornalística que tem acompanhado ao vivo os fatos mais importantes do mundo desde a Guerra do Golfo, momento histórico em que CNN tornou-se mundialmente visível. E, ainda, a disponibilização de uma lista de *links* (que começam no mês de setembro e terminam em dezembro), acompanhada de datas que começam por uma primeira coluna inteira com a

inscrição “Sep 11, 2001”, demonstravam visualmente que poderia estar ali o material da busca.

Essas foram as pedras da trilha em que pisamos, e foram também as pegadas que deixamos até o momento, já favorecendo a construção de alguns sentidos nessa trilha. Para os instrumentos de monitoramento da Internet, um (ou mais de um) internauta escolheu a CNN como fonte de informação sobre 11 de Setembro, dado que passa a constar nos bancos estatísticos de um ou mais organizadores das páginas visitadas até aquele momento.

Palavras-chave, as quais se relacionavam ao tema da busca e foram encontradas em cada *link* da “Google” que abrimos, exerceram uma função semelhante à de um índice, uma instrução de como se saber do que se trata e onde pode estar o texto por trás daquela palavra (Guimarães, 2002). Algumas delas eram *hiperlinks*, destacados por cores diferentes (predominantemente azul) das cores do restante do fragmento de texto (predominantemente preto), sugerindo uma porta de entrada para um outro espaço.

Outros signos, marcados graficamente em outras cores (verde, por exemplo) ou em negrito, também nos forneceram pistas adicionais de onde os textos que procuramos poderiam estar e do que poderiam conter. Ao realizá-los, torná-los visíveis na tela, foi efetuada a primeira apreensão de algo que ocupava o universo de textos possíveis ou previamente codificados em impulsos eletrônicos.

Dando continuidade ao processo de realização, abrimos o *link* que nos levou à página da figura 2. Na primeira coluna à esquerda dessa página, havia uma lista de novos *links* com a inscrição “Sep 11, 2001”, um indício, marcado pela contínua repetição, de que o alvo da busca poderia estar ali. Ao abrir o primeiro *link* no topo da primeira coluna à esquerda, posição que causava a impressão de ser aquela a primeira página sobre o assunto, gerada por aquele provedor, encontramos a página a seguir (figura 03).

The screenshot shows the CNN.com website during the 9/11 attacks. The main headline is "AMERICA UNDER ATTACK" with a sub-headline "CNN EXCLUSIVE" and a photo of the World Trade Center towers on fire. The text below the photo reads: "At 8:45 a.m. EDT, the first of two airliners crashed into the World Trade Center, opening a horrifying and apparently coordinated terrorist attack on the United States, which saw the collapse of the two 110-story towers into surrounding Manhattan streets and a later attack on the Pentagon." Below this text are links for "FULL STORY »" and "SPECIAL REPORT". To the right, there are sections for "COMPLETE COVERAGE" with a list of bullet points, "U.S. SCENE" with a list of bullet points, and "WORLD SCENE" with a list of bullet points. The left sidebar contains navigation links for various news categories.

Figura 03.

Alguns detalhes sobre o incidente de 11 de Setembro são revelados, o horário e o local e mais alguns detalhes mínimos, em um texto que não excede a um parágrafo e que está localizado embaixo de uma foto do atentado. É um texto que, no jargão jornalístico, ocupa a posição de “legenda” (logo abaixo de uma foto para descrevê-la), mas que apresenta características mais próximas de um “lide” (respondendo a questões básicas como: *onde, quando, o que e como*).

Abaixo desse parágrafo estão dois *links*: um identificado como “FULL STORY” e outro como “SPECIAL REPORT”. Ambos, em cor azul, sugerem que a história continua em outra parte com mais detalhes e que a história apresentada nessa primeira tela é apenas um fragmento dos fatos. Outros *links* também são exibidos na mesma página, sugerindo que a história segue mais adiante ainda e com uma profusão de detalhes que não está contida na página que é vista naquele momento. A sugestão é que, para se conseguir uma leitura mais completa, deve-se continuar a

busca, abrindo os *links* da página.

Há uma sugestão marcante de hipertextualidade que permeia o processo de leitura até o momento, apontando para a necessidade do acionamento de abertura de outras páginas para que se consiga atingir uma “completude” textual, seja qual for a profundidade que se esteja buscando. O hipertexto parece contar com esse processo para sedimentar a construção de sentidos. Uma página pode formar uma “*unidade textual*”, ou mônada, de aparência completa, mas, ao mesmo tempo, tem-se a impressão de que é preciso seguir os *links* para se agregar mais fatores e desenvolver uma “composição textual” na dimensão que atenda às necessidades de uma completude da leitura.

Aparentemente, é possível seguir-se uma história sem uma “seqüência obrigatória”. A página inicial dá algumas idéias e sugestões sobre onde é possível encontrar-se o prosseguimento da matéria, seguindo uma ordem individualizada ou empírica, dependendo da ordem da abertura escolhida. Mais uma vez o processo de leitura poderá também fundir-se ao processo de escritura, pois novamente será o internauta que escolherá o caminho a seguir, sua seqüência empírica, e fará sua composição. Obviamente os *links* já estão na página inicial e talvez em posições sugestivas, mas a ordem final de abertura de cada *link* será determinada pelo internauta.

Abrem-se possibilidades para a realização de um número de “composições hipertextuais” que poderão ser montadas de acordo com o número e a ordem de *links* abertos de cada vez. Isso equivale a dizer que dificilmente haverá uma forma única de organizar essas aberturas. O leitor poderá entrar e sair por um determinado número de *links* até julgar que sua leitura tenha sido suficiente, como se entrasse num mercado e fosse pegando os itens das várias prateleiras até ter satisfeito suas necessidades ou até o tempo ter acabado.

Se o primeiro *link* a ser aberto for “FULL STORY” e depois o *link* “SPECIAL REPORT”, montar-se-á, talvez, uma composição que poderá ser diferente de outra ordem que seguir o caminho inverso. E, se incluirmos a abertura de um terceiro *link*, podem-se criar outras ordens de abertura, favorecendo um número ainda maior de montagens, como se ocorressem vários processos de montagens e desmontagens de textos. Os componentes, ou mônadas, são os mesmos, mas a ordem de abertura

poderá afetar o resultado da composição textual obtida no final.

É possível fazer-se uma leitura “linear”, começando pela foto, lendo-se o primeiro parágrafo depois desta, abrindo o primeiro *link*, o segundo, ir para a coluna seguinte e continuar esse processo seqüencial, ou seja, de cima para baixo e da esquerda para a direita, da página um para a dois, uma ordem muito comum de se seguir, pois assim aprendemos desde a alfabetização. Todavia, não podemos esquecer que o texto, nesse caso, está sobre um suporte maquínico e não sobre uma folha (ou folhas encadernadas) de papel. Pode-se abrir qualquer página, a qualquer hora e em qualquer ordem. Pode-se também desistir da leitura de uma página, fechá-la e passar para outra.

É claro que isso também poderia acontecer num jornal impresso em papel, mas o número e a ordem de escolhas num jornal causa a impressão de ser mais delimitado. O jornal em papel começa na capa, termina na contra-capas e contém páginas e cadernos numerados no meio, compondo uma seqüência que sugere uma ordem de leitura para ser seguida. As páginas da Internet contêm *links* que abrem outras páginas, as quais podem apresentar mais *links*, sem qualquer numeração para sugerir uma ordem a ser trilhada. Na Internet, pode-se ver uma capa, talvez a *home page*, mas há uma dificuldade de se delimitar as páginas do meio e a contra-capas.

Se considerarmos a existência de dezesseis *links* na página inicial da CNN (figura 03) sobre 11 de Setembro, e se forem abertos todos os *links* apenas dessa página inicial, ou seja, ignorando os demais *links* que estão em cada uma das páginas que podem ser abertas, podemos calcular a possibilidade de duzentas e setenta e duas maneiras diferentes de se organizar uma composição hipertextual com as mesmas mônadas. Isso acontecerá se todos os *links* da página forem abertos em todas as ordens possíveis, não deixando nenhum deles fechado. Contudo, se forem abertos somente um número limitado de *links* cada vez que a página inicial for visitada (dois, três, quatro e assim por diante de cada vez), o número de combinações e composições textuais poderá ser ainda maior.

Além disso, como acabamos de observar, alguns dos *links* abertos apresentam outros novos, expondo um universo de leitura de textos possíveis capaz de gerar as trilhas tão numerosas que constroem a imagem de infinitude da fonte de informação.

Nesse ponto, a própria realização de textos começa a se problematizar, considerando-se a materialização dos textos a cada momento que um *link* é aberto; a dotação de realidade para cada unidade textual sai do universo de textos possíveis (codificados eletronicamente) e passa para o universo de textos realizados, materializados na tela do computador. Todavia, juntamente com essa realização, é possível constatar outra. A seqüência de abertura de *links*, à medida que as portas de entrada das unidades são acionadas, realiza uma composição hipertextual por meio da abertura de cada mônada (ou unidade hipertextual).

Após a realização de cada unidade hipertextual e de cada composição hipertextual, ocorre uma nova oportunidade de atualização, proporcionada pela inferência do internauta no texto realizado. Dessa forma, a atualização nesse ponto pode ocorrer também em dois níveis: uma na leitura de cada unidade hipertextual e outra na leitura da composição hipertextual.

Uma outra questão problemática emerge da realização dessa composição. Considerando que esta ocorre num suporte eletrônico, na Internet, ela acontece e pode desaparecer quase no momento seguinte. Quando um novo *link* é aberto, a página anterior pode deixar de ser exibida e volta a ser um texto possível. Por outro lado, a composição elaborada durante a escolha dos *links* que foram abertos continuará a existir. As “pegadas” dessa trilha ficam registradas no provedor e fornecem uma indicação de que uma composição foi realizada e está no “universo possível”, podendo ser resgatada se necessário.

Ao desligar o computador, as unidades textuais e as composições textuais voltam ao mundo dos textos possíveis. As atualizações feitas podem alimentar tanto o mundo virtual quanto o mundo possível. Todo o caminho poderá ser percorrido novamente se a busca pela mesma informação for necessária também. O caminho ficou personalizado por uma seqüência individual executada durante uma determinada seqüência de aberturas e ficou registrada sem nunca ter ido para o papel a fim de compor uma existência que possa ser ordenada de uma maneira tangível.

Em suma, compreender e delimitar o *corpus* de um texto como este é algo problemático. Estamos trabalhando com um corpus que não se configura como um elemento estático, e se decidirmos torná-lo estático, a partir da adoção de uma

determinada ordem para abertura dos *links*, correremos o risco de despersonalizá-lo. Portanto, sem perder esse risco de vista e considerando os pontos que discutimos, o caminho que parece ser o mais viável é a análise de algumas páginas abertas em cada *link*, procurando enxergar o que há em cada unidade hipertextual e como cada uma se insere no todo referente àquele assunto. Escolheremos também um determinado número de seqüências de abertura e analisaremos os efeitos possíveis das rotas trilhadas dentro do contexto abordado.

Assim, para efeito de delimitação, trabalharemos com a primeira página da CNN sobre 11 de Setembro, publicada nessa mesma data, em 2001, às 16 H (anexo 03), e três de seus respectivos *links* (anexos 04, 05 e 06). Além disso, analisaremos também outras duas páginas iniciais (anexos 07 e 08), que foram atualizadas às 16H 23 e 18H 33 em 11 de setembro de 2001, para observarmos as mudanças e deslocamentos que possam ter ocorrido nas primeiras horas em que o assunto foi veiculado na Internet. Com esse recorte, esperamos demonstrar algumas características do hipertexto, suas articulações, as possíveis reformulações e o funcionamento dos processos geradores de sentido num Web Jornal, um tipo de texto que parece comprazer os elementos necessários para a nossa análise.

A partir desse ponto, nosso trabalho será composto de três capítulos. O primeiro abordará os instrumentos teóricos que articularemos para analisar o nosso *corpus*; o segundo discutirá alguns dos elementos que compõem o Web Jornal, suas semelhanças e diferenças em relação a um jornal impresso em papel e os deslocamentos de sentido na Internet; o terceiro conterà uma análise da função dos *links* na formação dos sentidos, uma análise das páginas selecionadas para o trabalho, uma discussão sobre possíveis configurações a partir de diferentes ordens de abertura e as alterações na forma e nos sentidos das *home pages*. Vamos a eles!

CAPÍTULO I

ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Antes de analisarmos os elementos da materialidade nos textos que compõem o corpus deste trabalho, é necessário que façamos comentários sobre a base teórica de nossa pesquisa. Fundamentalmente esses elementos serão apresentados em duas partes: a primeira descreve os pressupostos que se articulam com a materialidade do hipertexto; a segunda envolve os conceitos da Análise de Discurso e da Semântica Histórica da Enunciação que mobilizaremos em nossa análise.

1.1. O VIRTUAL E O REAL

Quando discutimos assuntos ou textos referentes ou pertencentes à Internet, o termo “espaço virtual” aparece com frequência, pois, por um lado, ele é fruto de pressupostos do senso comum, ou seja, diz-se que este é o espaço ocupado pela Internet; por outro lado, existem posicionamentos mais acadêmicos que traduzem o termo “virtual” sob um outro olhar.

Para Lévy (1996, p. 15) “a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a ‘realidade’ supondo uma efetuação material, uma presença tangível”. Nesse âmbito, seria possível considerar o texto da Internet como um texto que habita o espaço virtual, desprovido de realidade, num mundo invisível e aguardando uma efetivação material que o torne tangível. No entanto, pressuposições do senso comum, associadas ao pensamento dos teóricos incluídos em nosso trabalho, podem ser um ponto inicial de nossa busca, mas não parecem ser o caminho mais profícuo ou suficiente para determinar a rota de nossas investigações.

Para que consigamos um aprofundamento maior, e conseqüentemente um resultado analítico mais próximo de nossos objetivos, devemos estender a nossa visão sobre o “espaço virtual” e suas implicações a outras dimensões. Lévy (op. cit. p. 16) também afirma que “o virtual é o que existe em potência, não em ato. (...) é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha

uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.” Ao adotarmos essa linha de pensamento, o “espaço virtual” pode ser considerado de uma maneira mais ampla. Ele não é simplesmente a ausência de realidade, mas sim o que já tem potência de existir, faltando-lhe apenas o ato, a ação. Não se trata de uma concepção que habita um mundo irreal e que espera uma oportunidade para habitar o mundo real, mas sim de uma complexidade de potências de existência esperando a oportunidade para fluir, uma latência que aguarda um momento para agir, para atuar, para se movimentar. Para que essa passagem ocorra, é necessário que aconteça um movimento, uma ação dinâmica, a qual capturará algumas das potências de existência e lhes dará uma finalidade que não existia até a consolidação desse processo. É possível observar que, na concepção de Lévy, o virtual não se opõe ao real, e sim ao atual; um conjunto amorfo de potências de ser (espaço virtual) que passa a ter uma configuração dinâmica na atualização, cuja origem ocorre na deflagração de um ato de apreensão que seleciona parte desse conjunto, dando-lhe forma e propósito.

Entretanto, a concepção de “virtual” pode ir um pouco mais adiante dessa que acabou de ser proposta. Segundo Weissberg (1993, p. 119) “o virtual no lugar do real corresponde a uma dicotomia visivelmente exportada das categorias de representação (imagem no lugar do objeto, máquinas no lugar do homem etc)”. Ao pensar-se dessa forma, o espaço virtual poderia ser compreendido numa outra dimensão, a de ser um espaço onde ocorrem representações da realidade. Um objeto qualquer é real, mas uma reprodução imagética desse objeto é virtual: um filme de cinema é, portanto, essencialmente virtual; ele nada tem de real, somente representações. Assim também ocorre com os computadores e com a Internet, um espaço onde não há objetos reais, e sim a representação deles através de uma tela eletrônica.

Entretanto, ocorre, assim, o desdobramento de mais um aspecto que problematizará a questão. Segundo acabamos de ver, o virtual pode também ser uma representação do real. Desse modo, como resolveríamos a questão de, por exemplo, uma maquete criada por computador para conceber a existência real de um objeto? Weissberg (op. cit., p. 120) postula que “o virtual aparece aqui como uma dimensão do real, não voltado simplesmente a substituí-lo (o que faz também quando

se evita o recurso a um protótipo para conceber um objeto, por exemplo)”. Dessa forma, o virtual passa a ter um papel além da representação do real, e figurando como uma extensão deste com a possibilidade de substituir o real em algumas circunstâncias; é o caso da concepção de um protótipo virtual que pode ser concebido antes de uma maquete, que também é a representação do objeto. Em alguns casos, a maquete sequer chegará a existir, pois a sua versão digital será suficientemente satisfatória antes da produção do objeto. Em outros casos ainda, o objeto será gerado apenas para existir na tela do cinema, da TV ou do computador, uma criação puramente “virtual” (na concepção de Weissberg), um “objeto virtual” cuja intenção não é a de abandonar as telas, mas sim a de lá permanecer. Esses objetos podem não encontrar condições de existência fora desse espaço, pois lá podem se comportar da maneira que o usuário do programa determina, uma criatura que não se comportará necessariamente de acordo com as leis físicas do espaço real (a menos que isso seja também determinado no virtual), mas que terá o seu comportamento limitado apenas pelas características do equipamento utilizado e da imaginação do seu criador.

Das três possibilidades de criação vistas até o momento, ainda resta uma que também pode nos auxiliar na análise de nosso *corpus*. Uma idéia que acaba fundindo o real e o virtual, pois segundo Weissberg (op. cit. p.120), “a trajetória mais brilhante não é a que leva do real à simulação, mas a que contém os dois, que os assemelha e transforma cada componente em desafio ao outro: não mais o virtual puro, mas o compacto real virtual que é uma forma ainda mais desconcertante”.

Dessa forma, é possível haver quatro maneiras de se pensar numa criação originada no espaço virtual. Primeiro, uma representação da realidade, uma criação cuja referência é um objeto real do mundo material, aproximando o objeto virtual da concepção saussuriana de signo. Segundo, uma forma que poderia ser chamada de “maquética”, em que um objeto virtual é criado antes do objeto real, como uma maquete que é parte de um projeto de criação de uma peça, por exemplo. Terceiro, uma possibilidade de dupla existência em que uma é a dimensão adicional da outra, o virtual existe porque existe o real e vice-versa; a existência de um completará as falhas ou incompletudes do outro, um alcançará as dimensões que somente são permitidas a ele mesmo, dadas suas condições físicas de existência. Isso poderá até

mesmo causar um efeito tanto de cooperação ou complementação mútua, quanto o de concorrência ou antagonismo, transformando os dois objetos em aliados ou opositores. E por último, temos a problematização, pois até agora estávamos lidando com objetos separados, existindo em mundos separados, cooperando ou não. A conseqüência iminente é um objeto híbrido, ou um compacto de real e virtual sem a necessidade de ser nenhum dos dois, uma formação desconcertante que não precisa mais ser localizada na dicotomia usual. Fora dessa dicotomia, ele passa a ter existência própria, é dotado de características e atributos diferenciados, concebíveis, delimitáveis e possíveis de se descrever, em outras palavras, torna-se real.

As concepções teóricas vistas até então podem ajudar-nos a entender melhor o fenômeno do hipertexto. Uma levará em conta o espaço das possibilidades de existência, ou seja, a de que o texto da Internet não é necessariamente um texto virtual, mas possível. Ele já existe nos milhões de arquivos eletrônicos, aguardando somente uma realização, uma transformação de algo ininteligível à leitura do olho humano em algo inteligível e dotado de uma materialidade para esta mesma leitura. Este seria o fenômeno da realização, a apreensão de textos possíveis e a dotação de materialidade reconhecível à interpretação humana, a reprodução na tela do computador. A partir desse ponto, ocorreria a atualização, a leitura humana dotada de inferências subjetivas, a qual possibilitará o surgimento de novas idéias que retornarão tanto ao espaço virtual quanto ao espaço das potências de ser.

Por outro lado, vemos também a possibilidade de se considerar o virtual como um desdobramento do real, desde uma reprodução maquética de um objeto real a uma criação existente somente na tela do computador, um ser híbrido que não tem a necessidade de ser transformado em papel, no caso de um texto, para ser tangível.

As duas definições traçam caminhos diferentes, mas acabam convergindo num ponto: o texto visto na tela pode ser considerado real, pois está pronto para submeter-se à atualização humana; sua diferença, nesse aspecto, está no suporte. A questão para resolvermos é como essa realidade pode ser atingida e analisada.

Além de enxergar o conflito entre o virtual e o não-virtual, é interessante também estudarmos esse fenômeno sob o ponto de vista da hipertextualidade. Segundo Lévy (1996, p. 43), “um continuum variado se estende assim entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação em várias redes digitais no interior das

quais um grande número de pessoas anota, aumenta e conecta textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais”. Portanto, ao visitar a página inicial de nosso *corpus*, estaremos diante de uma mônada composta de vários *links* para abrir outras unidades textuais que podem ser organizadas e reorganizadas de acordo com a manipulação do leitor. Contudo, a classificação de Lévy não distingue a hipertextualidade de unidades textuais abertas através dos *links* de uma página inicial sobre um único assunto – como é o caso do Web Jornal da CNN sobre 11 de Setembro – da hipertextualidade originada a partir da navegação no processo de abertura de todo e qualquer *link* que leve um internauta a outras páginas (outras *home pages*). Embora esse conceito seja útil, *grosso modo*, para se entender a movimentação da Internet e os sentidos que podem ser construídos a partir daí, tem-se a impressão de que qualquer ordem de abertura de todo e qualquer *site* funciona na geração de um “continuum de ligações hipertextuais”, um pressuposto que parece tender ao generalismo. Neste trabalho, para não correremos esse risco, centraremos os nossos percursos de análise na abertura de *links* num mesmo Web Jornal e que convergem para o mesmo assunto, 11 de Setembro na CNN, por meio do acionamento de “elementos coesivos” (Brait, 2005a, p. 87) que parecem auxiliar a tessitura de um fio discursivo e seus possíveis sentidos.

1.2. A DISCURSIVIDADE

Nesse ponto em que podemos observar a existência de elementos coesivos, os quais podem constituir pontos de relação entre os textos que são abertos pelas páginas, detectamos a possibilidade de se manter um diálogo com a Análise de Discurso. Portanto, para utilizarmos a Análise de Discurso de linha francesa, com objetivo de compor um olhar crítico sobre as questões que se articulam nas movimentações presentes nessa produção textual da Internet, discutiremos alguns pressupostos que parecem se articular com a materialidade do hipertexto.

A análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso,

etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. (ORLANDI, 2001, p. 15)

Para se desenvolver uma ótica sobre hipertexto, o acompanhamento dos percursos parece ser essencial. São vários os caminhos que um internauta pode percorrer desde que abre uma *home page*. Nesse constante abrir e fechar, podem surgir construções e deslocamentos que irão compor os itens de nosso objeto de análise, a materialidade do hipertexto, sua gramaticalidade, aspectos e atribuições que o tornam marcadamente diferente das outras formas de se fazer um texto.

Na Análise de Discurso, como também postula Orlandi (2001, p. 52), “A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos e nem sentidos estão completos, já feitos e constituídos definitivamente”. Assim, considerando que a hipertextualidade faz surgir a constante possibilidade de reformulação por meio da reorganização efetuada por um internauta com a abertura de *links* e de encadeamento textual (o *continuum*), estas mesmas possibilidades podem contribuir para o aumento da sensação de incompletude. Visto que a presença dos *links* sugere uma constante abertura de páginas, teremos no hipertexto um espaço vasto para observar os deslocamentos e as formulações de sentido e a constituição de possíveis significações nesse campo textual.

A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (ORLANDI, 2001, p. 15)

Essa verificação de deslocamentos e transformações aparenta ser um dos aspectos mais profícuos de nossa análise. De acordo com o que apuramos até então, o hipertexto é um ambiente fecundo desses fenômenos. Por um lado, a movimentação constante favorecida por um suporte tecnológico que permite um constante abrir e fechar de portas, transformando o hábito de leitura em algo diferente do que se realizava anteriormente. Por outro, a constante necessidade dessa abertura como parte constitutiva de uma nova maneira de ler um novo tipo de texto. Novas rotas que são seguidas e que produzem efeitos na maneira de interpretar a realidade, produzindo transformações que precisam ser apreendidas e

analisadas para que se possa entender melhor os possíveis desdobramentos gerados a partir daí.

É importante também mencionar que não estamos comparando o texto escrito em suporte de papel ao de suporte eletrônico para simplesmente dizer que o primeiro é estático e delimitado, enquanto o segundo é dinâmico e sem limites.

As margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além da sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede. (FOUCAULT, 1987, p. 26)

Contudo, esse sistema de remissões de que Foucault nos fala é um realizado internamente pelo leitor, através do interdiscurso. Essas remissões e referências serão, no momento da leitura, acionadas tantas vezes forem permitidas de acordo com a experiência anterior de cada leitor. Este perceberá ou buscará essas remissões que podem não estar propositadamente marcadas no texto, mas que serão apreendidas conforme a história do leitor. Na Internet, o internauta, além de contar com esse aparato remissor definido por Foucault, também contará com um universo de *links* sugerindo remissões. Um sistema duplo que pode aumentar o tamanho do “nó dessa rede” e que pode gerar desdobramentos e transformações merecedores de análise.

Além da questão do acionamento de *links*, a navegação, a constante reformulação do hipertexto, outros aspectos em que toda essa movimentação parece compor um elemento inerente ao objeto de nossa análise, a tipologia. “Institucionalmente, há elementos que conferem identidade estável como tipo a um determinado discurso”. (Souza-Pinheiro Passos, 2006, p. 58), ou seja, uma tipologia constituída por elementos que permitam ao hipertexto ser caracterizado de uma forma reconhecível, com uma identidade. Em nosso estudo, não temos o objetivo de fazer uso de uma abordagem simplificadora, reduzindo o discurso a um certo tipo. Assim como faz a autora supracitada, seguiremos uma direção que buscará o levantamento de algumas regularidades na composição de um Web Jornal que, além de lhe conferirem uma identidade estável permitindo que ele seja reconhecido como tal, possam também ser constitutivas do fio discursivo na formação de sentidos.

Pinho (2003, p. 110), ao discutir o planejamento e a produção da informação on-line, enumera uma lista de características que compõem o texto jornalístico da Internet:

- palavras-chave realçadas (links de hipertexto servem como forma de realce; variações no tipo de letras e na cor são outras);
- subtítulos expressivos;
- listas com marcadores;
- uma idéia por parágrafo (os usuários irão saltar qualquer idéia adicional se eles não forem atraídos pelas primeiras palavras do parágrafo);
- metade da quantidade de palavras existentes na escrita convencional.
- estilo “pirâmide invertida¹³”, começando com a conclusão.

Segundo o autor, cada página deveria ser estruturada no formato de pirâmide invertida, mas o trabalho como um todo deveria parecer *um conjunto de pirâmides flutuando no ciberespaço* em vez de assemelhar-se a um artigo tradicional.

Nos aspectos descritos acima, vemos que o Web Jornal aproxima-se de seu predecessor em papel pelo menos num aspecto formal, a formato do texto em “pirâmide invertida”. Porém, sem ignorar os elementos que lhe são peculiares, há uma outra aproximação. O Web Jornal também é um texto que apresenta uma “vocação para a informa o” (Mariani¹⁴, *apud*, Souza-Pinheiro Passos, 2006, p.59), seguindo regras ditadas por manuais sobre a reda o jornalística que preconizam a necessidade de o jornalista saber manusear a linguagem de modo competente para expressar a informa o de maneira fidedigna e imparcial.

Combinando-se esses aspectos, vemos uma série de elementos que não somente constituem um Web Jornal, segundo os manuais, mas que têm também compõem um imaginário a respeito dele, em outras palavras, há a configura o de um formato, de um modo de se escrever e organizar que   esperado, um imaginário que pode fazer parte do processo de cria o de sentidos originados a partir da leitura. *Lemos diferentemente um livro de poesia de um livro de ciência.* “Há uma

¹³ “Consiste em dispor as informa es de um texto jornalístico por ordem decrescente de importância”.(cf. Pinho, 2003, p. 207)

¹⁴ MARIANI, B. *O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos Jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998.

produção de sentidos diferentes porque estamos considerando o que é uma e outra”. (Souza-Pinheiro Passos, 2006, p. 55) No caso do Web Jornal, não se trata necessariamente de estabelecermos diferenças entre ele e o “jornal comum” para entendermos as diferenças de leitura entre um e outro, ou até mesmo para “desvendarmos” de onde vem o sentido, afirmando que ele emerge somente através da caracterização tipológica do texto. Nosso objetivo é discutir como essas características que o particularizam colaboram na construção de significados.

Em nossa análise, procuraremos observar que as construções de sentido não se originam somente da tipologia e do imaginário a respeito de um Web Jornal. Há outros aspectos discursivos que devem ser considerados para que a análise não corra o risco de ser limitada e não consiga dar conta dos aspectos que gostaríamos de abordar.

Os itens lexicais, as palavras-chave, as formulações nas quais se encontram os componentes não-verbais e os “realces” dados a certos elementos podem oferecer ao analista um espaço de estudo mais amplo. Para isso, nos interessará a aplicação de conceitos como dialogismo, heterogeneidade e historicidade do sentido.

Como dialogismo, assumiremos o aspecto do Circulo Bakhtiniano descrito em Brait (2005-a, p. 106) que é definido como “princípio da produção dos enunciados/discursos, que advêm de ‘diálogos’ retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos”. Retomando a perspectiva de um Web Jornal como “pirâmides flutuando no ciberespaço”, podemos colocar essas pirâmides na posição de enunciados que mantêm diálogos uns com os outros por meio dos *links*. A partir daí, já seria possível pressupor articulações que acionariam um processo deflagrador de novos “enunciados”, fazendo emergir novos sentidos por meio da formação de um fio condutor entre uma “pirâmide” e outra. Outrossim, dentro da mesma perspectiva dialógica, é também necessário tentar-se compreender quais “elementos coesivos” (Brait, op. cit. p. 87) colaboram para que essas associações ocorram, por que elas ocorrem, como ocorrem e o que pode acontecer depois. Dessa maneira, a análise pode começar a se expandir e compreender o hipertexto de maneira mais abrangente.

Para discutir esse processo, ainda é necessário considerar a heterogeneidade constitutiva e marcada de todo discurso (Authier-Revuz, 1998, p. 134), “designando

com isso a presença permanente, profunda de ‘outros lugares’, do ‘já-dito’ dos outros discursos”. Isso não reduz o dizer a um dizer explícito, pois ele é permanentemente atravessado por outros dizeres, como “fraturas que intervêm no fio discursivo” (Brait, 2005-b, p. 269). Essas “fraturas” parecem ser justamente um dos outros pontos de articulação que o hipertexto precisa para funcionar. Elas abrem passagem para que as associações hipertextuais e intertextuais possam ser feitas e aceitas, contribuindo tanto para a sensação de coerência que poderá ser originada a partir das ligações, como também servindo de “pontos de apoio” para que um internauta encontre coesão na composição que estará montando ao navegar. São os elementos textuais, verbais e não-verbais, que se filiam a uma série de outros sentidos históricos, colocando o internauta na perspectiva do formulável não somente por meio dos *links*, mas também da interdiscursividade de outros elementos do hipertexto.

Começamos, então, a verificar a existência de articulações do “interdiscurso”, do “intradiscurso”, além da heterogeneidade, funcionando no hipertexto. Como vemos em Orlandi (2001), “é no interdiscurso que se remete o dizer a toda uma filiação de dizeres, e ao identificá-lo em sua historicidade, é estabelecida uma relação entre o já dito e o que está se dizendo num dado momento, o intradiscorso”. Por meio desse movimento, o internauta, em seu deslocamento de navegação, transita por vários dizeres, dotando-os de sentido, construindo um universo de significação e resgatando a interdiscursividade, fonte enunciativa que atravessa o texto. Assim como ler torna-se uma atividade de co-enunciação num ato de leitura promovido pelo leitor, navegar torna-se um ato assemelhado, em que a diferença reside na adicional migração de uma “pirâmide” a outra em vez de se concentrar numa única unidade textual.

Esse desvio, que pode diferenciar o leitor do internauta, talvez seja o fato de que “todo o texto, no curso de seu processo enunciativo, ‘forma’ seu leitor, indicando-lhe os processos de leitura, a maneira como ele deve ser lido”. (Brait, op. cit. p. 272). Se o hipertexto apresenta sugestões explícitas para uma rota de leitura, manifestada tanto na tipologia quanto nos elementos verbais e não-verbais do projeto gráfico que o compõem, pode-se dizer que o processo de leitura do internauta é marcadamente diferenciado. Além da relação que estabelece em cada página, ele também é levado a “navegar” de um ponto a outro.

Algumas das sugestões explícitas de leitura são determinadas no hipertexto pela presença de *links*. Parafraseando Guimarães¹⁵ (2002), os *links* são dizeres de um locutor que categoriza as páginas a serem abertas e que toma elementos delas não somente para indicar onde estão e como acessá-las, mas também acabam por significar de outro modo. Um primeiro modo que torna o enunciado daquele *link* parte do texto que será aberto; e um segundo modo que o faz funcionar como um vetor, um elo de ligação entre a página em que o internauta está e a outra para onde irá, tornando-se um elemento que pode tanto promover a união quanto a coesão no movimento de uma página para a outra. Outrossim, a formulação do *link* passa pelo sentido construído pelo acontecimento, o 11 de Setembro, fazendo a língua funcionar no acontecimento em que um sujeito fala da região do interdiscurso, mostrando ao internauta não somente o que ele vai ler, mas também apontando para uma forma de leitura.

As possibilidades de se estabelecer a articulação entre as páginas dão-se, também, a partir de um acontecimento de linguagem que envolve a historicidade dos elementos envolvidos. Nesse espaço, AD começa a dialogar com a Semântica Histórica da Enunciação, a qual nos fornecerá alguns conceitos que podem ser úteis à montagem do nosso instrumento de análise. O primeiro é o das “cenas enunciativas” que, segundo Guimarães (op. cit. p. 23), “‘aquele que fala’ ou ‘aquele para quem se fala’ não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres”.

Dessa forma, utilizaremos esse conceito para interpretar os espaços constituídos por um dizer ou conjunto de dizeres que “temporalizam um acontecimento lingüístico” e constituirão um ponto de apoio ou de retomada para observar-se a série de movimentos no hipertexto e suas implicações na navegação e na construção de sentidos. O segundo conceito, uma outra representação que nos interessa, é a de enunciadores específicos e genéricos. Um representa a individualidade da qual se pode falar, um lugar de dizer que se apresenta como individual e que retira o seu dizer da circunstancialidade, representando sua linguagem como independente da história. O outro representa-se num lugar que não

¹⁵ Na obra original, o autor trata de “índices”. Acreditamos que a paráfrase é pertinente devido à semelhança que os *links* e os índices apresentam em alguns pontos de nosso estudo.

é individual, mas parte de um acordo de se repetir aquilo que todos dizem. Na “fala” dos enunciadores e em cada “cena” poderemos encontrar mais elementos de articulação que podem orientar tanto a navegação quanto a construção de significações que ela pode originar.

Tendo em vista as condições de produção do hipertexto, tanto a Análise de Discurso de linha francesa quanto a Semântica Histórica da Enunciação poderão auxiliar-nos na interpretação da materialidade textual e da produção de sentidos constituídos por essa forma mais recente de produção. Desse modo, estaríamos contribuindo não somente para a ampliação do entendimento do fenômeno da Internet e os desdobramentos deste em termos discursivos, mas também para avançar na compreensão do fenômeno lingüístico decorrente da prática de escrita e leitura de textos no ciberespaço.

Dessa maneira, resta-nos apurar quais são os elementos articulados nesse processo de leitura do nosso *corpus* e como podem funcionar para se compreender melhor as movimentações do hipertexto e seu processo formador de sentidos.

CAPÍTULO II

OS ITENS DA MATERIALIDADE HIPERTEXTUAL

No Anexo 03, observamos a primeira página da CNN sobre 11 de Setembro, com todos os seus *banners*, menus, e *links*. Esses ícones fazem parte do campo visual do leitor/internauta, mas não estão, todos eles, necessariamente relacionados ao texto central. O foco de nossa análise será o texto sobre 11 de Setembro, bem como seus *links* e ícones, a fim de verificarmos algumas produções de sentido que possam se dar durante o processo de leitura do texto. Outrossim, nossa análise poderá incluir elementos que não estejam dentro do texto sobre 11 de Setembro em si, desde que esses elementos relacionem-se com o texto de alguma forma.

2.1. EFEITOS DA MATERIALIDADE DO .COM

No anexo supracitado, observa-se, no topo da página, o seguinte título:



Figura 04.

O logotipo da CNN em vermelho seguido pela designação “.com” identifica o *website* dessa empresa de telecomunicações, a mesma empresa que possui um canal internacional de televisão e que funciona 24 horas por dia veiculando notícias de todas as partes do mundo, em inglês. Há uma certa atribuição de sentidos adicionais, nesse caso, pois não estamos falando de um *website* qualquer, e sim da CNN, gigante de telecomunicações e principalmente de jornalismo televisivo, responsável, nos últimos anos, pela cobertura ao vivo de grandes acontecimentos internacionais como guerras, conflitos e desastres (incluindo o próprio 11 de Setembro). De um lado, o nome CNN tem uma carga semântica que não pode ser desprezada, é sinônimo de notícias e de jornalismo na televisão. Do outro, “.com” é sinônimo de Internet, da disponibilidade de uma rede de informações pronta para o

acesso de quem esteja interessado em um certo “convite para navegar”. Portanto, um primeiro sentido emerge do cruzamento interdiscursivo trazido tanto por “CNN” quanto por “.com”. A formulação “CNN.com” sedimenta um intradiscurso, um enunciado que contém a historicidade tanto de um termo quanto de outro.

A designação “.com”, além de identificar essa página da Internet como o *website* oficial da “CNN”, um aspecto da tipologia hipertextual, favorece a construção de sentidos produzidos por uma interdiscursividade que envolve os dois signos. De um lado a “CNN” com o que ela simboliza, do outro, o “.com,” que coloca uma empresa de jornalismo televisivo no ciberespaço. Pode-se criar uma sensação de se estar diante de um material numa página da Internet que contém o mesmo conteúdo da televisão; ou diante de um material na Internet que conta com a mesma credibilidade e densidade das matérias jornalísticas da emissora; ou também que a CNN não se limita à televisão, ela atinge não somente espectadores, mas também os internautas, conferindo-lhe uma categoria adicional - a de também ser capaz de dar a mesma cobertura jornalística em outro meio - uma possível sensação de rompimento de limites, extrapolando seu limite televisivo e entrando no ciberespaço. “CNN.com” constrói um sentido diferente de apenas “CNN” ou de apenas “.com” colocado na seqüência de qualquer outro nome. “CNN.com” agrega duas grandes forças da comunicação, a televisão e a Internet.

“Nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no lugar de diferentes lugares que se fazem valer na ‘comunicação” (Orlandi, 2001, p. 39). Desse modo, o fato de a notícia ser veiculada sob a égide da CNN e da Internet instaura uma constituição de sentido próprio. Por um lado, existe uma imagem de credibilidade jornalística constituinte da CNN, e por outro o dinamismo, a interatividade e a modernidade, constituintes da Internet. De onde estão, CNN e “.com” potencializam a credibilidade do *website*. Além da identificação da *home page*, também há o surgimento de um efeito simbiótico de sentido, uma vez que “.com” potencializa CNN e vice-versa.

Contudo, esse *banner* da Figura 04 ainda oferece elementos para serem observados. As duas próximas palavras (SPECIAL REPORT), grafadas em vermelho, anunciam a construção de mais alguns possíveis sentidos.

Em primeiro lugar, as palavras “SPECIAL REPORT” anunciam que uma edição extraordinária de alguma notícia é divulgada naquele momento. São palavras utilizadas a fim de chamar a atenção de um leitor, para que ele não deixe passar despercebido o fato anunciado naquele momento e naquele local, ou seja, houve a ocorrência de um fato que quebrou a rotina diária e agora clama por um momento extraordinário de apreciação.

Em segundo lugar, vermelho é uma cor que anuncia alguma emergência. A cruz da ambulância, o semáforo, a viatura do corpo de bombeiros são pintados em vermelho para chamar a atenção de quem os vê. Ou ainda, “a cor vermelha está ligada a posições revolucionárias e transformadoras” (Orlandi, op. cit. p. 29), abrindo um precedente para a anunciação de que algo revolucionário, transformador ou que alterará a ordem dos fatos posteriores àquele momento está ocorrendo.

Tanto as palavras “SPECIAL REPORT” quanto o logotipo da CNN estão no mesmo tom de vermelho e escritas em maiúsculas, favorecendo uma aproximação visual e uma possível construção de sentido. A CNN poderia estar anunciando mais um evento jornalístico sem precedentes, como já é quase estruturante em seu histórico; outra possibilidade é a de que uma notícia extraordinária anunciada pela CNN deve ser merecedora de atenção; ainda outra coloca a CNN e a notícia extraordinária no mesmo nível, tanto pela proximidade física das palavras quanto pela cor. A “CNN” tende a se tornar sinônimo de notícia extraordinária e vice-versa, seguindo-se uma rota parecida com a de “CNN.com”.

As expressões “CNN” e “SPECIAL REPORT” são intermediadas pelo “.com”, e isso pode causar um efeito de junção ao invés de separação. Há um ponto final logo após “.com”, sugerindo que “CNN.com” é uma frase separada da manchete, “SPECIAL REPORT”. Contudo, a primeira frase não contradiz a manchete, ou seja, não há adversidade entre “CNN.com” e “SPECIAL REPORT”. Assim, além de identificar o suporte e a tipologia desse texto e antecipar o assunto da página, o enunciado “CNN.com.SPECIAL REPORT” pode contribuir para produzir um efeito de duplicação de mensagem, uma frase seguida por uma manchete, as duas significando que notícias extraordinárias estão por vir.

Finalmente, temos ainda mais um efeito sobre o “.com”. Se a carga semântica que recai sobre CNN coloca esse signo como sinônimo de notícia, e “SPECIAL

REPORT” como sinônimo de algo que mereça atenção, o “.com” poderá ser percebido como parte integrante desse universo, impregnando-se tanto da notícia quanto do merecimento de atenção.

Numa análise preliminar, observar-se-ia o caráter informativo e funcional deste índice, ou seja, o de informar ao leitor que esta é a página da Internet da CNN numa edição extraordinária. Contudo, segundo Guimarães (2002, p. 13), “há aí bem mais do que isso”. Há pelo menos três cenas enunciativas dominantes. Na primeira, há três enunciadores: a “CNN”, o “.com” e o “SPECIAL REPORT”. Na segunda cena, há um enunciador em “CNN.com”, outro em “SPECIAL REPORT” e outro em “CNN.com. SPECIAL REPORT”. O enunciador da mensagem final, ou total, utiliza signos enunciados anteriormente em outras circunstâncias. Dessa forma, a formulação adquire uma temporalidade presente, pelo momento da enunciação, instaurando o sentido que pertence àquele momento e naquela página. Uma temporalidade futura, por meio da anunciação de algo que está por vir, uma notícia que será veiculada naquela mídia, e também pela possível instauração de sentido que “CNN.com.SPECIAL REPORT” possa deflagrar a partir desse momento, e ainda uma temporalidade passada, decorrente dos momentos de enunciação anteriores de cada elemento.

O *banner* é um elemento que compõe esse universo de leitura de textos da Internet e, como vimos, são compactos, expressivos, densos e visualmente simples (apenas duas cores, fora o branco do fundo, são utilizadas). É um elemento que está no topo da página inicial e, de acordo com Pinho (2003, p. 147) “deve permitir a rápida identificação do site por meio do título ou do logotipo de Web Jornal, elementos que devem ser visualmente atrativos e não podem demorar a serem carregados”. Enfim, sua primeira função é identificar, mas vimos que há bem mais do que isso. Ele identifica, tipifica e gera sentidos.

2.2 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O JORNAL DIGITAL E O JORNAL EM PAPEL

Ainda na página inicial, logo abaixo do *banner* discutido anteriormente, observa-se o restante da *home page* e a formação de três colunas (ver figura 04).

Essa diagramação resgata a lembrança de um jornal impresso em suporte de papel, podendo causar no leitor uma sensação de familiaridade visual com uma fonte de notícias tradicional no universo de leitura jornalística. Todavia, a coluna da esquerda cumpre uma função diferente da coluna típica de um jornal. Ela constitui um índice de *links* pertencente ao *site*, e não contém informações sobre o fato jornalístico anunciado.

No entanto, a presença de um índice produz sentido, ainda mais nesse meio, pois mesmo que não contenha informações sobre o 11 de Setembro, ele compõe o universo da Internet e o campo visual da página. O índice está lá, com sua cor azul marinho que o destaca do restante da página e com seus *links* que propõem um universo adicional de leitura. Silencioso no que diz respeito ao 11 de Setembro, mas ruidoso no apelo para abriremos novas conexões. Portanto, ele pode não agregar sentido direto ao texto da matéria, porém atinge os olhos do leitor, oferecendo-lhe portas de entrada para outras conexões e outras leituras, reforçando ainda mais o imaginário, discutido anteriormente, de que a Internet é um portal quase infinito para o internauta obter o que quiser.



Figura 04.

Dessa forma, o índice de *links* e seus ícones são uma indicação da existência de pelo menos uma das características mais presentes na Internet, a interatividade, aquela que “... pode ser definida como a capacidade do sistema de acolher as necessidades do usuário”, segundo Bettetini (1993, p. 69). Nessa ótica, não entendemos o hipertexto sob a mesma perspectiva do texto tradicional, a da interatividade do leitor com o texto em que as necessidades dele serão acolhidas ou atendidas por um processo de leitura, decodificação e descoberta de sentidos que permeiam um texto. Falamos das sensações provocadas pela presença dos *links* e ícones que saltam aos olhos do leitor em cores diferentes (predominantemente azul) em vez das do texto em si (predominantemente preto). Da mesma forma, não estamos falando da capacidade do texto em acolher as necessidades de um leitor, e sim da capacidade de um sistema em acolher as necessidades de um usuário. O leitor interage com o texto, numa relação dialógica e polifônica durante a atualização do mesmo, levando-o a produzir e a virtualizar sentidos

A interação do usuário com o sistema iconográfico coloca o texto em outro plano, outro nível, não ocupando necessariamente o centro das atenções. Portanto, a sensação de acolhimento de necessidades não é causada somente pelo conteúdo semântico do texto, e sim por uma iconografia visual do sistema, demonstrando uma profusão de *links* e ícones que geram uma sensação de plena disponibilidade de qualquer material de leitura que o usuário queira ver. Dessa forma, o ato de ler é compartilhado pelo ato de acessar, num âmbito em que a leitura terá não somente uma função de reconhecimento de mensagens e sentidos expressos por signos lingüísticos, mas também auxiliará o processo de utilização do sistema, pois é por meio da leitura que o internauta reconhecerá os ícones da página, abrindo-os ou não, de acordo com sua necessidade ou interesse.

Esse sistema é possível no Web Jornal, mas não no jornal tradicional. No tradicional, não há um sistema que demonstre tão explicitamente essa disponibilidade de acolhimento de necessidades, e talvez seja este um dos fatores fundamentais na sensação que a tipologia Internet parece favorecer, de que tudo que se quiser poderá ser encontrado ali dentro, um sentido construído pela distribuição de *links* de acesso na forma de ícones, dispostos como ferramentas de acesso na página inicial, um sentido captado e possivelmente virtualizado pelo usuário também.

É o sistema, e não o texto, que pode causar essa sensação de plenitude de material para ser consultado e de necessidades para serem acolhidas.

O índice da coluna direita e outros elementos iconográficos não puderam ser desprezados, pois, como vimos, são produtores de sentido que colaboram na formação do imaginário sobre a Internet. Talvez esses elementos, que numa análise preliminar fazem parte da tipologia, sejam responsáveis por parte desta imagem que a Internet construiu, a de ser um veículo informador, dinâmico e sem fronteiras; basta um clique e um universo de informações e utilidades abre-se.

Voltemos a discutir, ainda, a materialidade do texto anunciado pelo *banner*, o restante da página sobre 11 de Setembro, pois lá também estarão mais algumas pistas para verificarmos as construções de imagens e sentidos.

Logo abaixo do *banner*, encontramos uma foto mostrando a cena do momento em que o segundo avião choca-se com uma das torres do *WTC* (*World Trade Center*). Acima dela, está a inscrição “*Updated: 4:00 p.m. EDT -- 11 September 2001*”, que demonstra o horário em que a página foi atualizada e a data da edição. É fácil observar que a página estava no ar no mesmo dia em que ocorreu o fato, muito antes da maioria dos jornais irem para as bancas e algumas horas após o ocorrido. Logo depois, a foto, que também contém uma inscrição “*CNN EXCLUSIVE*”, sugerindo que ninguém mais tinha aquela notícia ou imagem daquela forma, mas apenas a CNN (esse enunciado pode também ajudar a potencializar a cena enunciativa do “*CNN.com SPECIAL REPORT*” discutida anteriormente). Abaixo, vemos o título “*AMERICA UNDER ATTACK*” seguido por um pequeno texto que descreve brevemente o fato (ocupando a posição de “legenda” mas com características de “lide”). Logo abaixo, vemos dois *links* em azul, o primeiro “*FULL STORY*” e o segundo “*SPECIAL REPORT*”, repetindo uma parte do enunciado do *banner* e sugerindo um acesso para maiores detalhes. Essa é a descrição preliminar do que vimos na segunda coluna, porém vejamos o que mais ela pode nos reservar.

Em primeiro lugar, as inscrições que demonstram o dia e o horário em que a página foi atualizada ratificam a Internet como uma mídia escrita e rápida. Primeiro foi o rádio que podia dar uma cobertura ao vivo das notícias, depois a televisão, atualmente a Internet, o primeiro veículo com suporte de texto escrito que pode ser lido pelo público quando as conseqüências mais imediatas de uma catástrofe ainda

estão acontecendo. Em termos de rapidez, ela superou, se não toda, a maior parte da imprensa escrita tradicional, o que poderá produzir um certo efeito de obsolescência no que se refere ao jornal impresso.

A Internet cria um lugar de enunciação próprio, tornando-se notícia escrita e que precisa ser lida, mas não precisa ser aguardada até o dia seguinte, e essa rapidez alia-se ao fato dela produzir texto escrito, como o jornal e as revistas, os quais têm uma reputação informativa que antecede qualquer outro meio eletrônico. Os textos escritos em papel são uma das formas mais antigas e reconhecidas de divulgação de notícias e conhecimento humano. A Internet produz um simulacro desse tipo de texto, muito próximo visualmente a sua contraparte em papel, podendo induzir o leitor a uma aceitação da “maquete” no lugar de um “original”, contando ainda com a vantagem dela ser mais veloz.

Segundo Weissberg, (op.cit, p. 120), “O virtual não substitui, propriamente falando, o real: torna-se uma de suas formas de percepção, num misto em que as duas entidades são simultaneamente requisitadas”. Assim, a Internet consegue produzir mais um sentido que legitima sua posição como meio propagador de notícias, imitando o texto em papel, tornando-se uma de suas formas de percepção, apropriando-se, talvez, de sua reputação e ainda agregando o fato de poder ser mais rápido, acolhendo mais uma das possíveis exigências de um usuário, a velocidade e a informação, a necessidade de ver tudo e ver depressa. Uma necessidade comum no contexto atual, pois “vivemos num mundo onde tudo circula. Tudo deve circular o mais rapidamente possível: os veículos, os enunciados, os homens”. (Parente, 1993, p. 17). Desse modo, a rapidez da Internet funde-se com a rapidez da circulação informativa e material, gerando a sensação de que ela pode acompanhar adequadamente os padrões de velocidade esperados pelo cidadão contemporâneo.

Mais adiante, abaixo na mesma coluna, encontraremos a foto, a manchete, o texto e mais os dois *links* em azul. É interessante mencionar que, além da percepção da coloração azul, típica dos *links* dessa página e de tantas outras, há também outros *links* que só ficam visíveis se o cursor for posicionado em cima, momento em que a seta assume a forma característica de uma mão fechada. Isso ocorre com a foto, por exemplo, que não apresenta necessariamente a indicação de ser um *link*. É nesse ponto que “o operador cria concretamente o texto em um processo no qual se

interseccionam a leitura e a construção da imagem” (Bettetini, 1993, p. 69). Ao optar pela abertura de um *link* ou ao escolher não abri-lo, o internauta construirá, por meio da hipertextualização, o seu próprio texto,” um continuum variado entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação entre várias redes digitais”. (Lévy, 1996, p. 43).

Dessa forma, cada unidade aberta pelo *link* escolhido compõe uma unidade textual que pode ser lida independentemente da outra, ou desconstruída da outra. O usuário decidirá se aquele é o *link* desejado e se é o momento de abri-lo. Esse “desconstrucionismo propõe um modelo de textualidade totalmente desvinculado da intencionalidade do autor e baseado na máxima indeterminação e variedade das leituras possíveis de um texto”. (Bettetini, op. cit. p. 68). Essa proposta favorece dois desmembramentos: um que trata da possibilidade de variadas leituras por meio das várias ordens de abertura de *links* decididas pelo cibernauta; e outro, de que o texto deva ser encaixado nesse sistema para que o operador possa acessá-lo quando e como quiser, fato que pode inclusive influenciar as tomadas de decisões de quem gera aquele texto especificamente. Vemos, de um lado, um sistema que favorece a montagem de um texto por parte de quem o lê, e por outro, o mesmo sistema afetando, talvez, a produção do texto, se esta for dedicada à veiculação na Internet, pois o texto deverá também atender às necessidades operacionais do *site*.

A desvinculação dá ao internauta um poder maior para reorganizar a história que está lendo, podendo inclusive reorganizá-la de múltiplas maneiras, ao abrir os *links* de acordo com a sua noção de prioridade ou curiosidade, sem a necessidade de seguir um *continuum* vinculado a uma seqüência textual que deva ser seguida, de um início para o fim, tanto para a atualização do texto quanto para a apreensão de sentidos. No jornal tradicional, a sensação de necessidade de um vínculo seqüencial é maior não somente devido a uma questão de conteúdo, mas também de *layout* do texto. Ele não é produzido com uma combinação de *links* que podem ser abertos de maneira “aleatória”, e sim numa continuidade tradicional de páginas numeradas e cadernos que propõem a leitura de uma matéria de um início até um fim.

Nas redes neurais, é esta concepção do texto e da leitura que é subvertida: é em geral impossível definir a função de tal ou qual

unidade escondida específica, e apenas globalmente o sistema comporta um sentido. (DENTIN, 1993, p. 141).

No hipertexto, podemos ter um começo de leitura, talvez a página inicial de uma matéria, mas o fim será determinado pelo internauta, que decidirá o momento em que já ficou satisfeito e deve interromper a sua abertura de *links*. Ao optar pelo fechamento da página, ele também pode fechar o texto e apreender o sentido dos trechos que leu. As unidades que o internauta viu serão o suporte para o sentido que ele construir.

Numa nova abertura, uma nova ordem poderá ser seguida, optando-se talvez por outros *links* que não tenham sido acessados anteriormente, ou dos mesmos *links* numa ordem diferente, e assim sucessivamente. “A textualidade produzida pela tecnologia infográfica não pode, portanto ser considerada um sistema fechado de signos: ela é uma ação em devir (*in fieri*)”. (Bettetini, op. cit. p. 69). Um novo texto pode ser criado a cada abertura ou reorganização do conteúdo. As novidades de cada fase não serão produzidas apenas pelos efeitos dialógicos e polifônicos decorrentes de uma releitura de qualquer texto, mas também por um favorecimento causado pelo sistema infográfico e tecnológico que possibilita uma constante escolha do que se ler de cada vez e em que ordem isso será feito.

Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar outros dados, em integrar as palavras e as imagens de uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura. (LÉVY, 1996, p. 45)

Os *links* e ícones representam a exteriorização das possibilidades de escolha que poderá também sugerir ao leitor o que deve ser aberto. A decisão final é dele, mas os dispositivos estão ali - em presença regular e insistente - no seu campo visual, toda vez que a página for aberta. Essa ocorrência repetida favorece a criação de uma familiaridade na utilização dos dispositivos de leitura, que possibilita a integração dessas ferramentas ao aparato de hábitos de leitura de um usuário, virtualizando o processo que pode tornar-se uma referência para futuros procedimentos.

Nosso mundo cotidiano começa a se povoar dessas estranhas criaturas, quimeras modernas: ícones de menus de computadores regulando a composição de textos virtuais (imagens que não são feitas para serem vistas, mas para encadear-se na ação), o 'mouse' cujo deslocamento físico manipula objetos imateriais (texto, imagem etc). Sem dúvida, para nós, não há aí mais do que funções hoje bastante comuns. Elas indicam, entretanto, de uma forma balbuciante, a emergência de realidades artificiais como forma de apresentação de um neo-ambiente. Virtualizando objetos, elas inventam necessariamente novas modalidades para defini-los e animá-los, constituindo um novo espaço de percepção em que ver, falar, mover, sentir recompõem suas operações. (WEISSBERG, 1993, p. 118)

Dessa forma, métodos para a utilização dos dispositivos e processos de leitura e manipulação hipertextual são incorporados ao texto. Quanto mais familiar for a utilização deles, maiores serão as possibilidades de leitura e mais numerosos serão os percursos seguidos nesse neo-ambiente de leitura. "Os resultados dos caminhos seguidos dependem de operações que vão sendo pouco a pouco realizadas pelo usuário, e conservam então uma ampla margem de imprevisibilidade". (Bettetini, 1993, p. 70)

Isso também favorece a ocorrência de um novo desdobramento: a co-autoria do texto por parte desse usuário. Uma vez que o hipertexto não é mais um sistema estático de signos e que um percurso de leitura pode ser seguido de acordo com as escolhas de quem o lê, cada resultado será um novo texto, reescrito por meio dos caminhos trilhados em cada seqüência de abertura de *links*.

Encontra-se um terreno para a observação dessas possibilidades na terceira coluna da página inicial do nosso corpus, ainda no anexo 03. Nessa coluna, há um certo número de *links* em azul sobrepostos numa ordem aparentemente aleatória sobre um texto predominantemente escrito em caracteres pretos. Apesar da iconografia destacada pelas cores, esses *links* apresentam uma diferença visível em relação aos da segunda coluna: eles são, além de tudo, signos que parecem compor a materialidade textual da terceira coluna.

Se, na segunda coluna, tínhamos 04 *links* (dois deles destacados em azul e não inseridos num texto), por ora dispomos de mais 13, distribuídos na terceira coluna dividida em quatro blocos. Em toda a *home page*, há 17 portas de entrada para se iniciar e continuar uma trilha de leitura e investigação.

A foto e os signos que constituem os ícones visuais da segunda coluna sugerem uma porta de acesso que podem levar a textos que contenham uma visão geral ou mais ampla sobre o assunto. A foto demonstra o impacto, portanto faria sentido que o *link* aberto por ela levasse a um texto que a descrevesse. Os outros, *AMERICA UNDER ATTACK*, *FULL STORY* e *SPECIAL REPORT*, anunciam histórias que poderiam dar conta da cobertura ampla e total dos fatos ocorridos em 11 de Setembro.

Entre os dezessete *links* dispostos na *home page*, quatro ficam sugeridos como grandes portas de entrada para iniciar-se a leitura com uma grande abundância de informação devido à posição que ocupam, o meio da página. Portanto, o sistema que opera as possibilidades de abertura e causa a sensação de liberdade é o mesmo que, por outro lado, cerceará as escolhas.

A sensação de liberdade de escolha, construída pela iconografia do texto, atuará também como um instrumento de controle de acesso. Segundo Pinho (2003, p. 187) “os textos de um Web Jornal são redigidos numa estrutura narrativa não-linear, mas seguindo uma “hiper-retórica”, dando ao visitante uma falsa “impressão de controle” sobre os links”. Em outras palavras, há uma liberdade de escolha, desde que ela seja feita entre as opções apresentadas, que são arquitetadas para favorecer uma ordem.

Caso o *link* da foto seja o primeiro a ser aberto, será visualizado um texto com o nome “Terror attacks hit U.S.” O mesmo acontecerá caso o internauta abra o segundo, o título “AMERICA UNDER ATTACK”, ou o terceiro, “FULL STORY”. Os três *links* levarão o leitor ao anexo 04 (figura 05, na página seguinte), uma matéria que descreve linhas gerais do assunto, ilustrada por duas fotos que demonstram a seqüência do impacto do segundo avião na segunda torre do WTC.

Aquela sensação de liberdade de escolha e de abundância de informação na página inicial começa a dar alguns indícios de que há uma ordem a ser seguida e de que a informação talvez não seja tão abundante como se podia ter a impressão. Três ícones de acesso levam ao mesmo fim, o mesmo texto, sendo que este não apresenta mais nenhum outro *link* que possa ser aberto para se seguir adiante.



Figura 05.

Nesse primeiro momento, já terá ocorrido a construção de um primeiro texto. Abrindo-se a página inicial, lendo-a, identificando-se um primeiro ícone para a abertura de uma nova página, abrindo-o, abrindo os outros dois, verificando-se a redundância, descartando-a e voltando para a página inicial, já terá sido produzida uma primeira trilha que funcionará tanto como um caminho de leitura quanto de escritura. Os blocos estavam desconstruídos (segundo a definição de Bettetini) um do outro e a abertura deu-lhes uma seqüência. Seria possível também não se ler nada além dos *links* da página inicial, abrindo-se diretamente o *link* de uma outra página, transformando a outra página escolhida no “ponto de partida da leitura do texto”. Isso é possível devido ao desvínculo das unidades textuais ou porque “as pessoas querem sentir que são ativas quando navegam pela web” (Silva, 2003, p.

123), uma outra força motriz que atua no processo de abertura e fechamento de *links*.

Nesse caso, tanto a página inicial propriamente dita (figura 03), quanto a página aberta pelos três primeiros *links* (figura 05) podem ser lidas independentemente uma da outra e em qualquer ordem. Se o primeiro caminho for seguido, da página inicial para os *links*, será construída uma rota; caso o segundo caminho for o preferido, lendo-se primeiro o texto do *link* para depois voltar e fazer a leitura da página inicial, terá surgido uma outra rota, construindo-se uma outra possibilidade de composição hipertextual, o que torna o processo de leitura um processo de escrita ao mesmo tempo..

Assim, a leitura e a escrita trocam os seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado, das possíveis dobras de sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso, ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação e conclui momentaneamente uma escrita interminável. (LÉVY, 1996, p. 46)

Até o momento, consideramos somente a abertura de três *links* da página inicial e a leitura desta para mostrar que esse sistema transforma o ato de ler num ato de escrever, atualiza um percurso e “conclui momentaneamente uma escrita interminável.” Também verificamos que esse fenômeno somente é possível nesse meio, na Internet.

Essa constante abertura de *links*, de idas e vindas, de acionamento de dispositivos de leitura hipertextual compõem a “navegação” da Internet. Ela atualiza os percursos e é o meio pelo qual se processa esse ato de uma “escrita interminável”. A trilha seguida, a rota tomada, gerou uma composição textual que fez emergir um “novo” tipo de escrita, como se os vestígios deixados durante a navegação não pudessem ser apagados; as “marcas”, as “pegadas” ficaram registradas depois da leitura. Há, inclusive, uma evidência visual desse fenômeno, pois os *links* que porventura já tenham sido abertos mudam de cor. Se uma nova visita for feita àquela página, o caminho anterior já estará registrado, indicando que uma rota já fora trilhada anteriormente.

Esse é um registro visível e diferente do que ocorre no texto tradicional, nenhuma marca é deixada num texto em papel pelo simples ato de ler. No hipertexto,

o sistema de navegação deixará registradas as marcas do percurso de leitura trilhado anteriormente, transformando o internauta em co-autor durante seu ato da leitura, independentemente de sua vontade.

É possível também se traçar então um paralelo entre o internauta e um consumidor. De certa forma, o sistema de navegação dispõe, aos olhos do leitor, uma série de itens, de uma maneira comparável a de um supermercado que dispõe os produtos nas gôndolas. O consumidor escolhe os produtos que atendem suas necessidades de consumo, preço e preferência, deixando pistas a respeito dos produtos mais vendidos pelos espaços vazios deixados nas prateleiras. As mercadorias serão então repostas, podendo inclusive ganhar mais espaço nas prateleiras se estiverem vendendo mais, ou menos espaço se as vendas caírem. Um fato semelhante pode ocorrer com o hipertexto e a detecção desse fenômeno é feita por instrumentos chamados “tecnologias de investigação”.

Uma vez que os dados são coletados, todos os itens de informação contidos no banco de dados podem ser agregados, desagregados, combinados e identificados de acordo com o objetivo e o poder legal. Por vezes, trata-se simplesmente de fazer perfis agregados, como em pesquisa de mercado, seja para o comércio ou para a política. Em outros casos, trata-se de visar indivíduos, já que uma dada pessoa pode ser caracterizada por um grande corpo de informação contido em seus registros eletrônicos, de pagamentos por cartão de crédito a visitas a websites, correio eletrônico e chamadas telefônicas. (CASTELLS, 2003, p. 142)

A presença dessas tecnologias disponibiliza a indicação de que certas rotas foram seguidas. Quanto maior o número de vezes que um ícone for acessado, tanto pelo mesmo leitor quanto por um número indefinido de leitores, maior será a indicação de que aquela transação é merecedora de mais espaço. Essas informações são “a principal fonte de rendimento das companhias de comércio eletrônico, utilizadas para mirar o cliente melhor e colhidas de cada clique no website” (Castells, op. cit. p. 143).

Por isso, o consumidor de informação, de transação ou de dispositivos de comunicação não cessa, ao mesmo tempo, de produzir uma informação virtualmente cheia de valor. O consumidor não apenas se torna co-produtor da informação que consome, mas é também produtor cooperativo dos “mundos virtuais” nos quais evolui, bem como agente

de visibilidade do mercado para os que exploram os vestígios de seus atos no ciberespaço. (LÉVY, op.cit. p. 63)

A mensagem atualizada e resgatável através das trilhas percorridas durante a leitura é relevante para todo o processo de escrita contínua da Internet. Ela coopera para a evolução de toda a escrita do hipertexto por meio da exploração que o sistema faz dos vestígios dessas trilhas, contribuindo para a geração de mais informações, canais de transações, dispositivos de comunicação e alteração dos rumos possíveis de se seguir onde houver a detecção de um aumento de fluxo na busca de informações. Mais artigos serão escritos sobre os assuntos de maior procura, mais caminhos de acesso serão abertos e outras adaptações ou mudanças serão feitas como resultado do fluxo de busca de informações que foi apreendido, interpretado pelos agentes do sistema. O que esses agentes interpretaram é um texto, uma mensagem escrita pelos internautas, que retro-alimenta o sistema e ajuda no processo de expansão da rede.

A ocorrência da ação de leitura contribui também para o aumento do número de vozes que falam em um determinado texto. Cada internauta que visita uma página poderá decidir acionar uma outra página não somente devido à disposição sugestiva de *links*, mas também devido à maneira em que for interpelado no interdiscurso. Dependendo do resgate de sentidos que cada frase ou palavra de cada *link* despertar, uma abertura poderá ser feita ou não. Há uma profusão de acessos às páginas, que podem ser abertas em vários lugares do mundo e, dada a desterritorialização típica do ciberespaço, há também a possibilidade de se congregarem a expressão de várias “preferências”, por opiniões e matérias de vários internautas espalhados pelo mundo ao mesmo tempo.

Cabe notar que a polifonia que resultar disso não irá mais associar apenas vozes humanas, mas também vozes maquínicas com os bancos de dados, a inteligência artificial, as imagens de síntese etc. A opinião e o gosto coletivo, por sua vez, serão trabalhados por dispositivos estatísticos e de modelização, como os que são produzidos pela publicidade e a indústria cinematográfica. (GUATTARI, 1993, p. 186)

Dessa forma, surge um efeito de manipulação ou direcionamento da polifonia. Toda vez que um acesso é feito, ou que um *link* é acionado, os dispositivos

estatísticos podem atuar e detectar o fluxo de leitura em uma direção. Todavia, os motivos que impeliram aquele fluxo não são totalmente conhecidos. O que a inteligência do sistema interpreta é o volume e a direção do movimento, não o seu conteúdo textual. Essa inteligência artificial das tecnologias de investigação não irá relevar a espontaneidade semântica de cada um dos acessos, e sim encaixá-los no seu sistema de modelização estatística. Nesse processo, não se pensa individualmente, e sim coletivamente, favorecendo-se a criação de dispositivos que potencializarão e agenciarão os fluxos de movimento detectados por causa de seu volume e direção, e não por causa de seu conteúdo ou opinião. As diferenças individuais desaparecem e são moldadas num novo formato coletivo, não necessariamente para atender às necessidades do usuário, mas sim às do sistema.

2.3. A COLETIVIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Ocorre, pois, mais um desdobramento de nossa análise, a coletivização. Os dispositivos estatísticos e de modelização agem de forma a coletivizar e uniformizar opiniões para que os dados obtidos possam ser utilizados na reorganização do sistema, redirecionando suas táticas para atingir um maior número de internautas. A questão que surge é se a produção dessa uniformização gerada pelo sistema afeta a produção de textos na Internet. O processo de leitura dos hipertextos está conectado à necessidade de abertura de *links*. Isso poderá causar mudanças na reorganização das páginas em atualizações seguintes e novos *links* podem ser originados a partir de um levantamento estatístico, maquínico e modelizante. A produção seguinte, que aparecerá na próxima atualização de uma página, poderá ser desenvolvida nesses moldes: utiliza-se esse levantamento de dados, gerando uma produção cada vez mais reificada e de acordo com os moldes agenciados pelo sistema, fato que pode tornar os textos cada vez mais desprovidos de espontaneidades particularizantes.

É próprio de uma linguagem não tanto buscar refletir o mundo ou a essência das coisas, mas criar as condições de um engajamento coletivo, de uma comunidade de leitura e de escrita, e permitir que sinais privilegiados de aliança sejam compartilhados para facilitar a

constituição do corpo social e para gerir, tanto quanto possível, as suas contradições. A potência ubíqua e metafórica das técnicas de numerização e simulação permitirão às ‘escritas virtuais’ desempenhar, numa escala jamais atingida na história, esse papel de liga social, esse papel de laço que liga e enforca. (QUÉAU, 1993,98)

A novidade, portanto, não está na utilização de uma linguagem para mediar o engajamento coletivo, isso a própria língua é capaz de fazer. Se a língua é uma abstração do real, constituída por signos que simbolizam ações, sentimentos, seres etc, não há como negar que ela precede o monitoramento dos fluxos de leitura na Internet no que diz respeito à gestão de contradições ou particularidades de uma polifonia que permeia a constante produção de enunciados. Não há também como negar que a linguagem humana precede o monitoramento no que diz respeito à interação social, regendo-a e sendo regida por ela, sistematizando as formas de engajamento social e sofrendo alterações na medida que as relações humanas também se modificam. A novidade está na inserção da navegação como um elemento que sofre o processo de monitoramento de fluxos que atualiza as trilhas percorridas e permite a criação dessa “escrita virtual”, discutida anteriormente, num ambiente que consegue estar presente em várias localidades ao mesmo tempo, utilizando estratégias visuais que aumentam o impacto das suas mensagens, talvez porque utilize como suporte uma mídia que agrega e utiliza os recursos de outras em um único suporte textual. Mesmo as comunidades que falam idiomas diferentes enquadram-se no sistema regido pela rede, que prioriza os deslocamentos dos usuários dentro do sistema, podendo deixar as demais diferenças num outro plano e não precisando restringir-se a elas.

É possível então que no universo dos impulsos elétricos, o hipertexto exista sem as limitações impostas eventualmente pela língua em que esteja operando. O sistema de reconhecimento é maquínico, estatístico e modelizante, capaz de acolher tanto as diferentes línguas quanto a profusão polifônica, tendo delas a leitura que é peculiar ao sistema.

Como essa rede é capaz de operar em vários lugares e em várias comunidades ao mesmo tempo, ela tem a potência de alcançar uma abrangência jamais vista antes. Virtualmente ela já o faz, se considerarmos a sigla “WWW” (World Wide Web), ou Rede Mundial de Computadores. Trata-se de um ambiente dotado de

uma plasticidade e elasticidade, capaz de se amoldar e adaptar às mais profundas diferenças culturais, unindo todas sem pertencer a nenhuma. Compõe um simulacro que causa a sensação de que é possível unir povos e dirimir diferenças numa espécie de mundo paralelo, potencializando a fascinação dos seres humanos diante de um dos aspectos que eles têm em comum, a vida social.

“Este fascínio provém do fato de que não somente podemos criar pequenos ‘mundos’ do nada, mas sobretudo pelo fato de que, num certo sentido, podemos ‘habitar’ realmente esses mundos”. (Quéau, op. cit. p. 99). Em outras palavras, temos a sensação de que esse mundo pode ser o que quisermos, que há nele um espaço para nos acolher e que lá podemos existir e encontrar o que quisermos, atendendo às necessidades individuais de cada um. Em contrapartida, seu sistema transforma o indivíduo em parte de um fluxo estatístico que retro-alimenta o sistema de produção de textos. O usuário do sistema tem a sensação de livre- arbítrio para abrir a página que quiser, da forma que quiser e no tempo em que quiser, mas todas essas opções são regidas por um sistema que vai se amoldando tanto de acordo com as necessidades coletivas dos usuários, quanto de quem diretamente compõe a diagramação do ambiente, fazendo com que o usuário também se adapte, na medida em que o sistema propõe conteúdos com novas formas de acesso e leitura. Segundo Castells (2003, p. 142), “uma vez na rede, o usuário médio torna-se prisioneiro de uma arquitetura que não conhece” e as trilhas que irá percorrer não serão determinadas apenas pelos internautas.

Isso pode ser verificado se observarmos os Anexos 03 e 08, as páginas iniciais do mesmo *site*, uma levada ao ar às 16H e a outra às 18H33 no dia 11 de setembro de 2001. A foto que mostra o impacto do avião na torre foi substituída pela imagem do desabamento de uma das torres. Além disso, o número de ícones e a própria diagramação da página mudaram, causando uma impressão final mais esquemática e menos parecida com a composição que se assemelhava mais a uma série de fragmentos de texto utilizada na página das 16H.

O meio eletrônico de divulgação foi capaz de se reconstruir e mostrar inovações de um dia para o outro, refletindo, talvez, o acolhimento de necessidades geradas por seus leitores, autores propriamente ditos ou, até mesmo, pelas necessidades geradas a partir da própria notícia. De toda forma, devido a um ou a

todos os fatores, o que nos interessa observar é que houve um movimento, uma reação rápida na diagramação, procurando deixar a página num formato que pudesse atender melhor às exigências surgidas e retro-alimentadas de um dia para o outro.

Esse poder de reação e adaptação produz mais um salto qualitativo. A Internet não somente veicula as notícias escritas com grande velocidade, mas também pode colocá-las num *layout* diferente cada vez que uma página é atualizada, construindo a imagem de ser um veículo capaz de alterar tanto seu conteúdo quanto sua forma sempre que necessário. Isso causa um efeito de dinamismo visual, um resultado mais difícil de se obter em outras modalidades da imprensa escrita.

De uma atualização para outra, a mesma notícia pode ser apresentada numa forma diferente da apresentação anterior. Uma mudança que propõe novas rotas a serem seguidas e novos textos a serem gerados e apreendidos pelos sistemas de rastreamento. Novas estatísticas serão levantadas e mais mudanças poderão aparecer se assim for considerado necessário. Outrossim, mudar o layout sem mudar as matérias pode ser mais um recurso utilizado pela Internet que, além de fazer parte de sua tipologia, reforça a construção do imaginário de uma mídia que sempre traz novidades, sempre tem algo novo a dizer, mesmo que a mudança tenha sido apenas na disposição dos elementos.

2.4. OS DESLOCAMENTOS DE SENTIDO NO DOMÍNIO DA INTERNET

Conforme descrito anteriormente, estamos lidando com um *corpus* de características específicas; trata-se de um texto com suporte de mídia eletrônica, a Internet, que tem características próprias de leitura e produção. Dessa forma, estamos observando alguns movimentos dos elementos que compõem a materialidade textual da Internet em nosso material de análise. Passamos, assim, a estudar outras articulações e possíveis desdobramentos para chegar a uma interpretação mais analítica de como são compostos os efeitos de sentido que podem surgir no campo hipertextual que retrata o 11 de Setembro.

Na primeira *home page* (anexo 3) em análise, é possível observar diversas vozes que dialogam num mesmo espaço: a fala do jornal (*America Under Attack*), a fala do presidente (*punish those responsible*), a da Força Aérea (*FAA grounds all U.S. flights*), a da Disney (*Disney Florida parks closed*), a do Talebã (*Taliban issues a statement*), a da OTAN (*Non-essential NATO employees asked to leave Brussels HQ*), e a de outras partes do mundo (*Middle East, Ásia condemn the attacks*), a do prefeito de Nova Iorque (*Giulliani: 1,500 walking wounded*) e a de Washington (*hospitals report 53 casualties*). Na figura abaixo, temos a oportunidade de observar o posicionamento desses enunciados na terceira coluna da *home page* do dia 11 de setembro de 2001.



Figura 06.

Há todo um conjunto de enunciados coexistindo, acionados por uma conjuntura, o ataque às torres do WTC em 11 de Setembro. Alguns desses dizeres

são *links* para outras páginas em que encontraremos uma nova profusão de vozes, todas operando dentro do mesmo universo, fazendo sentido tanto separadas quanto unidas.

Cada enunciado identificado anteriormente nos parênteses é a indicação da existência de uma voz. Quando lemos, por exemplo, “*President Bush: ‘U.S. will punish those responsible.’*”, reconhecemos a heterogeneidade do discurso marcada pela fala do presidente dos EUA, anunciada pelo seu próprio nome e assinalada pelo uso das aspas. Ela está inserida no contexto de 11 de Setembro, momento no qual os EUA sofreram um ataque terrorista. Nesse momento, a articulação do enunciado “punir os responsáveis” é dotada de sentido por uma rede de filiações que estão no interdiscurso (Orlandi, 2001), permitindo uma remissão a toda uma filiação de dizeres, a uma memória e uma historicidade. Punir os responsáveis por uma agressão filia-se a um “já-dito”, uma dicotomia de ação e reação, ataque e contra-ataque.

Media coverage itself comes to be shaped by the metaphor: we may, for example, find a pattern of alternation day by day between the attacks of one party and the counter-attacks of another. (FAIRCLOUGH, 1993, p. 196)

As várias repetições, na mídia e em outros meios de propagação, ajudam a compor essa historicidade a que estamos nos referindo. A idéia de atacar e contra-atacar, crime, apuração de responsabilidades e punição são aspectos que se articulam nesse contexto, fazendo sentido tanto porque já foram mencionados anteriormente, como porque estão inseridos em determinadas condições de produção.

Esse enunciado articula-se com os outros da mesma página, e vemos a reprodução da fala do presidente no mesmo campo visual em que aparece “*AMERICA UNDER ATTACK*”. Por meio desses dois enunciados, ataque e punição articulam-se e produzem sentido. “Individualmente, cada um dos enunciados filia-se ao seu eixo do interdiscurso. Individualmente, também ocupam seus espaços como formulações do intradiscurso” (Orlandi, op. cit.), aquilo que está sendo dito no momento e naquelas condições.

É interessante observar que cada um dos dois enunciados já tem, independentemente, a sua rede de filiações. “*AMERICA UNDER ATTACK*” já seria o suficiente para possivelmente pensar-se num contra-ataque. No entanto, isso é manifestado textualmente por meio do enunciado que reproduz a fala do presidente americano, “*U.S. will punish those responsible.*”

Se observarmos o restante da página, veremos que muitos desses enunciados são *links*, outros não, e de alguma forma articulam-se com “*AMERICA UNDER ATTACK*”, potencializando não somente a idéia de contra-ataque, mas outra que também faz parte desse jogo enunciativo, a retaliação, apontando desde a primeira página para uma direção não muito imparcial, mas de tomada de posições.

Um texto jornalístico que deveria, em tese, retratar os fatos e as notícias de forma imparcial, deixa escapar algo mais por meio das intersecções interdiscursivas das formulações da página. Não existe na *home page* nenhum texto que propriamente manifeste algum posicionamento da CNN, algo como um editorial a respeito de 11 de Setembro, por exemplo, mas algumas tendências de posicionamento já são manifestadas ali.

Na Internet, os *links* cumprem mais de uma tarefa. Eles fornecem ao leitor as portas de entrada para outros textos, além de também poderem fazer parte da composição textual da página. Um *link*, visualmente destacado pela cor azul, funciona como um índice, mas pode também ser parte do texto. É o caso de “*collapse*”, “*Pentagon*¹⁶”, “*evacuated*”, “*punish those responsible*”, “*FAA*¹⁷ *grounds*”, “*Disney*”, e “*Statement*”, que, além de cumprirem uma função de índice, estes signos pertencem aos enunciados da *home page*, e o seu destaque em azul, além de identificá-los como *links*, podem funcionar como “grifos” ou “negritos”, destacando os termos e tornando-os merecedores de maior atenção. Itens como “*collapse*” e “*evacuated*” filiam-se, no eixo do interdiscurso, às conseqüências de um desastre, de uma catástrofe. “*Pentagon*” articula-se com a idéia de defesa e segurança e “*FAA*” com a de segurança. “*Disney*” provoca uma associação com turismo, pessoas divertindo-se, ou crianças e, até mesmo, nesse contexto, a uma ameaça a essas

¹⁶ “Quartel Genreral” do departamento de defesa dos EUA. (cf. <http://pentagon.afis.osd.mil/facts.cfm>)

¹⁷ “Federal Aviation Administration”, o departamento federal americano responsável pela segurança na aviação civil. (cf. <http://www.faa.gov/about/mission/activities/> . Acesso em: 03/07/2006 às 16h30min.)

crianças. O fio discursivo que vai sendo tecido por meio das articulações entre esses elementos que se apresentavam como *links*, começa a deslocar esses links de uma posição que ocupavam na função de índices indicativos da abertura a novas páginas para uma outra que produz novos sentidos. Nos cruzamentos interdiscursivos pode-se inferir a realização de uma nova mensagem, a de que as conseqüências de uma catástrofe, provocada por um ataque, acionou os dispositivos de defesa e segurança do país e que até mesmo os que estavam “inocentemente” divertindo-se, sem envolvimento direto, poderiam estar sob risco. Um sentido que pode ter sido construído a partir da combinação “collapse”, “Pentagon”, “evacuated”, “FAA grounds” e “Disney”.

Existem ainda mais *links* nessa mesma página, os quais mencionamos anteriormente: “punish those responsible” e “Statement”. O primeiro encontra sua articulação com os demais elementos verbais e não-verbais da página que demonstram um ataque contra os EUA. A filiação de sentidos da palavra “punish” articula-se com o interdiscurso da palavra “attack”, favorecendo a construção de um sentido que envolva a concepção de ataque *versus* contra-ataque, discutido anteriormente. No segundo caso, o de “Statement”, que aparece próximo ao nome do presidente Bush e está grafado com a inicial maiúscula, pode também levar a inferir sentidos. A proximidade com o nome do presidente e a letra maiúscula sugerem, por um lado, a existência de um “pronunciamento formal do governo”, e por outro, articulando-se com os demais links, pode-se dizer que o país sofreu um ataque, mas já se pronunciou, mobilizou sua segurança e sua defesa, tomou atitudes e punirá os responsáveis por esse ato contra pessoas inocentes.

A análise de todos os possíveis sentidos de todas as possíveis construções montáveis a partir da recombinação dos *links* da página inicial pode chegar a proporções muito grandes. Todavia, não é preciso ir muito longe para que se possa constatar pelo menos alguns pontos: a) os elementos que estavam ali para servir de instrução também fazem parte do processo de construção de sentidos; b) esses sentidos podem se concretizar graças à filiação de sentidos que cada um dos elementos apresenta; c) o que aciona as possíveis construções é a maneira pela qual cada internauta é interpelado pela manifestação que cada elemento fizer emergir em sua memória; d) há uma relação prévia entre os elementos, que é estabelecida a

partir do projeto gráfico da página que destaca os itens pelo uso de uma coloração diferente.

“Os efeitos de sentido se dão (ou seja, o sentido se produz) na medida em que a língua é afetada pelo interdiscurso”. (Souza-Pinheiro Passos, 2006, p.50). Pensando-se nessa concepção e numa outra que nos diz que “a condição da linguagem é a incompletude, pois a falta é também o lugar do possível” (Orlandi, 2001, p. 52), pode-se chegar à conclusão de que uma *home page* escapa à dimensão tipológica de texto informativo e orientador da navegação do internauta. A presença de tantos *links* destacados forma um grande texto “incompleto”, pedindo para que alguém lhe dê sentido, preencha-lhe as lacunas, dando possíveis sentidos a alguma coisa que tem a aparência de inacabada. É a partir daí que os vários fios discursivos podem ser tecidos e vários outros sentidos podem emergir.

CAPÍTULO III

ELEMENTOS COESIVOS DO HIPERTEXTO

Para que um fio discursivo possa ter seus pontos de sustentação nas páginas do hipertexto, o processo de navegação é feito pelas portas de entrada e de saída, os *links*. Eles não somente fazem parte do processo operacional, como também contribuem para a formação de combinações textuais reformuláveis. Portanto, vamos estender os comentários sobre os *links* e procurar compreender a forma de funcionamento desse processo, que faz parte tanto da navegação como da formação de sentidos.

3.1. A IMPORTÂNCIA DOS LINKS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Como vimos anteriormente, várias podem ser as significações que se dão a partir de um *link*. Porém, uma outra questão que emerge ao trabalharmos com o texto da Internet é se as diferentes combinações de ordem de abertura de *links* podem gerar ou não enunciados diferentes, em outras palavras, se a hipertextualidade da Internet favorece a composição de novos enunciados toda vez que abriremos os *links* em ordem diferente.

Para isso, consideremos a figura 06, a página inicial da CNN do dia 11 de setembro. Se seguirmos uma ordem de abertura de cima para baixo, encontraremos (I) a foto da torre do WTC com a inscrição “CNN EXCLUSIVE”, sendo atingida pelo avião; (II) a manchete “AMERICA UNDER ATTACK”; (III) a legenda “FULL STORY”; e (IV) o *link* “SPECIAL REPORT”.

Segundo Pinho (2003, p. 187), “os links emprestam profundidade à informação e servem para oferecer dados complementares e (...) precisam mostrar claramente ao usuário para onde eles estão indo e por que eles devem ir”. Como já visto anteriormente, os *links* são um enunciado, eles não somente funcionam como um índice para o leitor, mas também são frases que constituem algum sentido por si mesmas, podendo ainda favorecer outros se agregadas. Vimos também que eles causam a sensação de que é necessário clicar constantemente para se continuar

lendo o hipertexto e se atingir uma certa sensação de plenitude de leitura. Dessa forma, é também possível se dizer que essa busca de plenitude é guiada pelos pequenos enunciados dos *links*, os quais constituem uma possibilidade de encontrar profundidade na informação e, portanto, criam uma expectativa. Esse pode ser o resultado de uma interação de signos entre o *link* e a matéria existente por trás dele; de lá pode ter vindo a palavra que compõe o *link*, sugerindo que o conteúdo aberto fornecerá maiores explicações sobre o assunto, antecipando uma “seqüência discursiva” que mantém a possibilidade de se continuar a estabelecer relações com o que ainda está por ser lido. Esse “empréstimo de profundidade” que é dado pelo *link* pode vir também da própria expectativa causada por um termo como “FULL STORY”, denotando que a história completa sobre o ocorrido estará na tela se aquele *link* for acionado. Isso promove a página aberta a uma condição de fornecedor completo de informação, independentemente disso ser verdade, e estimula a abertura daquele *link*, favorecendo o acionamento do processo de leitura do hipertexto.

Essa relação com o hipertexto é um dos pontos que diferencia a leitura na Web. A história não é escrita com um começo, meio e fim para ser consumida nessa ordem. A abertura dos *links* e o alcance da plenitude de leitura poderão determinar uma nova seqüência de leitura e de consumo. Dessa forma, um internauta que esteja interessado na totalidade da história poderá ser estimulado a abrir o *link* “FULL STORY”, pois este compõe uma seqüência de palavras que permite a apreensão desse sentido.

Por um lado, temos o surgimento de um certo caráter de “liberdade de escolha”, uma vez que o *link* será aberto se assim o internauta o escolher. Por outro, há um direcionamento na abertura, ou seja, mostra-se uma rota por onde se deve ir.

Nesse contexto, mais um fato que chama a atenção é a existência de três *links* na página inicial, os quais levam exatamente ao mesmo hipertexto. Os *links* I, II, e III levam a uma matéria que se inicia com a manchete “Terror attacks hit U.S.”, figura 07. Não se chega à matéria sem se passar por um dos *links*, seja ele qual for. Portanto, há três possíveis combinações: (a) o *link* I e a matéria; (b) o *link* II e a matéria; o *link* III e a matéria. Visto que cada *link* compõe um elemento construído para estimular a abertura, pode-se dizer que o ímpeto de leitura com que se chega à página seguinte é diferente um do outro.

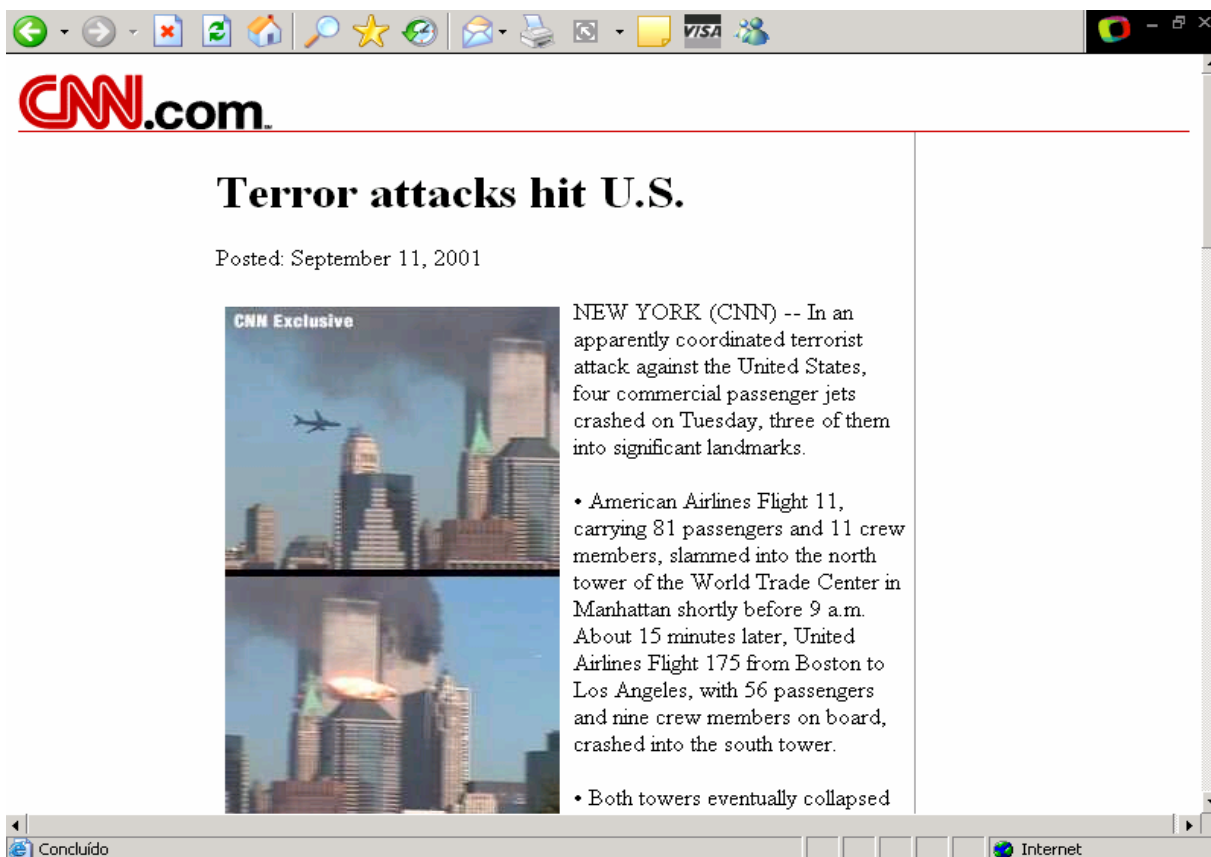


Figura 07

É inegável que toda a *home page* estimula uma expectativa de se obter mais informação sobre 11 de Setembro; ela é povoada de *links* e manchetes, uma série de formulações para o internauta ler e clicar na sua “zona de visualização”. Contudo, se considerarmos a combinação (a) descrita anteriormente, a leitura terá sido guiada por uma imagem que sugere a descrição daquela figura e que talvez seja possível ler detalhes “exclusivos da CNN” sobre o fato. A seqüência estará, portanto, filiada a uma rede de sentidos que favorecem a expectativa de uma descrição e de uma exclusividade por parte da CNN.

Ao abrir o *link* dessa combinação, o internauta lerá “Terror attacks hit the U.S.”, a manchete da página aberta. Os signos que compõem essa manchete vinculam-se a uma série de sentidos que comentaremos mais adiante. No entanto, o que nos interessa saber por ora é que o internauta chegou a esse texto com a expectativa de

ler uma matéria que descreva a foto vista na página inicial e que tenha detalhes exclusivos da CNN.

Caso o *link* aberto seja o II, a composição será (b) e a cena enunciativa estará filiada a uma outra composição, mostrando que a América está sob ataque, o que gera uma expectativa por maiores detalhes desse ataque; uma explicação sobre o que está sendo feito a respeito do ataque; uma matéria que fale sobre algo parecido com uma guerra; ou até mesmo explicações sobre as razões do ataque. Finalmente, se a composição for (c), a expectativa gerada é a de se ter uma versão total dos acontecimentos, algo que pode satisfazer a busca de uma plenitude de leitura.

Ao menos numericamente, essa matéria parece ter uma posição de destaque por conter três portas de acesso, algo possível de se atingir somente no texto jornalístico da Internet. Outrossim, a disposição desses conjuntos (*links* / manchete) estabelece uma gradação significativa que conduz o olhar do internauta de formas diferentes. Cada conjunto abre uma porta de entrada, propiciando à *home page* três formas para instruir o usuário, tanto a respeito de como chegar à página seguinte como também de como possivelmente interpretar a matéria. Três estímulos distintos são lançados na página inicial, aumentando o número de chances da página “Terror attacks hit U.S.” ser aberta para expor a mesma informação de três maneiras diferentes.

Além de não linear, a leitura hipertextual da Internet tem, no ato de abertura dessas páginas, a capacidade de produzir efeitos de sentido a partir da escolha de caminhos diferentes para se chegar a uma outra página cada vez que um *link* é lido e acionado, abrindo a página seguinte.

Caminheemos, então, um pouco mais adiante para olharmos a composição de cada *link* com a manchete da página aberta. No primeiro caso, combinaremos a foto do choque da aeronave contra a torre com a inscrição “CNN EXCLUSIVE” e a manchete “Terror attacks hit U.S.” Nessa composição, algumas vozes estão presentes e alguns sentidos podem emergir. Uma demonstra que “Terror attacks hit U.S.” é a descrição da foto. A outra combinação, “CNN EXCLUSIVE” e “Terror attacks hit U.S.” pode sugerir que a CNN tem essa cobertura exclusiva do assunto. No final, a composição dos três pode resultar numa combinação que contenha a descrição da foto, a exclusividade da CNN e o ataque terrorista aos EUA. Dessa

forma, o estímulo do leitor para abrir o *link* será conduzido por expectativas que favorecerão essa composição de significados: a de que o ataque terrorista é a descrição da foto e que essa cobertura é uma exclusividade da CNN.

Todavia, se a combinação for a (b), os resultados obtidos podem ser outros. “AMERICA UNDER ATTACK” aciona outra rede de sentidos, a de que os EUA estão sofrendo um tipo de ataque e que a abertura do *link* pode prestar maiores esclarecimentos. Combinando-se “AMERICA UNDER ATTACK” e “Terror attacks hit U.S.” identificamos a repetição da palavra “attack”. No *link*, ela se encontra depois das palavras “UNDER” e “AMERICA”; na manchete da página aberta, está depois da palavra “Terror”. O enunciado do *link* esconde o autor do ataque, mas a manchete da página seguinte o revela, como se estivesse respondendo a uma indagação sobre quem foi o responsável pelo ataque, o “terror”, além de reforçar um contexto que pode instaurar uma situação de guerra, por meio da repetição da palavra “ATTACK”. A seqüência ora composta difere da anterior, a América está sob ataque e os terroristas são responsáveis por isso. Essa “necessidade” de atribuição de responsabilidade pode ser gerada pela expectativa originada devido à sugestão de incompletude do *link* a respeito da autoria do ataque. E, ainda, num país de tradições beligerantes como os EUA, “AMERICA UNDER ATTACK” reinstaura não somente esse passado de guerras, mas, quem sabe, um outro momento histórico bem conhecido, a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial após o ataque de Pearl Harbor. Essa é mais uma diferença dessa combinação (b) em relação à anterior. Aquele caráter descritivo de uma imagem com dados exclusivos da CNN abre espaço para a possibilidade, trazendo à tona a participação dos EUA numa guerra depois de terem sido provocados.

No terceiro caso, envolvendo “FULL STORY” e “Terror attacks hit U.S.”, há uma composição que estimula a expectativa de que a história da página aberta favorecerá a plenitude de leitura, como se nessa página seguinte pudessem estar todos os detalhes que fossem necessários conhecer sobre a história.

É dessa forma que aquela função inicial do *link*, o de estimular a abertura da página, gera outras conseqüências. Um único texto, “Terror attacks hit U.S.” contém três portas de entrada, e para cada uma delas o estímulo de leitura pode favorecer uma construção de sentido que terminará gerando resultados distintos. Um mesmo

texto, cuja leitura será guiada por impulsos diferentes, gerando um número de efeitos diferentes com o mesmo material por meio de uma profusão de combinações. Esta parece ser uma das várias características resultantes da navegação pela Internet. Um dispositivo tecnológico criado para facilitar e possibilitar a leitura de textos no suporte eletrônico acaba também contribuindo para a construção de sentidos, submetendo o internauta a diferentes processos de leitura na medida em que navega para explorar os conteúdos de um *site*.

3.2. CARACTERÍSTICAS DE CADA PÁGINA

Passemos, ainda, a outro ponto de nossa análise, que pode render algumas reflexões adicionais. Discutiremos alguns dos possíveis sentidos que podem ser apreendidos em três páginas diferentes a partir da abertura de *links* na página inicial. Depois, refletiremos sobre os possíveis sentidos que podem ser construídos a partir da leitura de uma página seguida de outra e depois em ordens diversas. Para isso, faremos uma análise de alguns elementos que encontramos em cada uma delas separadamente para depois verificar as possibilidades de construção, dependendo da ordem em que forem abertas.

O primeiro texto (figura 5), aberto pelos três *links* comentados anteriormente é o que começa pela manchete “Terror attacks hit the U.S.” e que mostra em seu primeiro parágrafo o seguinte:

In an apparently coordinated terrorist attack against the United States, four commercial passenger jets crashed on Tuesday, three of them into significant landmarks.

Para Carmagnani (1996, p. 59) “a empresa jornalística busca controlar a unidade para criar o efeito de objetividade, isto é, a não interferência do Outro no discurso”. Numa primeira leitura, é possível detectar-se essa tentativa. A formulação toda contém apenas um verbo de ação, “crash on”, e as demais partes informam onde, quando e o que, indagações que o jornalismo comumente tenta responder. Há também uma tentativa de se manter a neutralidade ou imparcialidade por meio de “apparently coordinated”, que denota a necessidade de comprovação da informação

e um possível descomprometimento do *site* com aquilo que seria uma acusação ou afirmação categórica sobre a realização de um atentado coordenado. Esses pontos parecem confluir para a pretensa busca do “discurso jornalístico” de tornar a informação objetiva e imparcial (sem a interferência do Outro).

Contudo, há outras formulações nessa passagem que podem questionar essa imparcialidade. A primeira que aparece é “terrorist attack against the United States”. Conforme discutimos anteriormente, a palavra “attack” filia-se a uma rede de sentidos históricos que os americanos conhecem. A mesma palavra está, nessa formulação, adjetivada por “terrorist”, um outro termo que também se articula com os antecedentes históricos daquele país, o qual há muito tempo se declara contra o terrorismo.

Outro trecho, “four commercial passenger jets”, demonstra que o ataque não foi deflagrado pela utilização de armas convencionais ou bombas, mas sim por quatro aviões comerciais de transporte de passageiros. Por um lado, pode-se dizer que essa formulação continha uma descrição um pouco mais detalhada sobre o tipo de avião usado no ataque, mas por outro, não se pode deixar de lado a possibilidade da emergência de outros sentidos. Um deles é a de que passageiros “inocentes” ou americanos que estavam neste avião foram envolvidos no ataque. Essa mesma formulação parece agregar um sentido adicional, um ganho em dramaticidade, ao termo “terrorist attack”. Ocorre, nesse trecho, a adição do elemento “morte”, o falecimento dos que estavam no avião e nas torres. A morte é um elemento “trágico” que também filia-se aos sentidos que emergem a partir de um ataque terrorista. A morte causa medo e o terror também.

E, para finalizar, temos “three of them into significant landmarks”, ou seja, que o ataque foi realizado contra três alvos em solo americano, considerados “marcos significantes” naquele país¹⁸. Nesse enunciado, novamente vemos um ponto de sustentabilidade do discurso jornalístico para tentar manter uma neutralidade, um comedimento em relação aos alvos atingidos pelos aviões. Os nomes dos alvos não são expressos, mas subentendidos. Isso pode causar a sensação de que se esteja evitando o choque da identificação direta. Entretanto, essa precaução acaba gerando

¹⁸ “Significant Landmarks” referem-se às duas “Torres Gêmeas” do “World Trade Center” em Nova Iorque e o prédio do Pentágono em Washington D.C.

um certo “eufemismo” como efeito, pois a mídia, na época, veiculou amplamente os alvos do ataque. Além disso, as próprias imagens do *site* da CNN não deixavam dúvida a respeito dos alvos atingidos. Talvez, esse mesmo efeito possa ser observado em “apparently coordinated”, pois três alvos foram atingidos por aviões do mesmo tipo e no mesmo dia, uma situação que resiste à significação de coincidência, um sentido que se filia a “aparentemente coordenado”. Além disso, a palavra “terror” também se filia à significação de “uma organização terrorista”, ou seja, se uma organização está envolvida, o ataque foi organizado.

Aquela pretensa intenção de se manter a objetividade e a neutralidade não conseguem se sustentar plenamente no fio discursivo. A neutralidade é afetada pelos aspectos interdiscursivos – as formulações utilizadas para descrever o fato articulam-se com uma rede de sentidos pré-existente –, e intradiscursivos – os elementos dessas mesmas formulações articulam-se uns com os outros, reforçando a significação de que “terror” foi responsável por um “ataque planejado”.

No segundo texto da segunda página aberta, selecionamos a seguinte passagem:

Terror from the sky

Terror struck at the heart of United States security Tuesday when an aircraft crashed into the Pentagon and two planes crashed into the World Trade Center in Manhattan, collapsing both of the massive towers of the landmark building and filling New York's financial district with smoke.

Lembramos que a página (figura 08) de onde foi coletada essa passagem é aberta pelo *link* “SPECIAL REPORT”, localizado na página inicial do *site*. A frase desse *link* é um reaproveitamento de parte do *banner* da página inicial. Portanto, apesar de ser a última da coluna, esta porta de entrada sofre uma filiação com o topo da página, e essa repetição pode chamar a atenção do internauta, como se aquela expectativa gerada no início da página e todos os demais sentidos que pudessem surgir de lá encontrassem naquele *link* do final uma possibilidade de maiores explicações.

Na página aberta, há também um *banner* no topo, o qual repete o enunciado de um dos *links* da página inicial, “AMERICA UNDER ATTACK”, escrito em letras

brancas que contrastam com um fundo que se divide entre uma faixa vermelha, uma azul celeste e uma outra composta por uma imagem desfocada da bandeira americana, aparentemente uma continuação da faixa azul celeste que se segue logo depois da vermelha, mostrando o céu onde está a bandeira. É como se tivéssemos três partes, uma contendo o vermelho e o branco, outra contendo o azul e o branco e uma terceira contendo as três cores, o que sugere uma distribuição equilibrada entre as cores da bandeira americana¹⁹.



Figura 08.

¹⁹ "The colors of the pales (the vertical stripes) are those used in the flag of the United States of America; White signifies purity and innocence, Red, hardiness & velour, and Blue, the color of the Chief (the broad band above the stripes) signifies vigilance, perseverance & justice." (cf. <http://www.niceflag.com/colors.htm>. Acesso em: 04/07/2006 às 17h30min.)

Comentamos anteriormente as possíveis significações de “AMERICA UNDER ATTACK”, pois a mesma frase é encontrada na página inicial do *site*. Porém, ela compõe, nessa passagem, uma formulação diferente. Primeiro, inscreve-se sobre as cores da bandeira, enfatizando o sentido de um ataque sobre os EUA. Segundo, a palavra “AMERICA” está sobre um fundo vermelho, reinstaurando não somente uma das cores do pavilhão, mas talvez favorecendo a construção de um sentido em que os EUA (expresso, então, como AMERICA) encontram-se em estado de alerta, tiveram sangue derramado (sentidos possíveis para a cor vermelha) e precisam “endurecer” (segundo a definição encontrada para as cores da bandeira, o vermelho significa duas coisas: dureza e maciez) ao invés de esmorecer. A inscrição “UNDER ATTACK” encontra-se sobre um fundo predominantemente azul, talvez evocando um sentido de que a “justiça”, a busca da paz, deverá ser feita. Há, nesse nível, uma relação direta com a imagem desfocada da bandeira que se encontra logo depois. Tanto o azul sob a inscrição branca quanto a bandeira estão caracterizadas no mesmo tom desfocado, sugerindo um ar “etéreo” ou celestial, talvez “divinizando” a bandeira e o país que ela representa. Esta cena, além de evocar o “Destino Manifesto²⁰”, presente no discurso fundador americano, pode adicionar um caráter divino ao ato de se fazer justiça e de se buscar a paz. O próprio tom desfocado tende à cor branca, mais um elemento que remete à paz.

A linguagem não-verbal utilizada nessa passagem (imagens, cores e diagramação) empresta à frase, utilizada anteriormente para descrever um *link*, algumas características e insuflam discursos que aparentemente não tinham nada a ver com o ideal de objetividade buscado pela linguagem jornalística.

Além disso, a nova composição possibilita-nos ver, mais uma vez, um fenômeno que se torna possível na Internet, o reaproveitamento de uma mesma frase em momentos diferentes, ora num *link*, ora num *banner*, reformulando todo o processo de formação de sentidos e rompendo os limites da potencialização de um significado por meio da simples repetição de palavras. O *banner* conduz o olhar do internauta de uma maneira diferente do *link*; o primeiro é fundamentalmente um texto

²⁰ The Puritans who disembarked in Massachusetts in 1620 believed they were establishing the New Israel. This self-image of being God's Chosen People called to establish the New Israel became an integral theme in America's self-interpretation. (Cf.: <http://gbgm-umc.org/UMW/Joshua/manifest.html> Acesso em: 04/07/2006 às 18h30min)

situado numa posição para chamar a atenção, ser lido e ter seus sentidos apreendidos; o segundo passará também pelo processo de apreensão de sentidos, mas é construído para ser uma porta de entrada para outra página.

Retomemos, então, a discussão sobre o texto em si, a matéria contida na página. Ela começa com o título “Terror from the sky”, numa alusão ao ataque (*Terror*) deferido com a utilização de aviões (*sky*). Bem ao lado, vemos uma ilustração que lembra o internauta de que assunto se trata. No entanto, pode haver nesse trecho mais algum apelo emergente. Se retomarmos a imagem de um céu azul e celestial, novamente estaremos nos defrontando com uma rede de filiações na memória discursiva que remetem o azul ao sentido de justiça contido na bandeira. Portanto, um ataque terrorista que venha do céu pode causar uma sensação de desequilíbrio, ou inversão de valores; a injustiça veio do céu, e não a justiça, o céu deixa de ser uma fonte de esperança e passa a denotar preocupação.

Gostaríamos de continuar discutindo ainda mais essa questão, mas isso poderia desviar-nos de nosso objetivo, o de discutir a formulação de sentidos por meio da leitura das páginas em ordens diferentes. Portanto, avancemos em nossa análise sobre a matéria da página.

Como objeto de análise nessa página, escolhemos inicialmente a passagem “Terror struck at the heart of United States security”. Essa frase encontra-se logo no início da matéria e apresenta alguns itens interessantes para nossa discussão. “Terror” foi discutido anteriormente, mas nessa seqüência o alvo é a segurança dos EUA, cujo centro (*heart*) é representado mais adiante na matéria como o prédio do Pentágono e as duas Torres Gêmeas do WTC²¹. O uso do item lexical “heart” para definir “centro” pode deflagrar outros sentidos adicionais. “Heart” é o centro vital e dele pode depender o funcionamento de todo o restante da estrutura. Além disso, esse signo não se filia somente a este sentido, o de centro vital, mas também ao de “órgão vital” de uma grande parte dos seres vivos e também à representação do centro das emoções humanas, o coração. Dessa maneira, é possível que alguns sentidos emergentes permitam a ampliação do alvo do ataque para além da dimensão técnica, em que não somente os edifícios que representam o centro da

²¹“ when an aircraft crashed into the Pentagon and two planes crashed into the World Trade Center in Manhattan” é o que se vê mais adiante na matéria.

segurança militar e financeira daquele país foram atingidos ou derrubados, causando danos materiais e logísticos; os estragos podem ter colocado a vida ou funcionalidade da segurança americana sob risco e provocado um abalo emocional.

Mais adiante, ainda temos a frase “filling New York’s financial district with smoke”, fumaça que é vista claramente na foto ao lado, e que se tornou mais intensa ainda depois do desabamento das duas torres do marco nova-iorquino²². A fumaça pode não somente demonstrar o resultado das explosões, choques e desabamentos, mas também funcionar como um agente que deixa a visão imprecisa, incerta.

A imagem da torre fumegante articula-se com o imaginário construído pela fumaça no centro financeiro, possivelmente dificultando a visão clara sobre o futuro de uma das forças que move aquele país, o distrito de Manhattan, local de grandes centros mundiais de negócios. Nesse ponto, a fumaça de Manhattan ativa uma nova articulação com o *banner* e sua imagem desfocada, ou também esfumaçada, potencializando mais ainda o sentido de um futuro incerto para os EUA.

Além da reportagem suscitada pelo *link* “SPECIAL REPORT”, que pode levar o internauta a uma expectativa de encontrar algo especial ou extraordinário em sua investigação, temos ainda nessa mesma página uma série de outros *links* que abrem outras páginas. No entanto, estes mesmos *links* estão presentes na página inicial, ou seja, as portas que podem então ser abertas, assim como na página inicial, levam aos mesmos textos.

Ao se abrir essa página depois da inicial, a impressão causada é a de que há uma grande abundância de portas adicionais para se clicar e a existência de mais material ainda para se ler, não o de constante retorno para os mesmos textos. Isso sustenta mais uma vez a sensação de grande disponibilidade de informação, uma construção de sentido muito presente na Internet.

Passemos por ora à abertura de mais uma página, a que é acionada pelo *link* “**Chronology** of Terror” na página inicial. O item lexical “**cronologia**” gera a expectativa de se encontrar uma matéria que contenha a ordem dos fatos ocorridos no dia 11 de setembro de 2001, do primeiro ao mais recente, descrevendo horários e talvez locais. A página aberta é a seguinte.

²² Preferimos não comentar o trecho “collapsing both of the massive towers of the landmark building”, pois este assunto já foi merecedor de análise anteriormente.

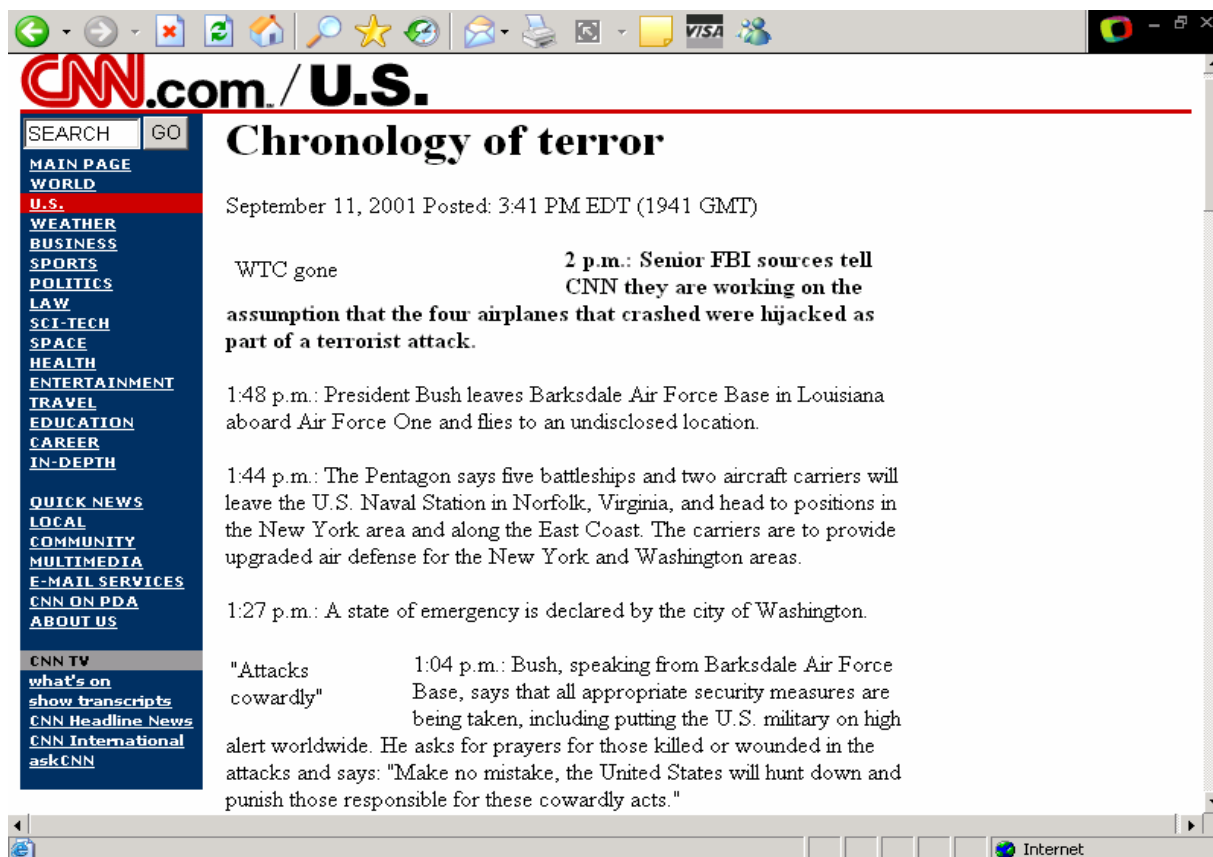


Figura 9.

Nessa página, a expectativa criada pelo *link* parece ser correspondida, pois o texto exposto é realmente uma cronologia dos fatos sobre o atentado, começando do mais recente e seguindo para o mais antigo, do último para o primeiro. No topo da página, volta a aparecer o logotipo da CNN acompanhado pelo “.com” e seguido pela sigla U.S., o que demonstra que aquela página é um *link*, um seguimento de CNN.com e que se refere a assuntos americanos.

Discutimos anteriormente a associação entre “CNN.com e SPECIAL REPORT”. Vemos, então, uma nova configuração entre “CNN.com e U.S.”. Nos aspectos estudados sobre a primeira relação, pôde-se dizer que “CNN.com” foi levado à condição de provedor veloz e confiável de “notícias extraordinárias”. Nessa nova associação, “CNN.com / U.S.”, há a possibilidade de novas construções. Uma delas é a ligação entre CNN e U.S., duas siglas, uma se refere à emissora e a outra

ao país. A identidade siglonímica²³, somada à proximidade na redação da frase, causa um efeito de aproximação das duas siglas e até mesmo do que elas representam; CNN representa notícia, U.S. é uma das denominações oficiais dos Estados Unidos. A importância dada à CNN nesse momento catastrófico é possivelmente ampliada para um sentido que a coloque, mais uma vez, como a fonte oficial de informações noticiosas dos EUA, agora também pela Internet por meio do “.com”.

A construção “CNN.com / U.S.” consegue atingir um efeito de sentido mesmo sem seguir uma sintaxe tradicional. A noção de “sujeito e predicado” não exerce a mesma influência nessa construção, embora haja uma gramaticalidade. É uma frase construída por dois elementos intermediados por uma barra, que na linguagem computacional significa que o segundo está contido no primeiro. No entanto, o efeito final não é somente de contenção, mas também de caracterização. O primeiro sentido, o de contenção, é utilizado quando digita-se um endereço nas janelas de busca de um navegador; isso é feito para especificar a busca. Esse fato também ocorre quando acionamos um link numa *home page*. No entanto, quando a mesma frase toma parte de um texto, ou compõe uma página como item lexical, um outro sentido pode emergir, o de caracterização. Isso aparentemente constitui mais um recurso lingüístico da Internet, a composição de frases que podem formar sentidos a partir dos procedimentos técnicos da escrita informacional. Nesse caso, seria possível a apreensão de algo como “CNN.com é U.S”. e vice-versa. Independentemente de ser ou não a única formulação possível, é importante observar que esse fenômeno é possível na Internet.

Retomando, ainda, o primeiro trecho da matéria, a cronologia demonstra a seguinte passagem, “Senior FBI sources tell CNN they are working on the assumption that the four airplanes that crashed were hijacked as part of a terrorist plan”. Não vamos nos deter demais na análise dessa passagem, pois alguns de seus elementos já foram discutidos anteriormente. Todavia, um novo elemento surge, é o FBI²⁴, que através de suas “fontes confiáveis”, informa à CNN que trabalha com a

²³ Cf. Souza-Pinheiro Passos (2006, p. 76).

²⁴ Federal Bureau of Investigation, a autoridade policial americana responsável pela apuração de crimes contra a nação. (Disponível em: <http://www.fbi.gov/aboutus.htm> . Acesso em: 04/07/2006)

possibilidade de que o ataque seja parte de um plano terrorista. Itens lexicais como “Senior”, “FBI” e “sources” parecem agir sinergeticamente, ou seja, o primeiro qualifica o segundo que por sua vez qualifica o terceiro. Apesar de “sources” suscitar um sentido vago sobre a real autoria das declarações, as duas primeiras palavras filiam-se a uma rede que atribui, de alguma forma, um sentido de legitimidade à informação. Outro aspecto a ser mencionado é que FBI pode apresentar uma identidade com U.S., país do qual é uma entidade federal de investigação. Há também um outro elemento, comentado anteriormente, que os aproxima, a identidade siglonímica. Aparentemente, quando há uma representação por siglas, “produz-se uma estabilidade referencial, por sua vez, uma unidade de sentido”. (Souza-Pinheiro Passos, 2006, p. 70). As siglas causam uma sensação de que aquilo representado por elas já passou por um processo de sedimentação, visto que uma entidade ou país não se transformam em siglas antes de passarem por um processo que as torne conhecidas. FBI, U.S. já são bem conhecidas, uma representa um órgão federal de um país, a outra, o país em si. Outrossim, as duas remetem-se ao sentido de uma mesma nação. Elas se aproximam à CNN, devido também a características siglonímicas, gerando-se a sensação de que o a voz da CNN é também a do FBI e a dos EUA.

No restante da matéria, o elemento “Senior” parece tentar justificar o sentido de idoneidade da fonte da informação (quem exatamente disse), mesmo que não tenha sido mencionada. Na seqüência, o pronome “they” resgata o FBI como um todo, atribuindo a esta corporação o trabalho de investigação e, talvez, a responsabilidade pela informação.

Fizemos uma análise prévia de cada um dos três textos e gostaríamos, então, de sedimentar algumas conclusões para darmos o passo seguinte. As três páginas abertas pelos *links* da página inicial apresentam características próprias, mas se inter-relacionam. Todas estão num mesmo *site* e tratam do mesmo assunto, mas com abordagens e apelos diferentes, que acabam favorecendo a constituição de sentidos diferentes.

O primeiro (figura 7) contém um maior número de acessos (três na página inicial) e é desenvolvido num fio discursivo que tende ao “dramático”, ao “trágico”, pois relaciona o número de tripulantes (onze) de uma das aeronaves e o número de

passageiros (81 e 56) que se encontravam nos outros dois aviões no momento do choque, podendo levar o internauta a concluir um primeiro número de casualidades.

Ele é um texto jornalístico e por isso preserva suas características informativas, mas também filia-se a um sentido mais próximo ao “trágico”, devido aos itens lexicais usados para descrever a notícia, o uso de parágrafos curtos, a manchete e a foto do momento do choque e a possível apreensão de um primeiro número de vítimas.

O segundo (figura 8) tem um caráter um pouco mais “emotivo”. A presença do *banner*, a manchete, a imagem e os itens lexicais, comentados anteriormente, recorrem mais à emoção. Acionam símbolos nacionais e os sentidos que se filiam a eles. Movem alguns outros também, que instauram um significado de desequilíbrio, incerteza, dúvida e insegurança nas bases americanas como resultado do ataque. Ficou inclusive dúbia a significação da imagem pouco nítida da bandeira. Além disso, a presença de *links* nessa página parece funcionar como uma espécie de “apelo” ao internauta para que continue lendo, pois ele “precisa” informar-se mais a respeito do ataque. Todos esses elementos combinados nessa página, além da presença da palavra “heart”, parecem construir um “apelo emocional” e um impulso para se continuar clicando e lendo.

A terceira (figura 9) retoma o logotipo da CNN e inclui a sigla U.S. Há uma certa ausência de cores e imagens, trata-se de uma página mais “preto-no-branco”, ou seja, texto em caracteres negros sobre um fundo branco, lembrando a disposição tradicional de um texto em papel e, talvez, constituindo um tom mais sóbrio. Apesar de sua manchete conter a palavra “Terror” e de outros elementos propagadores de sentido presentes, o texto mantém um caráter de exposição cronológica dos fatos. Há inclusive a tentativa de se manter uma linguagem que tende a causar a impressão de ser mais cuidadosa e de retratar a ordem em que os fatos ocorreram.

Avancemos, ainda, para uma outra fase. Visto que na Internet é possível abrir qualquer página em qualquer ordem, é provável que os vários internautas, ao visitarem a página inicial, decidam abri-las em ordens diferentes. Nossa investigação estará voltada, por ora, a uma reflexão sobre as possíveis construções de sentidos diferentes caso a ordem escolhida de abertura e leitura dessas páginas seja uma e não outra.

ação, presentes na manchete devido ao uso do verbo “hit²⁵”; nas fotos, devido ao deslocamento do avião e da explosão subsequente; e também na matéria, que se deve à utilização de verbos como “crashed²⁶” e “slammed²⁷”. Essa seqüência de movimentos e ações aparentemente compõem uma “tragédia”, também colocando o internauta diante de um texto que expressa uma sucessão dinâmica de eventos.

A segunda página começa por um *banner* que contém uma frase de caráter mais estático, mais descritivo, os EUA estão sob ataque (*AMERICA UNDER ATTACK*). Até mesmo o verbo “**strike**²⁸” (na sua forma passada, “struck”), presente na matéria (*Terror **struck** at the heart of the United States*) e que é um verbo de movimento, resgata o sentido de um **impacto que deixa o alvo perplexo**, sem ação. Um golpe contra o “**coração**” (*the **heart** of the United States*), o **centro vital** que, por causa desse golpe, pode deixar o “corpo” todo sem movimento. **Prédios foram evacuados** (...*buildings were evacuated*) e **aeroportos foram fechados** (*The Federal Aviation Administration **shut down airports***), deixando-os vazios, **sem movimento**.

Até o momento, o fio discursivo que ligou um texto ao outro passou de um texto que tende ao dinâmico, ao drama, para um outro que tende ao estático e à sensação de impotência. Um sentido que pode ser construído a partir dessa trilha é o de que um ataque dramático deixou o país parado, perplexo, inseguro, **em choque** (*The nation entered **a state of shock***). Além disso, a presença de um número de *links* na segunda página ainda pode suscitar a curiosidade, significando que há mais para ser lido, que há mais detalhes sobre como a nação teria entrado naquela condição.

Em seguida, com a abertura da terceira página, o internauta estará diante de um texto que, também devido ao título (***Chronology of Terror***), propõe-se a fornecer dados sobre a seqüência, **cronologia** dos eventos até o momento. Todavia, outros sentidos já terão sido construídos com a leitura dos textos anteriores, e os que

²⁵ Hit: bater; chocar-se; colidir; ferir; fazer sofrer.

²⁶ Crash: colidir ruidosamente; espatifar-se.

²⁷ Slam: bater com força, violentamente.

²⁸ Strike: ficar em determinado estado subitamente; ter grande efeito; cair sobre; dar o bote; atacar. (cf. Houaiss & Avery, 1967)

podem ser construídos nessa página não poderão mais ser lidos sem a associação com os outros.

Desse modo, o título dessa página continua apresentando um ponto de ligação com as duas anteriores por meio da palavra “terror”. Não existe nenhuma imagem nela, e no lugar dos prédios sofrendo o ataque, há uma inscrição “WTC gone”, a qual indica que as torres **não existem mais**. Porém, depois de ver e ler sobre os aviões que atacaram as torres e a destruição parcial do Pentágono, e que certas medidas de precaução já foram tomadas, há o sentido de se trabalhar com uma “hipótese” de aviões seqüestrados para se deflagrar “parte” de um ataque terrorista fica comprimido (... *the assumption that the four airplanes that crashed were hijacked as part of a terrorist attack*). Para o internauta que navegou por duas páginas que repetiram itens como “Terror”, “attack”, “U.S.” e “planes” (ou até mesmo sinônimos deles, espalhados por todas as páginas analisadas), o sentido de que “o terror atacou os EUA usando aviões” foi construído durante o percurso de leitura.

Dessa forma, há um conflito ao se ler que se trata de uma hipótese de ataque terrorista. Depois de seguida a primeira trilha de leitura, não há hipótese, mas uma realidade, o ataque foi visto e lido duas vezes, e isso pode já ter sedimentado um significado, em que além de ter acontecido um ato de terror, ele foi coordenado, ou seja, ataques que ocorreram em momentos próximos um do outro e envolvendo o mesmo tipo de aeronaves. Esse conflito de informações entre as duas primeiras páginas e a terceira página pode ser sedimentado caso a leitura pare nesse momento. Passemos, por ora à discussão de uma outra seqüência, mudando a última página para a primeira posição.



Configuração 2.

Com esse novo *layout*, a leitura começa pela “cronologia do terror”, aberta por um *link* da página inicial que apresenta a mesma frase que a manchete. Apesar de a entrada para esse texto não ter o mesmo número de portas que a matéria “*Terror attacks hit the U.S.*”, ela ocupa uma posição destacada na página inicial. Está na parte superior e abaixo do título “**COMPLETE COVERAGE**”, sugerindo que a primeira entrada para quem quiser acessar a cobertura completa é a cronologia, a qual “poderá” descrever todos os passos do atentado na ordem em que aconteceram. Portanto, apesar de não superar a outra página em número de entradas, ela tem uma filiação com uma outra frase da página inicial, a presença da palavra “terror” e uma posição visual que podem causar a impressão de que ela seja também uma porta viável de entrada para o conteúdo.

O texto encontrado começa pelo fato mais recentemente registrado, a declaração do **FBI** (*Senior **FBI** sources tell CNN they are working on the assumption that the four airplanes that crashed were hijacked as part of a terrorist attack*) e uma pequena frase sobre a destruição do **WTC** (**WTC gone**), como já vimos. O próximo fato é o deslocamento do presidente americano para um **local não revelado** (*President Bush leaves Barksdale Air Force Base in Louisiana aboard Air Force One and flies to **an undisclosed location***). O fato seguinte destaca medidas defensivas dos EUA para **aumentar a segurança em Nova Iorque e Washington** (*The carriers are to provide **upgraded air defense for the New York and Washington areas***). Em seguida, a declaração do **estado de alerta** (*A **state of emergency** is declared by the city of Washington.*) e, por último, as palavras do presidente afirmando que as **providências estão sendo tomadas** e que os **responsáveis serão punidos** (... *all security measures are being taken, **punish those responsible***). Cada um desses fatos está acompanhado do horário em que ocorreram, ratificando o caráter cronológico da matéria. Lendo-se essa matéria antes das demais, pode-se inferir também um sentido de que algumas medidas já foram tomadas, algumas posições já foram assumidas. Mostra-se uma fase pós-ataque, talvez significando que já se sabe o que fazer e que algo também já foi feito. Outrossim, a disposição desses fatos em ordem cronológica, acompanhados de seus horários, talvez instaure um sentido de recuperação da ordem, em uma lista de procedimentos que já foram concretizados:

- *2 p.m.: Senior FBI sources tell CNN they are working on the assumption that the four planes that crashed were hijacked as part of a terrorist attack.*

14 H: Fontes confiáveis do FBI dizem à CNN que eles estão trabalhando com a hipótese de que os quatro aviões que caíram foram seqüestrados como parte de um ataque terrorista.

- *1:48 p.m.: President Bush leaves Barksdale Air Force Base in Louisiana aboard Air Force One and flies to an undisclosed location.*

13H 48: O Presidente Bush deixa a Base da Força Aérea de Barksdale em Louisiana, a bordo do Força Aérea Um e voa para um local não revelado.

- *1:44 p.m.: The Pentagon says five battleships and two aircraft carriers will leave the U.S. Naval Station in Norfolk, Virginia, and head to positions in the New York area and along the East Coast. The carriers are to provide upgraded air defense for the New York and Washington areas.*

13H 44: O Pentágono diz que cinco navios de Guerra de dois porta-aviões deixarão a Estação Naval dos EUA em Norflok, Virgínia, e assumirão posições na área de Nova Iorque e ao longo da Costa Leste. Os porta-aviões proporcionarão uma melhor defesa do espaço aéreo nas áreas de Nova Iorque e Washington.

- *1:27 p.m.: A state of emergency is declared by the city of Washington.*

13H 27: Um estado de emergência é declarado pela cidade de Washington.

- *1:04 p.m.: Bush, speaking from Barksdale Air Force Base, says that all appropriate security measures are being taken, including putting the U.S. military on high alert worldwide. He asks for prayers for those killed or wounded in the attacks and says: "Make no mistake, the United States will hunt down and punish those responsible for these cowardly acts.*

13H 04: Bush, ao falar da Base Aérea de Barksdale, diz que todas as medidas apropriadas de segurança estão sendo tomadas, inclusive a colocação das forças militares dos EUA em estado de alerta máximo no mundo todo. Ele pede que todos

rezem pelos que foram mortos ou feridos durante os ataques e diz: “Tenham certeza, Os Estados Unidos vão caçar e punir os responsáveis por esses atos covardes”.

Com o movimento para a segunda página, um novo fio discursivo começa a ser tecido. Os movimentos, as ações e os fatos expressos nessa página podem soar como uma ampliação mais detalhada dos parágrafos curtos da cronologia. O que a cronologia simplificou é descrito mais amplamente nesse trecho, podendo construir um sentido em que haja mais destaque para a descrição, para detalhes, para movimentos. Isso também pode re-contextualizar a página anterior, dando mais movimento às ações descritas nela.

Depois, com o deslocamento para a terceira página, o fio que havia sido começado com a leitura das duas páginas anteriores continua. A nova página amplia mais ainda as explicações da cronologia, ratifica que a suspeita de ataque terrorista manifestada na primeira página é real. No lugar de um conflito de sentidos, como visto na Configuração 1, o processo de significação, nessa parte, parece percorrer outra direção, o da confirmação, apesar também daquele caráter “letárgico” dessa página, discutido anteriormente. O que deflagrava a construção imaginária de um país sem reação diante de fatos dramáticos pode ter sido agora atenuado. A cronologia, na posição inicial, demonstrara que algumas medidas para reforçar a segurança territorial e política do país já foram tomadas e a página 2 pode, nessa seqüência, dinamizar o sentido de que já houve uma reação. Ao continuar a leitura em direção à página 3, contendo elementos que antes serviam para denotar uma perplexidade, um outro efeito pode ser atingido, o de explicar as razões das providências tomadas na cronologia. Outrossim, ao se articular com a primeira, a significação de imobilidade construída se enfraquece, pois o sentido de que algumas atitudes, vistas na cronologia, já foram colocadas em operação, pode causar uma sensação de conforto, de alívio. A chegada dessa terceira página, depois da leitura das duas primeiras, não parece despertar aquele caráter apelativo nas mesmas proporções que antes.

Por último, os *links* dessa última página parecem mais significar uma seqüência “natural” para a continuidade da complementação dos fatos brevemente

descritos na cronologia, como se houvesse mais razões ainda para as atitudes dos EUA.

Passemos, assim, para a terceira e última combinação de nossa proposta, colocando-se a página “AMERICA UNDER ATTACK” no início.



Configuração 3.

A porta de entrada para essa página também não apresenta o mesmo número de possibilidades como no caso de “Terror attacks hit the U.S.”, e nem ocupa uma posição superior na página como no caso de “Chronology of Terror”, mas a frase do link, “SPECIAL REPORT”, é a mesma encontrada no banner da página inicial, colocando-o também numa posição visual mais destacada e provavelmente aumentando suas chances de abertura.

Ao abri-la, o internauta depara-se com aquele texto marcado por um apelo emocional, discutido anteriormente. O banner, a foto, a manchete e as primeiras linhas da matéria compõem um conjunto de itens verbais e não verbais que podem deflagrar sentidos que acionem um caráter mais emocional de significação. Outros elementos do texto, além dos descritos anteriormente, colaboram para demonstrar o “estado de choque” (*state of shock*) em que a nação entrou e o estado de incerteza e apreensão que começaram a surgir com a “penetração lenta” de relatos sobre “possíveis novos ataques” (*as reports of more possible attacks filtered in*)²⁹.

²⁹ Os elementos entre aspas deste último período são “traduções” de termos encontrados na página em discussão e que podem ser visualizados integralmente na figura 8.

Esse tipo de formulação tende à geração de um processo de ansiedade, pois as informações são passadas “pouco-a-pouco”, com hesitação, favorecendo a impressão de que mais ataques seriam iminentes, mas o ritmo das informações não acompanha o dos acontecimentos. Todos esses elementos combinados na mesma página têm sua relação interdiscursiva ativada a partir da leitura e podem resultar em significados que se aproximem da insegurança e da comoção. Esse aspecto pode mobilizar sentidos articulados com tendências favoráveis a acionar o imaginário de uma maneira mais emocional que racional.

Além disso, há também, como já vimos, os *links* para conduzir o internauta à leitura de outros textos. Nesse contexto, eles podem sugerir que outros fatos comoventes também ocorreram.

Passando-se para a segunda página da Configuração 3, há uma tendência a se continuar o mesmo fio discursivo iniciado pela leitura da primeira página. Na segunda, o sentido de dúvida é reforçado pela questão da hipótese de um ataque terrorista. Não se trata do mesmo tipo de dúvida, pois o da página anterior refere-se à da incerteza do que fazer depois, enquanto o sentido de dúvida dessa página refere-se à procedência dos ataques.

Dessa forma, a construção de um significado de incerteza não sofre o mesmo conflito da primeira combinação (configuração 1), e nem vai se dissipando da mesma forma que na segunda combinação. Parece ocorrer o funcionamento de uma seqüência que pode transformar o primeiro evento da cronologia numa espécie de alento, o FBI já está trabalhando com uma possibilidade, já está acontecendo uma investigação e isso pode pôr um fim à maneira lenta de informar os relatos.

No segundo evento dessa página, o fato de o presidente ter voado no “Airforce One”³⁰ pode sugerir uma esperança de futuro, o chefe geral da nação está em segurança e o aspecto “**esfumaçado**” da primeira página (presentes na imagem do *banner*, na fumaça da foto e na própria palavra “**smoke**”) pode se dissipar um pouco mais com essa informação. O deslocamento de porta-aviões da força naval pode se articular com o fechamento dos aeroportos e a evacuação de prédios pode dialogar

³⁰ “Air Force One is a Boeing 747-200B that has been modified to meet presidential requirements. The aircraft is known by the radio call sign used when the president is aboard: Air Force One”. (Disponível em: <http://www.boeing.com/defense-space/military/af1/index.html> . Acesso em: 05/07/2006)

com o estado declarado de emergência, favorecendo o deslocamento dos relatos demorados ou hesitantes, que causaram o fechamento dos aeroportos, para a posição de medidas de segurança. Os aeroportos podem ter sido fechados para facilitar o trabalho das aeronaves do porta-aviões, e não devido ao medo e à incerteza. Os prédios podem ter sido evacuados devido ao estado de alerta, e não ao pânico e ao desespero.

E ainda nessa configuração, vemos a declaração do presidente (*says that **all appropriate security measures are being taken, including putting the U.S. military on high alert worldwide***), assegurando que “**todas as medidas adequadas de segurança estão sendo tomadas**” e que “**as forças armadas americanas foram colocadas em alerta máximo**”, mais dois fatos que podem amenizar o sentido de incerteza e impotência construídos na página anterior. É interessante comentar que a formulação “are being taken”, nesse contexto, significa que todas as providências para que as medidas sejam levadas a cabo foram tomadas. Em outras palavras, essa é uma construção em inglês que transita entre algo que está sendo feito e algo para o qual todas as providências já foram tomadas. Isso fortalece o sentido dinâmico da certeza e enfraquece o sentido estático da incerteza.

No final da cronologia, há ainda a declaração “**make no mistake**”, reforçando mais ainda a certeza no lugar da incerteza. Para finalizar, existe ainda o apelo do presidente para que os americanos “rezem pelos mortos e feridos” (***prayers for those killed or wounded in the attacks***), uma passagem em que dialoga com o aspecto divinizado dos EUA que fora sugerido na página anterior, podendo resgatar a fé abalada pelo ataque deferido contra o coração americano.

O movimento da primeira para a segunda página da Configuração 3 parece produzir sentidos que se movimentam **da insegurança para a segurança, da dúvida para a fé**, da falta de direção para um rumo. A segunda página, além de ser uma cronologia de fatos, pode exercer um outro papel nessa combinação, favorecendo a construção de sentidos que não somente explicam, mas também amenizam a comoção provocada pela primeira página.

Após a leitura das duas primeiras páginas e com a construção da rede de sentidos discutida acima, partimos para a leitura da página “Terror attacks hit U.S.” e

novos desdobramentos vão ocorrer. Essa página continua preservando suas características de movimentos, seja pelos elementos verbais ou não-verbais, mas nessa nova composição, ela se articula com a leitura das duas páginas anteriores e um dos sentidos que podem ser construídos é o de um detalhamento sobre o ataque; um texto que descreve a seqüência das ações, inclui nomes e números.

A página anterior havia terminado com **“these cowardly acts”** que passam a ser vistos e descritos, em parte, no texto e nas imagens da página seguinte. O seguimento desta trilha pode deslocar **“ataques terroristas”** (*Terror attacks*) para **“atos covardes”**, ou seja, colocando **“terroristas”** como sinônimo de **“covardes”**, ou ainda uma outra relação em que um item adjetiva o outro. Nas outras combinações, a construção deste sentido também poderia estar presente, mas como a entrada para a terceira página deu-se por meio de “portas menos emotivas”, o significado construído por “covardia” pode não ter atingido a mesma abrangência da mesma maneira.

Discutimos algumas prováveis construções de sentidos que podem ser atingidas por meio da navegação, mas não abordamos todas as possibilidades. Acreditamos ser esta uma tarefa quase impossível de ser atingida e, além disso, não é essa a finalidade do nosso trabalho. Precisávamos levantar alguns pontos de apoio para a nossa discussão e é isso que buscamos fazer ao considerar as possibilidades sobre as quais discorreremos até agora. Por meio delas, observamos um “fio condutor” que pode se configurar de maneiras diferentes a partir da abertura das páginas com o acionamento dos *links*. Esse fio encontra seus pontos de apoio no interdiscurso dos elementos analisados devido à historicidade de cada um e da rede de sentidos que podem surgir devido a uma série de filiações discursivas que vão sendo acionadas à medida que o processo de leitura ocorre. Vimos também que a tipologia do hipertexto é um elemento que favorece esse tipo de acionamento. É característico dele a possibilidade de navegação entre elementos que estão aparentemente desconstruídos uns dos outros, apesar de em um Web Jornal haver uma certa “unicidade” em torno de um mesmo assunto. Mesmo assim, a mudança na ordem da abertura mais ou menos “aleatória” de páginas pode ocorrer porque o Web Jornal, como um todo, é construído para funcionar assim. Cada página é uma pequena pirâmide invertida que faz parte de uma grande pirâmide, e ao migrar de uma para

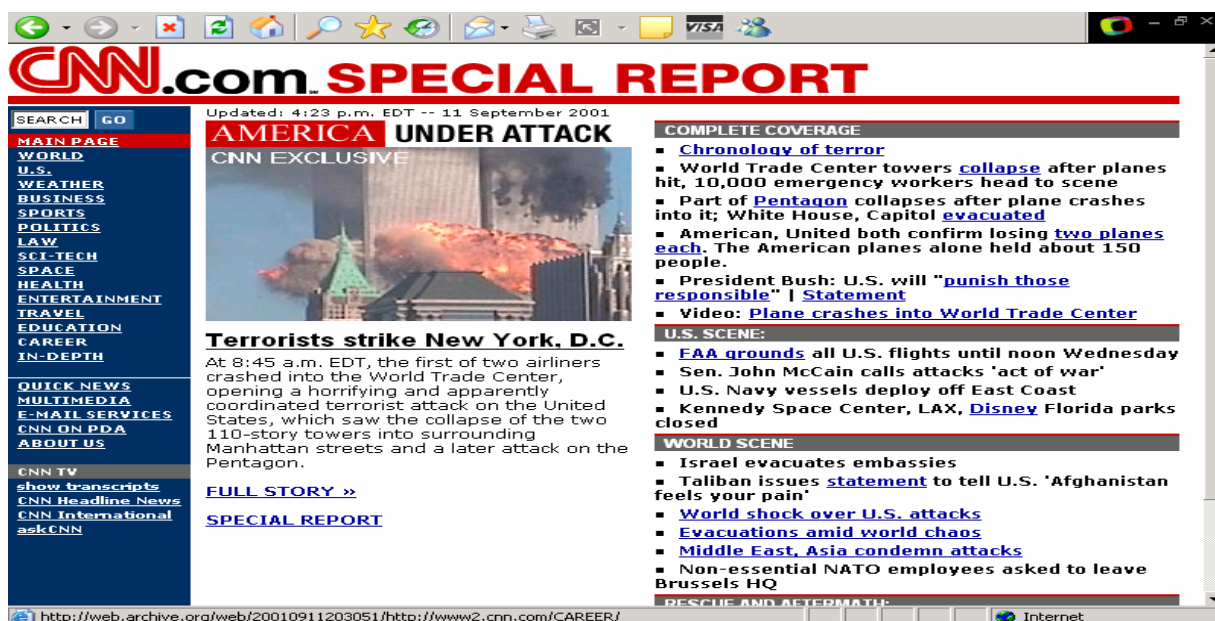
outra, em ordens diferentes, foi possível observamos que é viável dizer que a seqüência escolhida afeta os sentidos construídos.

Vamos, então, a uma outra parte de nossa discussão: as possíveis mudanças no corpo do texto de cada página e como elas podem ter acontecido.

3.4. AS MUDANÇAS NA HOME PAGE

Para iniciar esta discussão, lembramos que serão consideradas três *home pages* (anexos 3, 7 e 8). A primeira (figura 3) apresenta uma série de elementos que já discutimos em maiores detalhes anteriormente, portanto não vamos nos ater a uma análise muito profunda dela e passaremos a observar a segunda, uma atualização ocorrida 23 minutos depois da primeira página ter ido ao ar.

Como veremos na figura 10 a seguir, numa primeira observação, quase nada mudou em comparação à primeira *home page*, exceto por dois detalhes: A inclusão do *banner* “AMERICA UNDER ATTACK” no topo da foto e a presença de um novo título na legenda/lide, “Terrorists strike New York. D.C.” Na verdade, o texto do *banner* já estava na *home page* anterior a essa atualização, mas a partir da modificação ela ganhou visualidade, está mais acima, no topo da imagem, e recebeu cores.



The screenshot shows the CNN.com website interface. At the top, there is a search bar and a navigation menu. The main headline is "AMERICA UNDER ATTACK" in large, bold, red letters. Below it, the sub-headline reads "Terrorists strike New York, D.C." in bold black text. The main image shows a large fire and smoke rising from a building, with the caption "CNN EXCLUSIVE" above it. To the right of the main image, there is a section titled "COMPLETE COVERAGE" with a list of links to various articles and videos. The page is dated "Updated: 4:23 p.m. EDT -- 11 September 2001".

Figura 10.

De certa forma, é como se aquele enunciado mais “dramático” de uma das páginas abertas (anexo 5) tivesse migrado para esta Parte dos sentidos emergentes da frase que foram apurados anteriormente permanecem, mas ganham maior visualidade. A página toda também fica mais vermelha, a cor do fundo sobre o qual está escrita a palavra “AMERICA”. Portanto, o deslocamento da frase e a adição de mais alguns elementos gráficos promoveram um ganho na página; o destaque pode ter ampliado o efeito da notícia e adicionado mais um sentido à foto. Não se trata somente de uma foto mostrando o ataque ao WTC, mas também de um ataque à América, instaurando às Torres Gêmeas um sentido de representatividade do país.

A posição que antes era ocupada por “AMERICA UNDER ATTACK” passa a mostrar a inscrição “Terrorists strike New York. D. C.”. Antes, não havia a manifestação explícita de um autor desse ataque na forma de uma manchete, embora a palavra “terrorist” apareça em outros pontos da primeira *home page*. O deslocamento dela para a categoria de manchete torna-a mais visível. Além disso, os alvos do ataque também são mais especificados, “New York” e “D.C.”, a capital financeira e a política.

Apesar das mudanças serem poucas, elas já favorecem a construção de alguns sentidos adicionais que eram menos explícitos na primeira página inicial. Temos agora, na *home page*, a expressão de WTC, NY e DC como sinônimos de USA, uma aproximação mais possível devido ao deslocamento de “AMERICA UNDER ATTACK”. A intersecção que causa esse efeito vem da palavra “AMERICA”, das presenças mais visíveis de NY e DC, e do próprio ganho de visualidade na foto com a inserção do *banner*. Ficou mais explícito que as bases políticas e econômicas foram atingidas por terroristas.

Na figura 11, localizada na próxima página, veremos a segunda atualização da *home page*, 2h e 33min após a primeira página ter sido colocada no ar. Nela, observaremos um maior número de mudanças se a compararmos às duas anteriores.

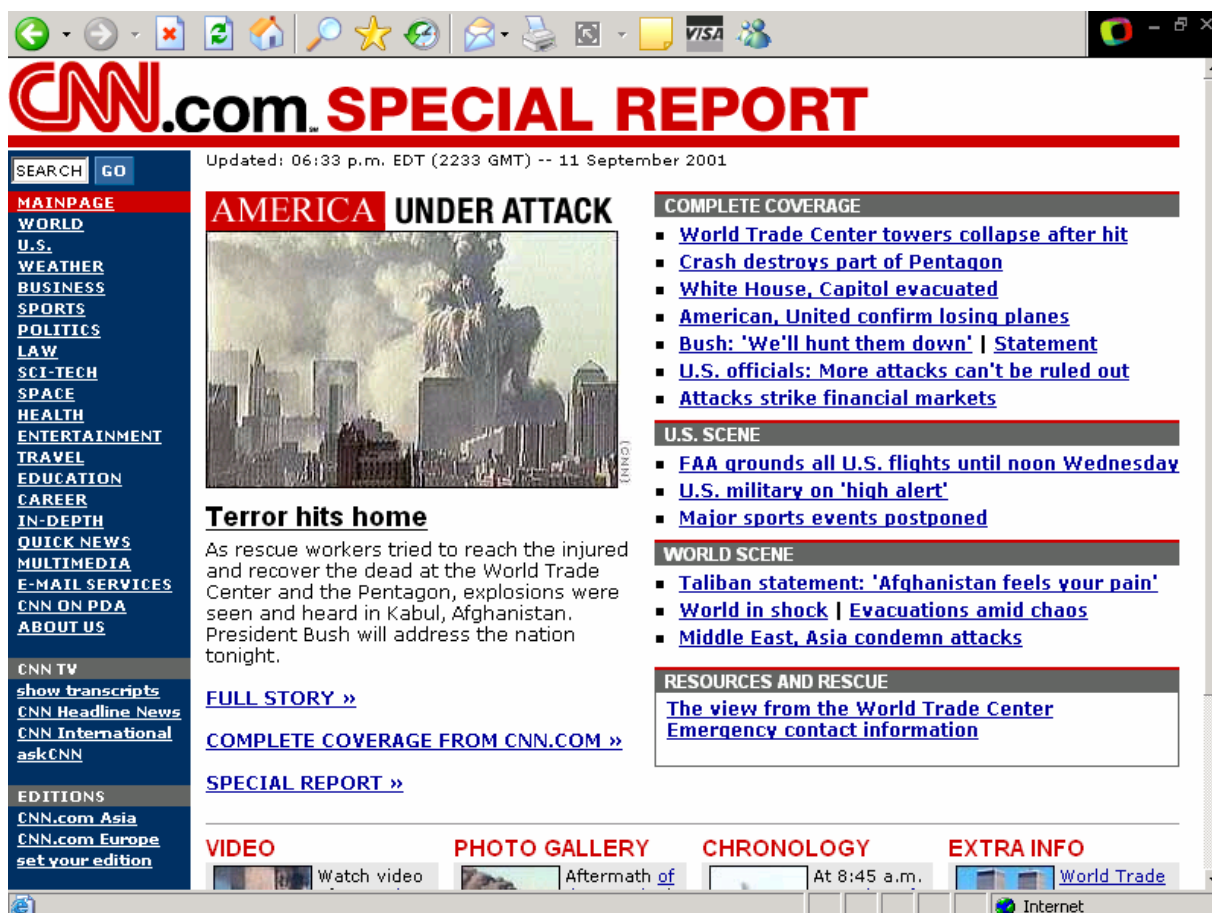


Figura 11.

O link para a história sobre o desabamento das torres gêmeas do WTC, anteriormente localizado na segunda linha da coluna da direita, continua na página, mas com duas mudanças: a primeira é que não somente a palavra “collapse” está marcada em azul, mas toda uma frase “World Trade Center towers collapse after hit” foi incluída nesse link. A outra é que o enunciado passa a ocupar uma posição no topo da coluna do lado direito da página e utiliza o espaço de uma linha toda. Essas mudanças deixam o enunciado todo mais visível e a sua cor azul, agora mais predominante, pode chamar a atenção não somente para o link, que conduzirá para a leitura de outro texto, como também para o fato, o desabamento das torres. Combinando-se a foto e a reformulação do link, observa-se que não somente o ataque como também o desabamento das torres é destacado.

Notamos também que, pouco a pouco, outras manifestações de outros enunciados vão surgindo na página, tanto por trazerem novos aspectos do fato jornalístico, quanto por sua mudança de posição. O 11 de Setembro começa a dar

condições para que o campo de filiações do interdiscurso seja acionado, abrindo espaço para novas formulações e associações.

Uma outra mudança ocorre com “*Taliban statement: Afghanistan feels your pain*”. Este enunciado já existia na primeira *home page*, mas o destaque do *link* incidia somente na “*statement*”. A coloração azul passa a predominar em toda a frase, que ganha mais visibilidade na página, chamando a atenção para o outro lado da história, o lado de quem atacou.

Anteriormente, o destaque de uma só palavra era o elemento sugerido para sensibilizar o internauta a abrir a página seguinte se quisesse saber qual era todo o pronunciamento oficial do Talibã. A formulação completa era “Taliban **issues a statement to tell U.S.** ‘Afghanistan feels your pain’” e somente um elemento estava destacado (*statement*), mas havia a presença de outros itens lexicais que poderiam fazê-la significar de um modo diferente. O Talibã “**divulgou uma nota**”, “fez um pronunciamento” para “**falar**” ou “**dizer**” aos **EUA** que o “Afeganistão sentia, partilhava a mesma dor”. O destacamento do *link*, marcado pela cor, sugere a abertura para se conhecer o teor desse pronunciamento e a própria construção da frase em que se encontra o *link* parece colocar em evidência o “documento” em que se encontrariam as palavras do pronunciamento. A formulação toda estaria ali para anunciar a finalidade desse pronunciamento, ou seja, **dizer aos EUA que o Afeganistão sofre também**.

Na terceira página, houve uma simplificação: “Taliban Statement: ‘Afghanistan feels your pain’”. Nesse caso, apesar do apelo visual de abertura persistir, parece que a “declaração” do Talibã já se encontra ali. O internauta pode até abrir o *link*, mas a formulação mostra a autoria do pronunciamento e logo a seguir as palavras (*Afghanistan feels your pain*), que passam a ficar mais diretamente relacionadas ao pronunciamento. É como se a declaração do Talibã já estivesse no próprio *link*; a frase que está entre aspas soa como “a declaração oficial toda”.

Depois dessa análise, consideremos as palavras abaixo:

Como vimos, os links ligam entre si as páginas que estão num mesmo site ou remetem o usuário para páginas e documentos que estão em outro site. Emprestam ainda profundidade à informação e servem para oferecer dados complementares e explicar o significado de abreviaturas e de termos técnicos. Na prática, para facilitar a navegação, os vínculos precisam mostrar claramente ao usuário

para onde eles estão indo e por onde eles devem ir. (PINHO, 2003, p. 187)

É reconhecível o aspecto funcional de um *link* e é possível que a reformulação dos *links* tenha ocorrido também para facilitar a navegação. Contudo, outros movimentos parecem também ter ocorrido. Eles começam, ainda, a causar um outro efeito, a nomeação de um responsável pelo ataque de 11 de Setembro, além do Terror, visto anteriormente. Na primeira página, a palavra “*statement*” em azul parecia colocar um aspecto em foco, o de que o outro lado tinha uma declaração oficial a fazer sobre o assunto. Na página seguinte, toda a frase é destacada. Conforme postula Pinho, o *link* também serve para “emprestar profundidade à informação”. Porém, o destaque e a simplificação da frase toda pode fazer mais do que isso. Essa mudança começa a realçar não apenas o fato de que há uma declaração, mas que a declaração é feita pelo Talibã, e isso justificaria a ação contra os EUA, tendo como razão o sofrimento de outro país, o Afeganistão.

Portanto, o destaque da frase toda não somente facilita a navegação, mas também pode afetar a construção de sentidos, evidenciando o nome de uma instituição política e de um país numa mesma página em que já há uma idéia de contra-ataque e punição de responsáveis permeando o texto. O efeito final pode ter sido muito mais grave, não somente o de disposição de dados complementares e explicações sobre o ataque, mas o de efetivação de um alvo, o Talibã e o Afeganistão. As frases das três páginas são semelhantes, contudo a mudança na configuração do *link*, que pode em princípio ter ocorrido apenas devido às questões técnicas de visualização, pode ter causado um deslocamento significativo.

Este é um aspecto que faz parte da tipologia da Internet, a mudança de sua configuração. Nas duas primeiras páginas, vemos os ícones dispersos; na terceira, eles estão colocados um embaixo do outro e grifados, como se na primeira página houvesse uma desorganização e na segunda uma reorganização. Segundo Pinho (2003, op. cit. p. 200), o que ocorre aqui é a utilização do “modelo de título simples” que é bastante sintético e permite listar diversas matérias para a apreciação do leitor, ocupando um espaço menor, mas esse movimento causa desdobramentos. Em primeiro lugar, a mudança soa como um descompromisso com a forma, ou seja, a configuração mudou tanto entre as duas primeiras páginas e a terceira que até

parece haver uma liberdade total para se fazer o que quer que seja. Todavia, as modificações ocorrem devido ao compromisso descrito por Pinho, o de simplificação, em outras palavras, a mudança pode ocorrer, desde que seja para simplificar e ocupar menos espaço. Em segundo lugar, esse movimento e essa simplificação geram conseqüências, favorecendo uma nova construção de sentidos, como acabamos de ver.

Observando um pouco mais, vemos que a página toda foi reconfigurada, portanto novas possibilidades para novos sentidos podem surgir, produzidos não somente pela mudança estética na página, transformando frases inteiras em *links*, mas também pela reformulação de alguns deles, ação justificada pela simplificação necessária à melhoria da navegação. A partir disso, podemos dizer que uma nova ordem está sendo instaurada: a página reconfigura-se para melhorar a ordem de acesso, para o internauta que visita a página, porém, pode significar uma reorganização dos fatos, uma espécie de restauração da ordem, um movimento que realinha não somente a página, mas os eventos de 11 de Setembro. Instaura-se uma nova maneira de lê-los, sugerindo maior organização sobre a tela e fora dela, como se os fatos que aconteceram no mundo exterior pudessem ser rearranjados, e o mundo pudesse e devesse ser visto e lido daquela maneira.

Um outro lado dessa história pode envolver a participação dos internautas, ou seja, eles também podem ter ajudado na reorganização da página. “Na Internet é possível saber onde o leitor clica, algo impensável na mídia impressa” (Ferrari, 2004, p. 43). Portanto, no hipertexto, é possível se dizer que a participação do internauta pode também alterar a composição de uma página tanto na forma quanto no conteúdo; um aspecto ou um *link* poderá tornar-se mais visível porque a multidão de internautas interessou-se mais por um assunto que por outro.

O interdiscurso continua a determinar os aspectos que tornam as formulações compreensíveis ao leitor e a favorecer alguns dos deslocamentos por conta dos compromissos políticos e ideológicos aos quais os enunciados filiam-se. Contudo, no hipertexto, a quase constante possibilidade de reconfiguração, promovida tanto pelos organizadores do *site* quanto pelo fluxo de internautas, contribui de uma forma quase imediata para que esses deslocamentos sejam maiores ainda, pois cada reformulação deixa um aspecto mais ou menos evidente com relação à reformulação

anterior, algo impensável na imprensa escrita, mas aparentemente estruturante na Internet.

No final, há pelo menos dois grandes vetores causando deslocamentos de sentido: 1) o eixo do interdiscurso, com suas filiações político-ideológicas; 2) a movimentação do internauta e dos produtores de texto, que podem inserir modificações para deixar a página mais adequada aos padrões tipológicos do Web Jornal ou por terem detectado um maior fluxo de acessos. Uma outra pista para essa dedução pode ser a inclusão de um maior número de signos para cada *link* e a visível mudança no layout da página, transformando os *links* azuis, dispersos num texto em preto, numa coluna toda composta de *links* azuis e grifados. Isso deixa as possibilidades de navegação mais visíveis, mais claras, na forma de uma lista ou quase um “cardápio”, favorecendo a imagem de uma maior organização e, ainda, devido a um número maior de palavras em destaque, tem-se a impressão da existência de mais conexões hipertextuais.

3.5. SIMPLIFICAÇÃO DAS FORMULAÇÕES

Uma outra questão que se torna visível ao passarmos de uma página para outra diz respeito à mudança de algumas palavras de alguns enunciados. Na figura 9, vemos a manchete “AMERICA UNDER ATTACK”, verbalizando o fato ocorrido em 11 de Setembro de forma a colocar a América na posição de um país que foi atingido por um recente ataque. Na figura 11, a manchete que ocupa esse espaço é descrita como “Terror hits home”, substituindo “attack” por “*terror*”, “America” por “home”, mudando a sintaxe da oração e transformando um enunciado que descrevia um estado em um outro que descreve uma ação. Para analisar esse aspecto, citamos Fairclough (1994, p. 191): “Different perspectives on domains of experience entail different ways of wording them;...” Uma mudança de perspectiva ocorreu de uma página para outra, direcionando uma escolha diferente de palavras para enunciar o fato. Na primeira, a América sofre um ataque, na segunda, o terror ataca a América. Ou seja, a mudança de perspectiva alterou o enunciado e, talvez, a mudança do enunciado altere a perspectiva.

Essas mudanças ocorreram num texto de uma mídia de suporte escrito apenas duas horas e meia após a primeira edição ter sido veiculada, fato impensável num jornal tradicional. Essa possibilidade de mudança constante no conteúdo de uma mídia escrita é um dos elementos fundamentais ao funcionamento da Internet.

Um outro aspecto observável entre o primeiro enunciado e o segundo é a linguagem utilizada na manchete. “AMERICA UNDER ATTACK” é um enunciado típico de uma manchete jornalística, baseada na redução do número de signos para que a mensagem seja compreendida da maneira mais rápida possível e para que ocupe menos espaço, favorecendo o uso de letras maiores e uma leitura mais rápida. De certa forma, essas características foram também mantidas na segunda manchete, “Terror hits home”, um mesmo número de signos e até mesmo um menor número de letras também favorecem uma compreensão rápida da mensagem. “Um bom texto de mídia eletrônica usa sentenças concisas, simples e declarativas, que se atêm apenas a uma idéia” (Ferrari, op. cit. p. 49). Portanto, pode ser verdade que as mudanças sempre ocorram no sentido da simplificação e não o contrário.

Todavia, não é somente o impacto dessa manchete sobre o leitor, discutido anteriormente, que pode ter sido alterado. “Terror hits home” contém traços de uma linguagem mais simplificada e informal, sem as inversões, omissões, reduções e abreviações típicas das manchetes sensacionalistas. “Terror hits home” está muito mais próxima do registro oral que “AMERICA UNDER ATTACK”. A respeito dessa aproximação com a linguagem oral, Fairclough postula:

The shifts of speech towards writing may have had their heyday; contemporary cultural values place a high valuation on informality, and the predominant shift is towards speech-like forms in writing. (1994, p. 204)

Em outras palavras, por meio de um uso mais informal da linguagem, o enunciado desloca-se para uma posição mais próxima dos valores culturais contemporâneos que aproximam a linguagem escrita da oral, perspectivas que também podemos detectar em outros movimentos entre as *home page*. Um outro exemplo pode ser “*U.S. will punish those responsible*” que torna-se “*We’ll hunt them down*”. É possível visualizar algumas mudanças que tornam o registro do segundo enunciado mais próximo da fala. “*U.S.*” é transformado em “*We*” (o uso da terceira pessoa é substituído pelo uso da primeira) , “*punish*” em “*hunt down*” (um verbo de

origem latina cede lugar a um “verbo frasal”) e “*those responsible*” em “*them*” (um pronome toma o lugar de uma oração reduzida). Essas marcas do segundo enunciado deixam-no mais próximo da oralidade. Por um lado, é possível ter-se a sensação de que a mesma coisa está dita de modo diferente, mas por outro, há diferenças entre os sentidos, resultantes da filiação ideológica de cada signo. “*Punish*” é mais incerto, pois não deixa claro qual será o tipo de punição sofrida pelo agressor, mas “*hunt down*” deixa claro que uma caçada irá começar e pressupõe a captura ou abate de uma presa; “U.S.” distancia tanto o presidente quanto aqueles que o ouvem do próprio país de origem, mas “*We*” une os três elementos, significando como um convite para agir ou resgatando o sentido de união (presente no próprio nome do país, *United States of America*). Observamos, assim, mais deslocamentos de sentido em formulações que aparentavam semelhança, e apenas duas horas e meia depois da atualização anterior.

Talvez uma formulação mais apelativa, não ignorando os outros aspectos analisados anteriormente, tenha também por finalidade chamar a atenção do internauta para uma determinada página, para que leia a matéria e veja tudo mais que está contido tanto nela mesma quanto por trás de seus *links*, deixando-o diante do que ele decidiu ver e diante do que a empresa “.com” quer que ele veja, apesar dessa simplificação poder causar o efeito de redução e pressuposição do artigo todo numa única frase, como vimos anteriormente no caso do Talibã.

Quanto mais simples de decifrar for a linguagem, mais rapidamente e em maior quantidade ela poderá ser “consumida”, caso o interesse dos mantenedores do veículo que dá o suporte ao texto tenham a intenção de comercializar o que está em seu conteúdo. Esse processo é a “comodificação”, que Fairclough define da seguinte forma:

Commodification is the process whereby social domains and institutions, whose concern is not producing commodities in the narrower economic sense of goods for sale, come nevertheless to be organized and conceptualized in terms of commodities production, distribution and consumption. (op.cit, p. 207)

Na esteira de Fairclough, tocamos em outro ponto que afeta as formulações e a discursividade da Internet: a comercialização. Ela produz e distribui conteúdos para serem consumidos, pois esta é uma forma para que ela obtenha os insumos

financeiros necessários para a sua existência. Como a linguagem mais próxima das formas orais é mais facilmente e rapidamente decifrada e consumida pelos leitores, é natural que uma “oralização” da linguagem escrita ocorra na Internet. Sobre essa necessidade de consumo rápido, fácil e, por que não, em grande quantidade, Ferrari postula o seguinte:

Preparar informações sob medida para o leitor Web ajuda o jornalista a construir um site vitorioso do ponto de vista de audiência. (FERRARI, 2004, p. 72)

A CNN.com não é um portal, não oferece uma série de produtos para compra e venda, mas ela está inserida nessa rede (ou teia) mundial de computadores, portanto, existe, como podemos observar, uma preocupação com a audiência para construir um *site* vitorioso que seja capaz de se manter no ar. Portanto, aproximar o *site* do leitor é algo que requer o uso de estratégias. Uma delas, como vimos anteriormente, é a constante idéia de renovação. As mudanças no layout causam a sensação de que algo inédito foi colocado no ar e a *home page* volta a chamar a atenção. Outro aspecto pode ser o uso da oralidade na produção dos enunciados, favorecendo uma permanência maior do internauta naquela página, pois ela está escrita numa linguagem mais facilmente decodificável.

Entretanto, essa oralidade pode produzir não somente o efeito de aproximação; outros deslocamentos podem ocorrer. Primeiramente, um deslocamento da forma, que vai instaurando, pouco-a-pouco, uma maneira alternativa de se ler que pode também afetar a maneira de se escrever. Em segundo lugar, existem deslocamentos de sentidos, pois os signos de um enunciado mais próximo da oralidade podem causar alterações na significação. Um deles é visto no deslocamento de “**U.S.**” para “**home**” (*Terror attacks hit U.S.* e *Terror hits home*, anexos 4 e 8, respectivamente). O primeiro aciona aspectos diferentes do segundo, causando diferentes efeitos de sentido. U.S. é um país, mais **impessoal**, distante do leitor, mesmo que americano. “Home” é o **seu lar**, a sua casa, a casa dos americanos. Este signo que se filia a uma rede interdiscursiva diferente, aproximando não somente a assimilação do leitor, mas também aproximando o próprio ataque contra o seu país, a sua casa.

Enfim, podemos verificar que a questão que envolve os deslocamentos de sentido possíveis com a movimentação da Internet pode chegar à beira do infinito. Mas ao observar alguns de seus fenômenos, é possível compreender que as mudanças constantes na forma, favorecidas por esse tipo de suporte, refletem no processo de significação. Cada vez que se reconfigura uma página, mesmo sem a inserção de novos elementos, novas filiações discursivas são acionadas porque um ou outro elemento fica mais visível ou passa a se articular de outra forma, privilegiando mais ou menos uma possível filiação. Esse era um dos pontos que gostaríamos de ter visto e a análise demonstrou que a hipótese é viável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas mentes – não nossas máquinas – processam cultura, com base em nossa existência. A cultura humana só existe em e através das mentes humanas, em geral conectadas a corpos humanos. Portanto, se nossas mentes têm capacidade material de acessar a totalidade da esfera de expressões culturais – selecioná-las, recombina-las – na verdade temos um hipertexto: o hipertexto está dentro de nós, ou antes, está em nossa capacidade interior de recombina e atribuir sentido dentro de nossa mente a todos os componentes do hipertexto que estão distribuídos em muitas diferentes esferas da expressão cultural. (CASTELLS, 2003, p. 142)

Uma das principais características do hipertexto é a possibilidade de constante recombinação, e isso, como afirma Castells (op. cit.), “não é um produto das máquinas, mas atributo nosso”. Caso o ser humano não tivesse a capacidade de acessar a cultura, selecionar as partes que lhe interessam e recombina-las, o hipertexto poderia não existir. Ao adotar-se o nome de hipertexto para o produto da Internet, houve uma apropriação terminológica para nomear a cópia maquínica de um fenômeno humano. Não é a máquina que recombina ou relaciona os textos, é a ação humana.

Porém, nessa relação com a Internet, o processo de recombinação passa para uma outra dimensão. Nesse ambiente de suporte tecnológico, a possível pluralidade de combinações e recombinações que favorece a pluralidade de construções de sentidos é colocada sobre a tela de um computador na forma de *links*. Isso problematiza a atribuição humana de estabelecer relações, pois ela não está mais sozinha e passa a “concorrer” com a forma maquínica. Pelo interdiscurso, um texto sempre aponta para o seu exterior, para outros textos, seja por meio das formulações textuais ou dos signos verbais e não-verbais que as compõem; esse é um dos caminhos que permitem ao ser humano estabelecer hipertextualidade. A Internet propõe *links*, signos ou formulações previamente marcadas em que a filiação discursiva não deixa de ocorrer, mas que causam a impressão de serem eles os apontamentos para outros textos. Em outras palavras, é como se o eixo do interdiscurso pudesse ser pontuado na tela por meio dos *links*. Esse efeito proporciona à Internet a construção de uma imagem na qual habita o imaginário de

uma infinidade de caminhos possíveis e prontos para um leitor, sem que ele precise ter o trabalho de estabelecer as próprias relações. Outrossim, pelo que podemos apurar, isso é uma impressão; não se pode abandonar uma forma para se adotar outra, pois o leitor (nesse caso, o nosso internauta) jamais deixará de estabelecer suas próprias relações, visto que a exterioridade do texto é condição necessária para o funcionamento da língua. No entanto, é viável dizer-se que a impressão causada no imaginário parece ser bastante tentadora: estar diante de um suporte de texto que favorece a leitura de tudo que se precise saber sobre um determinado assunto sem a necessidade de se consultar várias fontes.

Como vimos, o ato de se estabelecer relações entre os textos faz parte da capacidade humana de produzir sentidos, mas entendemos que ela só será feita por iniciativa do próprio leitor. Não estamos necessariamente falando do eixo interdiscursivo que aponta para outros textos e por meio do qual todos os textos podem se relacionar de acordo com as remissões que forem feitas durante a leitura, e que conta com o histórico de cada leitor. Falamos da busca por mais conhecimento sobre um assunto, a leitura de novos textos; o caminho que poderá ser seguido futuramente caso um leitor queira saber mais, buscando em outras fontes a quantidade de informação de que necessita. Essa trilha poderá ser sensibilizada por elementos de um texto, mas será efetuada por iniciativa do leitor.

No caso da Internet, o prosseguimento por essa trilha de busca é estruturante do processo. Não se lê sem abrir *links*; uma *home page* é um convite à navegação que constitui um aspecto funcional da Internet. Esse hipertexto não somente dispõe material para leitura como também propõe o que deve ser lido e o caminho que deve ser seguido, sob uma impressão de liberdade e dinamismo que é dada pela iconografia disposta nas páginas.

Nesse ponto, há uma diferença entre os dois processos, e isso gera mais um efeito que constitui o imaginário sobre a Internet, a descoberta. Um internauta tem diante de si uma tela cheia de “portas” para serem abertas, guardando “segredos” por trás delas para que ele as desvende. O internauta tem a sensação de manipular o texto, escolhendo o que vai ler cada vez que decide qual *link* irá abrir. “Na *Web*, o visitante controla praticamente tudo” (Ferrari, op.cit. p.75), e é nessa forma de

controle, abrindo uma página que se materializa diante dele, que o internauta tem a impressão de desvendar e realizar algo.

Com respeito à realização, a dotação de realidade a um texto quando se materializa num código decifrável na tela do computador, podemos dizer que essa construção faz parte também do imaginário; uma impressão causada pelo fato do hipertexto estar num código eletrônico, não decifrável pela percepção humana, antes de ser visualizado na tela. Por outro lado, há uma realização nos percursos de leitura seguidos pelos internautas. Ao se optar por uma “porta” e não por outra; ao se escolher uma ordem e não outra; ao se decidir pela interrupção da navegação por julgar que uma “plenitude de leitura” foi alcançada, o interauta realiza algo. Ele mobiliza unidades textuais e faz configurações que podem gerar sentidos diferentes uns dos outros.

No processo de geração de sentidos, há também a participação daqueles que desenvolvem e reconfiguram as páginas da Internet. Pelo monitoramento dos movimentos do internauta, eles reformulam as páginas para deixá-las mais adequadas à navegação. Em nosso *corpus*, a mudança de configuração detectada entre a primeira e a terceira *home page* foi tamanha que chega a soar como um descompromisso com a forma do texto. Por outro lado, podemos dizer que o fato desses deslocamentos ocorrerem para deixar a página mais compatível com as necessidades dos usuários representa a manutenção de um compromisso com os aspectos inerentes à tipologia da Internet, um deles, facilitar a navegação do internauta.

A reconfiguração de uma página não acontece sem conseqüências para a formulação de sentidos. Cada vez que um ícone ou um *link* fica mais visível e mais fácil de acessar, novas combinações são possíveis, novos dizeres poderão ser construídos e novos sentidos poderão emergir. Essa reconfiguração pode ocorrer por meio da mudança de posição dos elementos da página, da simplificação das formulações, da migração de elementos que estavam numa página e passam para outra. De toda forma, mesmo sem a inclusão de elementos novos, é possível se gerarem “novidades” no intervalo de poucas horas numa outra modalidade de texto escrito, algo possível em um Web Jornal, mas impensável no jornal impresso em papel.

Em nosso estudo, houve também um aparente afastamento do sujeito, como se ele não fizesse parte do processo. No decorrer do trabalho, verificamos que esse afastamento foi consequência do foco de nossa análise: o hipertexto, sua constituição material, sua maneira de significar e os efeitos de sentido produzidos através da navegação. Isso colocou o sujeito numa posição de articulista dos movimentos, aquele que abre os *links* e lê os textos. Esse fato deixou-nos mais livres para podermos observar melhor os movimentos e elementos do hipertexto da Internet, os quais fazem parte da sua estrutura e se desdobram em produção de sentidos.

Enfim, não é nossa pretensão extinguir todas as possibilidades de discussão, uma vez que esse assunto precisa continuar a ser estudado, pois é um fenômeno em expansão. Todavia, os fatores analisados nessa pesquisa podem apontar para o surgimento de um processo de leitura mais ajustado às formulações que contenham uma idéia de cada vez, devido à simplicidade dos textos que compõem esse universo; num domínio em que os textos possam ser lidos separadamente e artigos jornalísticos possam ser escritos com fragmentos de notícias, o que problematiza a continuidade linear e apresenta uma outra não-linear, de responsabilidade do usuário que terá a impressão de estar livre para escolher o que quiser. Essa forma de leitura pode estar em processo de assimilação, provocando o surgimento de uma nova maneira não somente de ler, mas de escrever e pensar; mais propensa a seguir as trilhas maquínicas da iconografia dos hipertextos da Internet e, talvez, que leve os internautas a seguir essas rotas e correntes de navegação, mesmo que por alguns instantes.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis (1970) *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Ed. Presença, 1980.

ARBIB, M. & HESSE, M. *The Construction of Reality*, UK: Cambridge University Press, 1987.

AUTHIER-REVUS, Jaqueline. *Palavras Incertas: As não-coincidências do dizer*. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, M.M. 1992, *Estética da Criação Verbal*, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____ (Volochinov) (1988) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4 ed. SP: Hucitec,., Publicação original, 1929.

BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos*. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

BETTETINI, Gianfranco. *Semiótica, Computação Gráfica e Textualidade*. In: PARENTE, A. (org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 34, 1993. pp. 65-71.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Lingüísticas*, São Paulo: Pontes, 1996.

BRAIT, Beth.(org) *Bakhtin: Dialogismo e Construção do Sentido*. 2. ed. rev. Campinas- SP: Editora da UNICAMP, 2005.

_____ (org) *Bakhtin: Conceitos-Chave*. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2005a.

_____ Dialogismo em Construção . São Paulo: Editora da UNICAMP. 2005b.

BRANDÃO, H.H.N. (1991). *Introdução à análise do discurso*. 7 ed. Campinas, SP: Ed.da UNICAMP, 2001.

CARMAGNANI, A. M. G. *A Argumentação e o Discurso Jornalístico: a questão da heterogeneidade em jornais ingleses e brasileiros*. São Paulo: LAEL: PUC, 1996. (Tese de Doutorado)

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede*. São Paulo - SP: Paz e Terra, 1999. 1 v.

_____ *A Galáxia da Internet – Reflexões Sobre a Internet, Os Negócios e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

COULTHARD, M. *An Introduction to Discourse Analysis...* London: Longman, 1985.

DENTIN, Serge. *O Virtual nas Ciências*. In: PARENTE, A. (org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 34, 1993. pp. 133-143.

DIZARD, Wilson Jr. *A Nova Mídia – A comunicação de Massa na Era da Informação*. 2 ed. rev. e atualizada. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EINSENBURG, José; CEPIK, Marco. (org.) *Internet e Política – Teoria e Prática da Democracia Eletrônica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*, Cambridge, UK: Cambridge, 1992.

FARACO, C. A., et alii (orgs). *Diálogos com Bakhtin*, Curitiba: Ed.UFPR, 1996.

FERRARI, P. *Jornalismo Digital*, São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. 13 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. (1969). *A Arqueologia do Saber*. Trad. bras. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

GUATTARI, Félix. *Da produção de Subjetividade*. In: PARENTE, A. (org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 34, 1993. pp. 177-191

GUIMARÃES, E. *Semântica do Acontecimento*, Campinas, SP: Pontes, 2002.

HALL, S. (ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. New York: Sage Publications, 1997.

HOUAISS, Antônio & AVERY, Catherine B. *Novo Dicionário Balsa das Línguas e Portuguesa*. New York: Appelton-Century-Corfts, Division of Meredith Publishing company, 1967.

KERCKOVE, Derrick de. *O Senso Comum, Antigo e Novo*. In: PARENTE, A.(org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 34, 1993. pp. 56-64.

LANDAU, Sydney I. *Cambridge Dictionary of American English*. Cambridge – UK: The Press Syndicate of the University of Cambridge, 1999.

LÉVY , P. *A Conexão Planetária*, São Paulo: Editora 34, 2001.

_____ *A Inteligência Coletiva*, São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____ *O que é o Virtual?*, São Paulo: Editora 34, 1996.

_____ *As tecnologias da Inteligência*, São Paulo: Editora 34, 1993.

LUZ, Rogério. *Novas Imagens: Efeitos e Modelos*. In: PARENTE, A. (org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 4, 1993. pp. 49-55.

MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do Discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MORIN, E. *A Cabeça Bem-Feita*. RJ: Ed. Bertrand Brasil, 2000.

ORLANDI, E, P. *Análise de Discurso - Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

PARENTE, A. (Org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 34, 1993.

PINHO, J. B. *Jornalismo na Internet - Planejamento e produção da Informação on-line*. São Paulo – SP: Summus, 2003.

PLAZA, Júlio. *As Imagens da Terceira Geração, Técnico-Poéticas*. In: PARENTE, A.(org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 34, 1993. pp. 72-88.

QUÉAU, Philippe. *O Tempo Virtual*. In: PARENTE, A. (org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 34, 1993. pp. 91-99.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no Ciberespaço – O perfil cognitivo do Leitor Imersivo –* São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *As Teorias da Comunicação – Da Fala À Internet* – São Paulo: Paulinas, 2003.

SAUSSURRE, F. (1916) *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SENRA, Stella. *Max Headroom: o Último Jornalista*. In: PARENTE, A. (org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 34, 1993. pp. 162-172.

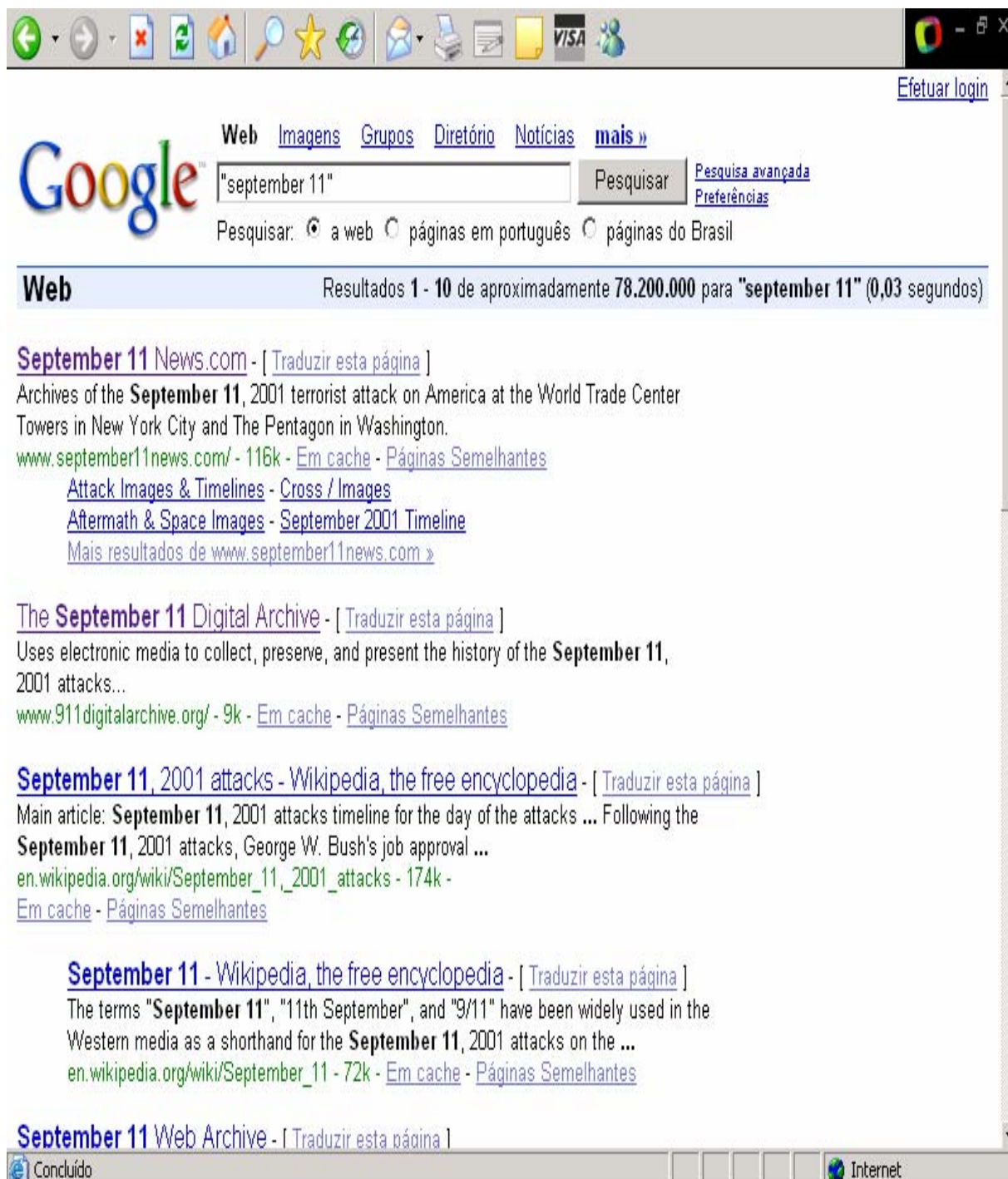
SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). *A Leitura nos Oceanos da Internet.*- São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA-PINHEIRO PASSOS, D.M. *Linguagem, Política e Ecologia. – Uma Análise do Discurso de Partidos Verdes* – São Paulo, SP: FFLCH/USP – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

WEISSBERG, Jean-Louis. *Real e Virtual*. In: PARENTE, A. (org). *Imagem Máquina – A Era das Tecnologias do Virtual*. São Paulo – SP: Editora 34, 1993. pp. 117-126.

ZAPPAROLI, Zilda Maria; CALMONG, André. *Do Léxico ao Discurso pela Informática*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2002.

ANEXOS



The screenshot shows a web browser window displaying Google search results for the query "september 11". The browser's address bar is empty, and the search bar contains the text "september 11". The search results are displayed under the heading "Web" and show "Resultados 1 - 10 de aproximadamente 78.200.000 para 'september 11' (0,03 segundos)".

The first result is from News.com, titled "September 11 News.com - [Traduzir esta página]". The description reads: "Archives of the **September 11**, 2001 terrorist attack on America at the World Trade Center Towers in New York City and The Pentagon in Washington." The URL is www.september11news.com/ - 116k - Em cache - Páginas Semelhantes. Sub-links include "Attack Images & Timelines - Cross / Images", "Aftermath & Space Images - September 2001 Timeline", and "Mais resultados de www.september11news.com »".

The second result is from The September 11 Digital Archive, titled "The **September 11** Digital Archive - [Traduzir esta página]". The description reads: "Uses electronic media to collect, preserve, and present the history of the **September 11**, 2001 attacks..." The URL is www.911digitalarchive.org/ - 9k - Em cache - Páginas Semelhantes.

The third result is from Wikipedia, titled "September 11, 2001 attacks - Wikipedia, the free encyclopedia - [Traduzir esta página]". The description reads: "Main article: **September 11**, 2001 attacks timeline for the day of the attacks ... Following the **September 11**, 2001 attacks, George W. Bush's job approval ...". The URL is en.wikipedia.org/wiki/September_11_2001_attacks - 174k - Em cache - Páginas Semelhantes.

The fourth result is also from Wikipedia, titled "September 11 - Wikipedia, the free encyclopedia - [Traduzir esta página]". The description reads: "The terms "**September 11**", "11th September", and "9/11" have been widely used in the Western media as a shorthand for the **September 11**, 2001 attacks on the ...". The URL is en.wikipedia.org/wiki/September_11 - 72k - Em cache - Páginas Semelhantes.

The fifth result is from the September 11 Web Archive, titled "September 11 Web Archive - [Traduzir esta página]".

The browser's status bar at the bottom shows "Concluído" and "Internet".

ANEXO 01.

CNN.com SPECIAL REPORT

Updated: 4:00 p.m. EDT -- 11 September 2001

SEARCH GO

MAIN PAGE

[WORLD](#)

[U.S.](#)

[WEATHER](#)

[BUSINESS](#)

[SPORTS](#)

[POLITICS](#)

[LAW](#)

[SCI-TECH](#)

[SPACE](#)

[HEALTH](#)

[ENTERTAINMENT](#)

[TRAVEL](#)

[EDUCATION](#)

[CAREER](#)

[IN-DEPTH](#)

[QUICK NEWS](#)

[MULTIMEDIA](#)

[E-MAIL SERVICES](#)

[CNN ON PDA](#)

[ABOUT US](#)

[CNN TV](#)

[show transcripts](#)

[CNN Headline News](#)

[CNN International](#)

[askCNN](#)

CNN EXCLUSIVE



AMERICA UNDER ATTACK

At 8:45 a.m. EDT, the first of two airliners crashed into the World Trade Center, opening a horrifying and apparently coordinated terrorist attack on the United States, which saw the collapse of the two 110-story towers into surrounding Manhattan streets and a later attack on the Pentagon.

[FULL STORY »](#)

[SPECIAL REPORT](#)

COMPLETE COVERAGE

- [Chronology of terror](#)
- World Trade Center towers [collapse](#) after planes hit, 10,000 emergency workers head to scene
- Part of [Pentagon](#) collapses after plane crashes into it; White House, Capitol [evacuated](#)
- American, United both confirm losing two planes each. The American planes alone held about 150 people.
- President Bush: U.S. will "[punish those responsible](#)" | [Statement](#)
- Video: [Plane crashes into World Trade Center](#)

U.S. SCENE:

- [FAA grounds](#) all U.S. flights until noon Wednesday
- Sen. John McCain calls attacks 'act of war'
- U.S. Navy vessels deploy off East Coast
- Kennedy Space Center, LAX, [Disney](#) Florida parks closed

WORLD SCENE

- Israel evacuates embassies
- Taliban issues [statement](#) to tell U.S. 'Afghanistan feels your pain'
- [World shock over U.S. attacks](#)
- [Evacuations amid world chaos](#)
- [Middle East, Asia condemn attacks](#)
- Non-essential NATO employees asked to leave Brussels HQ

ANEXO 03.



Terror attacks hit U.S.

Posted: September 11, 2001



NEW YORK (CNN) -- In an apparently coordinated terrorist attack against the United States, four commercial passenger jets crashed on Tuesday, three of them into significant landmarks.

- American Airlines Flight 11, carrying 81 passengers and 11 crew members, slammed into the north tower of the World Trade Center in Manhattan shortly before 9 a.m. About 15 minutes later, United Airlines Flight 175 from Boston to Los Angeles, with 56 passengers and nine crew members on board, crashed into the south tower.

- Both towers eventually collapsed



← → × ↻ 🏠 🔍 ☆ 🌐 📧 🖨️ 🔄 📄 VISA 👤

AMERICA UNDER ATTACK



Terror from the sky

Terror struck at the heart of United States security Tuesday when an aircraft crashed into the Pentagon and two planes crashed into the World Trade Center in Manhattan, collapsing both of the massive towers of the landmark building and filling New York's financial district with smoke.

The White House, the Capitol, State Department and other federal buildings were evacuated. The Federal Aviation Administration shut down airports around the country as reports of more possible attacks filtered in. The nation entered a state of shock. [MORE »](#)

 <p>World Trade Center crumbles</p> <p>New York's financial district fills with smoke and fear as the city copes with massive disaster. MORE >></p>	 <p>Panic in capital</p> <p>Federal buildings in Washington are evacuated following a series of explosions, including a devastating hit on the Pentagon. MORE >></p>	 <p>Plane crashes</p> <p>The Federal Aviation Administration halts air traffic throughout the country following reports of a series of hijackings and crashes. MORE >></p>	 <p>World reacts</p> <p>Governments around the world put their forces on alert and join in a chorus of condemnation over the series of deadly attacks on the United States. MORE >></p>	<p>Resources</p> <p>Gallery: Aftermath of the attacks</p> <p>Info: World Trade Center, Pentagon, 767</p> <p>Timeline: Past terrorism attacks on</p>
---	--	--	--	--

Concluído Internet

ANEXO 05.

CNN.com / U.S.

SEARCH GO

[MAIN PAGE](#)
[WORLD](#)
[U.S.](#)
[WEATHER](#)
[BUSINESS](#)
[SPORTS](#)
[POLITICS](#)
[LAW](#)
[SCI-TECH](#)
[SPACE](#)
[HEALTH](#)
[ENTERTAINMENT](#)
[TRAVEL](#)
[EDUCATION](#)
[CAREER](#)
[IN-DEPTH](#)

[QUICK NEWS](#)
[LOCAL](#)
[COMMUNITY](#)
[MULTIMEDIA](#)
[E-MAIL SERVICES](#)
[CNN ON PDA](#)
[ABOUT US](#)

CNN TV
[what's on](#)
[show transcripts](#)
[CNN Headline News](#)
[CNN International](#)
[askCNN](#)

Chronology of terror

September 11, 2001 Posted: 3:41 PM EDT (1941 GMT)

WTC gone **2 p.m.: Senior FBI sources tell CNN they are working on the assumption that the four airplanes that crashed were hijacked as part of a terrorist attack.**

1:48 p.m.: President Bush leaves Barksdale Air Force Base in Louisiana aboard Air Force One and flies to an undisclosed location.

1:44 p.m.: The Pentagon says five battleships and two aircraft carriers will leave the U.S. Naval Station in Norfolk, Virginia, and head to positions in the New York area and along the East Coast. The carriers are to provide upgraded air defense for the New York and Washington areas.

1:27 p.m.: A state of emergency is declared by the city of Washington.

"Attacks cowardly" **1:04 p.m.: Bush, speaking from Barksdale Air Force Base, says that all appropriate security measures are being taken, including putting the U.S. military on high alert worldwide. He asks for prayers for those killed or wounded in the attacks and says: "Make no mistake, the United States will hunt down and punish those responsible for these cowardly acts."**

Internet

ANEXO 06.

CNN.com SPECIAL REPORT

SEARCH GO

MAIN PAGE

WORLD

U.S.

WEATHER

BUSINESS

SPORTS

POLITICS

LAW

SCI-TECH

SPACE

HEALTH

ENTERTAINMENT

TRAVEL

EDUCATION

CAREER

IN-DEPTH

QUICK NEWS

MULTIMEDIA

E-MAIL SERVICES

CNN ON PDA

ABOUT US

CNN TV

show transcripts

CNN Headline News

CNN International

askCNN

Updated: 4:23 p.m. EDT -- 11 September 2001

AMERICA UNDER ATTACK

CNN EXCLUSIVE



Terrorists strike New York, D.C.

At 8:45 a.m. EDT, the first of two airliners crashed into the World Trade Center, opening a horrifying and apparently coordinated terrorist attack on the United States, which saw the collapse of the two 110-story towers into surrounding Manhattan streets and a later attack on the Pentagon.

[FULL STORY »](#)

[SPECIAL REPORT](#)

COMPLETE COVERAGE

- [Chronology of terror](#)
- World Trade Center towers [collapse](#) after planes hit, 10,000 emergency workers head to scene
- Part of [Pentagon](#) collapses after plane crashes into it; White House, Capitol [evacuated](#)
- American, United both confirm losing [two planes each](#). The American planes alone held about 150 people.
- President Bush: U.S. will "[punish those responsible](#)" | [Statement](#)
- Video: [Plane crashes into World Trade Center](#)

U.S. SCENE:

- [FAA grounds](#) all U.S. flights until noon Wednesday
- Sen. John McCain calls attacks 'act of war'
- U.S. Navy vessels deploy off East Coast
- Kennedy Space Center, LAX, [Disney](#) Florida parks closed

WORLD SCENE

- Israel evacuates embassies
- Taliban issues [statement](#) to tell U.S. 'Afghanistan feels your pain'
- [World shock over U.S. attacks](#)
- [Evacuations amid world chaos](#)
- [Middle East, Asia condemn attacks](#)
- Non-essential NATO employees asked to leave Brussels HQ

RESCUE AND AFTERMATH:

<http://web.archive.org/web/20010911203051/http://www2.cnn.com/CAREER/>

Internet

ANEXO 07.

CNN.com SPECIAL REPORT

Updated: 06:33 p.m. EDT (2233 GMT) -- 11 September 2001

SEARCH GO

MAINPAGE

[WORLD](#)

[U.S.](#)

[WEATHER](#)

[BUSINESS](#)

[SPORTS](#)

[POLITICS](#)

[LAW](#)

[SCI-TECH](#)

[SPACE](#)

[HEALTH](#)

[ENTERTAINMENT](#)

[TRAVEL](#)

[EDUCATION](#)

[CAREER](#)

[IN-DEPTH](#)

[QUICK NEWS](#)

[MULTIMEDIA](#)

[E-MAIL SERVICES](#)

[CNN ON PDA](#)

[ABOUT US](#)

CNN TV

[show transcripts](#)

[CNN Headline News](#)

[CNN International](#)

[askCNN](#)

EDITIONS

[CNN.com Asia](#)

[CNN.com Europe](#)

[set your edition](#)

AMERICA UNDER ATTACK



Terror hits home

As rescue workers tried to reach the injured and recover the dead at the World Trade Center and the Pentagon, explosions were seen and heard in Kabul, Afghanistan. President Bush will address the nation tonight.

[FULL STORY »](#)

[COMPLETE COVERAGE FROM CNN.COM »](#)

[SPECIAL REPORT »](#)

COMPLETE COVERAGE

- [World Trade Center towers collapse after hit](#)
- [Crash destroys part of Pentagon](#)
- [White House, Capitol evacuated](#)
- [American, United confirm losing planes](#)
- [Bush: 'We'll hunt them down' | Statement](#)
- [U.S. officials: More attacks can't be ruled out](#)
- [Attacks strike financial markets](#)

U.S. SCENE

- [FAA grounds all U.S. flights until noon Wednesday](#)
- [U.S. military on 'high alert'](#)
- [Major sports events postponed](#)

WORLD SCENE

- [Taliban statement: 'Afghanistan feels your pain'](#)
- [World in shock | Evacuations amid chaos](#)
- [Middle East, Asia condemn attacks](#)

RESOURCES AND RESCUE

[The view from the World Trade Center](#)
[Emergency contact information](#)

VIDEO

[Watch video](#)

PHOTO GALLERY

[Aftermath of](#)

CHRONOLOGY

[At 8:45 a.m.](#)

EXTRA INFO

[World Trade](#)

ANEXO 08.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)